




Coleção
Documentos
77

A REPÚBLICA BRASILEIRA EM PAUTA: ALEGORIAS E EFEMÉRIDES

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS

CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

A REPÚBLICA BRASILEIRA EM PAUTA: ALEGORIAS E EFEMÉRIDES





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

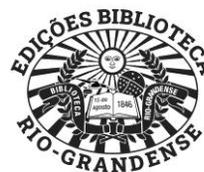
A REPÚBLICA BRASILEIRA EM PAUTA: ALEGORIAS E EFEMÉRIDES



- 77 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2023

Ficha Técnica

Título: A República Brasileira em pauta: alegorias e efemérides

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 77

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 9 dez. 1911.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Maio de 2023

ISBN – 978-65-89557-71-5

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

ÍNDICE

Uma *Galeria Histórica* acerca do primeiro aniversário republicano / 9

O 15 de Novembro celebrado nas representações iconográficas de *O País* / 71

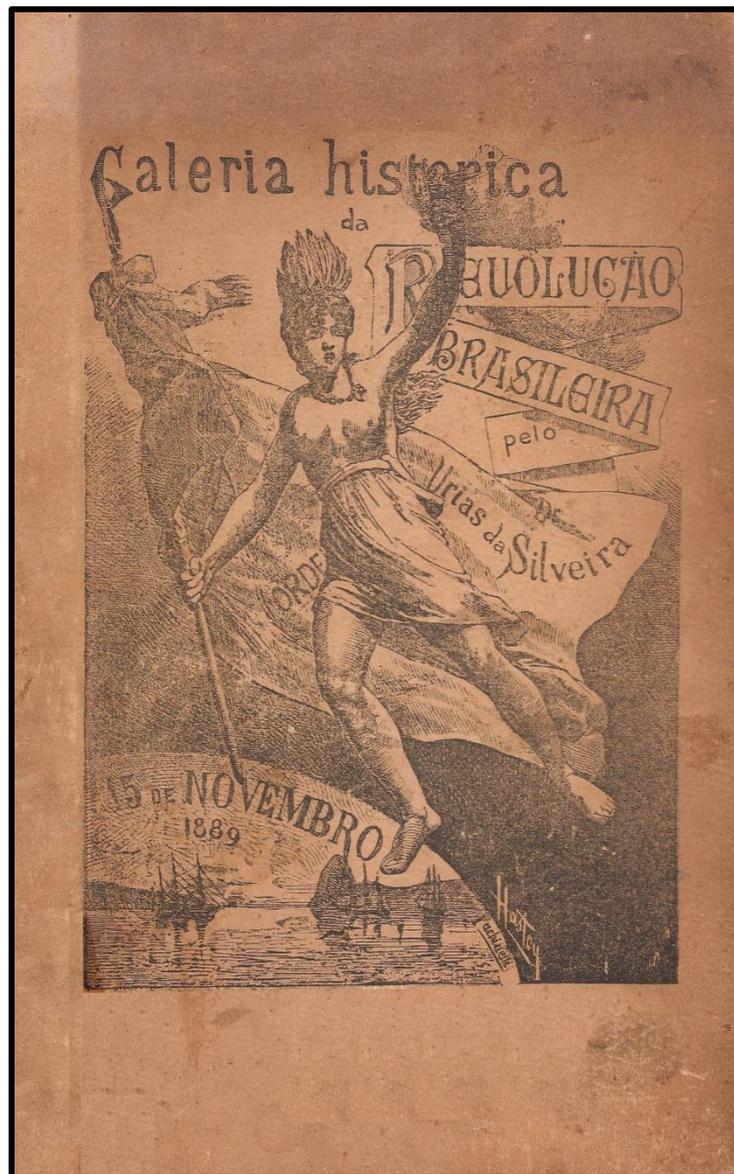
A dama do barrete frígio em revistas ilustradas cariocas e paulistanas / 103

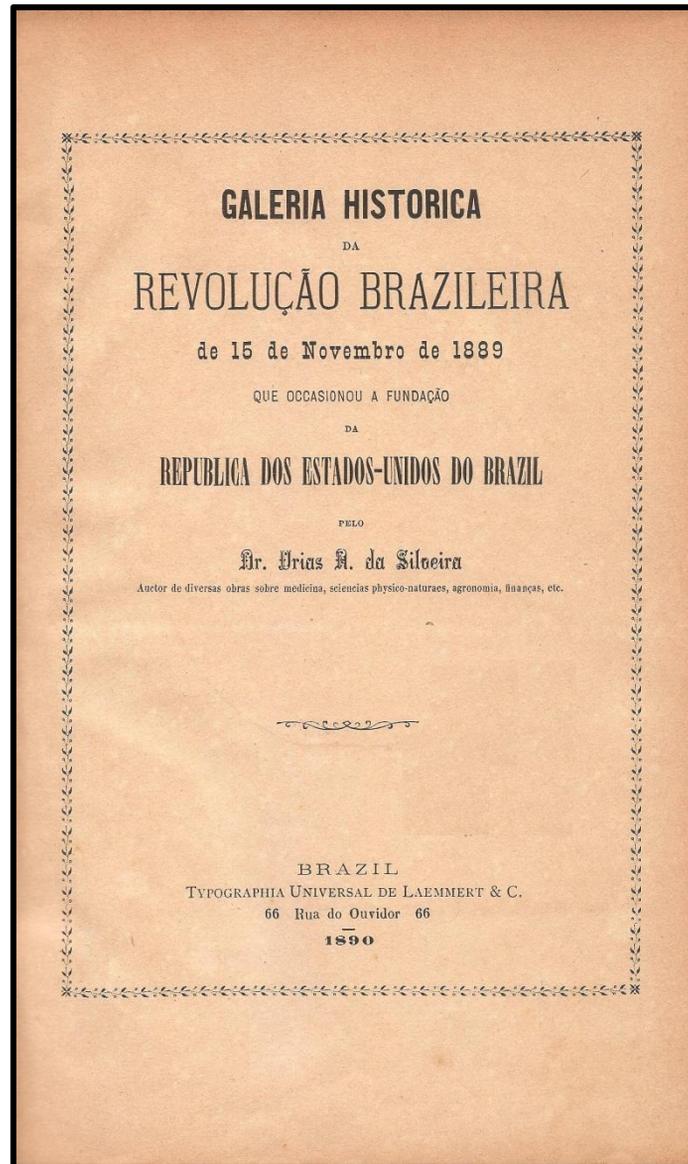
UMA *GALERIA HISTÓRICA* ACERCA
DO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO
REPUBLICANO

O 15 de Novembro do ano de 1890 marcou a passagem do primeiro aniversário da forma de governo republicana. Mesmo que tivesse passado um ano, o regime ainda era ditatorial; não havia uma nova constituição; o propalado plebiscito popular, que deveria referendar ou não a transformação institucional, não foi realizado (e só viria a ocorrer mais de um século depois); e a crise econômica que assolava o país permanecia, com uma desenfreada especulação financeira, amplas dificuldades cambiais e constantes denúncias de corrupção. Algumas liberdades individuais foram suprimidas, mormente a de expressão, tolhida por medidas governamentais que visavam a controlar a imprensa, fator agravado com as perseguições e empastelamentos de jornais. Na política internacional, o debate quanto às fronteiras já ganhava força, como no caso da região em disputa com a Argentina, com as forças governativas buscando adotar uma solução ineficaz que seria barrada no parlamento. Além disso a chamada “grande naturalização” impunha a nacionalidade brasileira aos estrangeiros residentes no Brasil, que deixassem de se manifestar contrariamente, gerando protestos de cidadãos insatisfeitos com tal prática. Pouco antes de novembro, foram realizadas eleições para os membros da Constituinte, em setembro, havendo acusações de fraudes eleitorais. No próprio 15 de novembro de 1890 foi instalada a Assembleia Nacional Constituinte, que viria a dotar o país de um novel arcabouço eleitoral, em fevereiro de 1891, sem que, um mês antes, houvesse uma crise ministerial, que reorientaria os rumos governamentais.

Apesar dessa tensão inicial, a efeméride marcada pela passagem do primeiro 15 de Novembro contou com ações solenes e festividades que iniciavam um processo histórico, pelo qual tal dia viria a se afirmar como uma das datas nacionais e cívicas do Brasil. Um desses atos comemorativos ocorreu a partir do lançamento de uma publicação alusiva. Tratava-se do livro *Galeria Histórica da Revolução Brasileira*, de autoria de Urias da Silveira, editado no Rio de Janeiro pela Tipografia Universal de Laemmert & Cia., uma das importantes casas editoriais da época¹. O caráter de exaltação da efeméride e a exortação cívica de vários dos personagens que teriam participado da mudança política no Brasil construíam o intento fundamental do livro, publicado em capa dura e contendo na mesma uma figura indígena – tradicional representação da nação brasileira – que, com o pavilhão nacional em uma das mãos e uma coroa de louros, relativa ao ato comemorativo, na outra, estando esta em ascensão, pairando no ar, em referência à altura do fato celebrado, inscrito na parte baixa da ilustração. A folha de rosto trazia um título ampliado em relação aquele apresentado na capa, no sentido de esmiuçar o âmago da obra. A utilização do termo “revolução” já demonstrava a intenção do livro, em dar um caráter de exortação em torno do golpe militar que derrotou a monarquia, com o escopo de elevá-lo entre os tantos fatos cívicos nacionais, (re)construídos pelos novos detentores do poder.

¹ SILVEIRA, Urias Antônio da. *Galeria Histórica da Revolução Brasileira de 15 de Novembro de 1889 que ocasionou a fundação da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de Laemmert & Cia, 1890.





Urias Antônio da Silveira nasceu na localidade mineira de Turvo, em 1848, filho de Vicente José da Silveira e Ana Cândida da Silveira. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendeu sua tese em 28 de setembro de 1872. Após clinicar em sua província natal, estabeleceu-se na localidade fluminense de Barra Mansa. Além da *Galeria Histórica* em questão, apresentou *Do diagnóstico e tratamento das dispepsias*, texto de conclusão do Curso de Medicina sobre a ação fisiológica e terapêutica da pepsina e proteína, entre outros temas (1872). Foi ainda de sua lavra *Memória sobre as águas minerais de Caxambu* (1884). Também publicou *Formulário magistral de terapêutica*, com a organização de apontamentos (1884). Editou igualmente *Formulário de terapêutica brasileira ou o tesouro do médico prático*, segunda edição do título anterior, contendo temas médicos; cirurgia e higiene; costumes, leis, climas, geologia, topografia, flora, fauna e patologia das províncias do Brasil; além de métodos de tratamento e a possível curabilidade de todas as moléstias; inúmeras fórmulas magistrais e oficinais; publicado em dois volumes (1888-1889). Foi autor de *A doença e o remédio ou diagnóstico, prognóstico e tratamento de todas as moléstias médicas e cirúrgicas do quadro nosológico brasileiro*, contendo o tratamento profilático e cirúrgico de todas as moléstias das crianças (1889). Escreveu *A doença e o remédio*, sobre as moléstias das mulheres, a ginecologia, o estudo da higiene feminina, puberdade, idade adulta, gravidez e parto (1890). Também no mesmo ano da edição em pauta, trouxe a público *Fontes de riqueza dos Estados Unidos do Brasil*, apresentando o segredo para se adquirir em pouco tempo e com pouco trabalho grande fortuna e

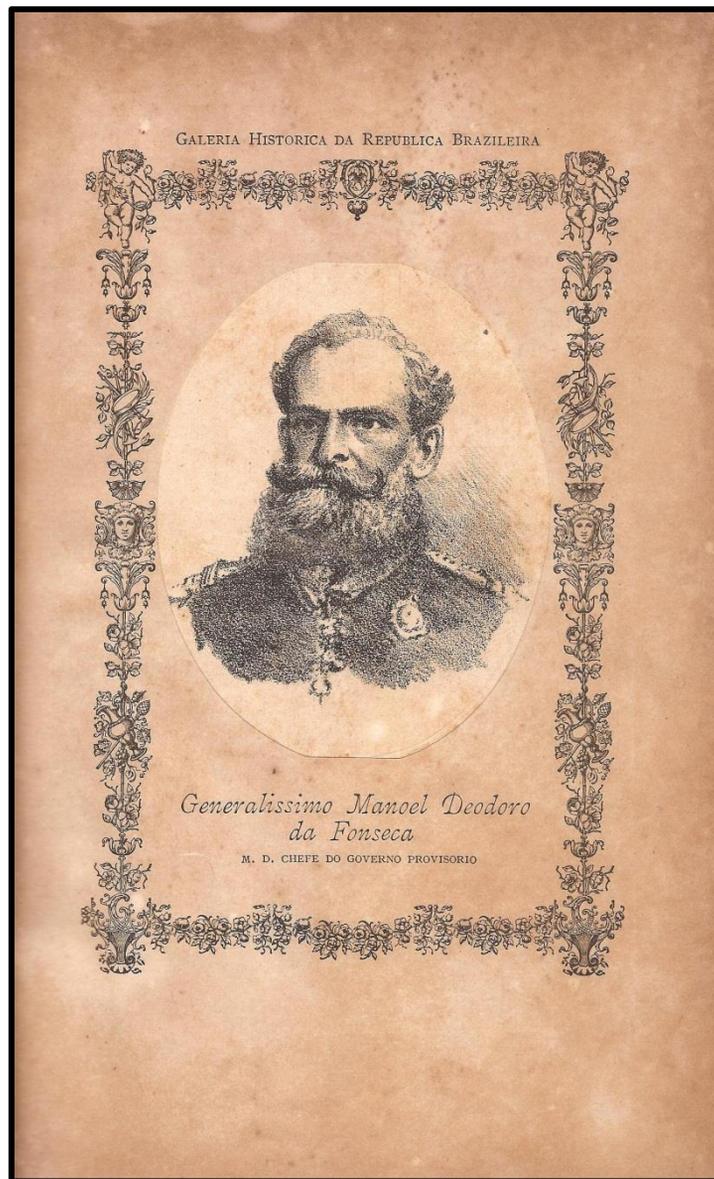
completa independência (1890). Especificamente sobre a *Galeria Histórica* e sua natureza cívica foi destacada a presença de estampas litografadas, representando os vultos mais eminentes da revolução e do Governo Provisório², denotando o seu sentido laudatório e até mesmolouvaminheiro. Apesar de uma carreira de produção bibliográfica mais vinculada aos assuntos médicos, o autor da *Galeria* demonstrava interesse por outras temáticas, muitas delas vinculadas às potencialidades do Brasil, como dizia na própria folha de rosto da publicação, segundo a qual ele seria autor de diversas obras versando sobre tópicos além da sua área de formação, como ciências físico-naturais, agronomia e finanças, entre outras.

O caráter panegírico da publicação ficava demarcado já na dedicatória do livro, impressa em cor diferenciada, na qual “o humilde autor” consagrava a obra “ao ínclito e denodado generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca”, considerado como “personificação vivíssima dos mais sublimes e acendrados sentimentos da distinta e invicta classe militar brasileira – Exército e Armada”, de modo que aquele denominado pelo escritor como “insignificante trabalho” era destinado “como sincera homenagem de respeito e admiração” aos “talentos e virtudes heroicas” do proclamador da república. O protagonismo do chefe do Governo Provisório também era evidenciado por ser o primeiro retrato estampado no livro, bem como ocupava a posição central na representação

² BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. v. 7, p. 334-335.

iconográfica da proclamação, a qual seguia a linha de tentar demonstrar uma participação popular no ato, que acabou por ser muito pouco efetiva.





A REPÚBLICA BRASILEIRA EM PAUTA: ALEGORIAS E EFEMÉRIDES



As ideias iniciais foram expressas por Urias da Silveira no segmento denominado “Preliminares”, no qual ele discorria sobre o termo “revolução, que demarcava o título da obra. Segundo ele “revolução quer dizer toda mudança considerável na organização política de um povo qualquer”, especificando que haveria “revoluções que se efetuam pouco a pouco, muito lentamente, pelos progressos das luzes e dos costumes”, ao passo que “outras se fazem com ruído, bruscamente, violentamente, em pouco tempo”. Considerava ainda que “a revolução afirma sempre de uma maneira inteiramente especial os esforços violentos que de tempos a tempos fazem os povos mais adiantados para conquistar uma liberdade política e civil”, para os quais “até então lhes tinha sido negada ou concedida com insultuosa parcimônia”. Especificava que se os governos todos se fundassem sobre a justiça” e “preenchessem seu dever, que é, por toda a parte e sempre, proteger os fracos e trabalhar constantemente para o aperfeiçoamento das instituições no sentido do bem estar geral”, poderiam haver “motivos justos de censurar o espírito revolucionário”.

Buscando modelos no contexto internacional, o autor dissertava que “a história da humanidade mostra que as revoluções trazem sempre em seu bojo um bem aproveitável aos povos”, servindo como exemplos as revoluções na França e na Inglaterra, as quais, apesar de terem feito “correr rios de sangue”, teriam deixado “gravadas em seus códigos para todas as nações presentes e vindouras, as leis sublimes e eternas que estabelecem a igualdade dos homens, o direito de sua libertação e o dever de se unirem pelos sacrossantos laços da fraternidade”. Especificamente quanto ao caso nacional, dizia que “a revolução

do dia 15 de novembro de 1889 operou em todas as manifestações da vida política, social e administrativa do Brasil uma profunda e completa transformação”. Definia ainda que “a ninguém, nacionais e estrangeiros, que se acham vinculados a este majestoso torrão pelos laços de família, de comércio, ou de quaisquer outros interesses” ficasse indiferente diante dos “momentosos acontecimentos que se realizaram antes, durante e depois dessa memorável data”.

Silveira demarcava que, “por amor ao método”, dividira a obra em três partes. Na primeira constavam “noções sucintas, mas completas, sobre o que se deve entender por governos, república e monarquia”. Já na segunda era “narrada a história do Brasil desde a descoberta da América, por Cristóvão Colombo, até o dia 15 de novembro de 1889”, período apontado como “importantíssimo por mais de um título”, uma vez que, a partir dele, poderia “o benévolo leitor” ter “ocasião de notar que a ideia de um governo republicano começou a ser manifestada pelos primeiros povoadores desta parte do continente sul-americano” e que tal “gérmen foi pouco e pouco se desenvolvendo, depois frondou e criou profundas raízes, tornando impossível nos dias que correm a estabilidade da instituição monárquica”, ainda que na “sua forma geralmente aceita – constitucional e representativa”. Nessa linha, buscava evidenciar “que lentos, demorados, mas ponderosíssimos foram os motivos que deram em resultado o êxodo da família do Sr. Pedro II, com a extinção de sua dinastia”, os quais teriam legitimado “o acontecimento do dia 15 de novembro”. Finalmente a terceira parte era “composta da relação de todos os

atos do Governo Provisório” até o momento da edição do livro, bem como “da narração minuciosa e clara da evolução dos fatos que imediatamente precederam, dos coevos e dos que seguiram”.

Ele esclarecia também que aos três segmentos acrescentara “uma sorte de polianteia composta dos artigos de fundo dos principais jornais da Corte”, os quais eram apontados como os “mais fieis do que quaisquer outros” e que teriam sido “testemunhas oculares dos fatos”. Somava ainda ao conteúdo “mensagens e adesões dos Estados”, entre outros documentos, e os “retratos de todos os personagens que imediata ou remotamente tomaram parte na fundação da República dos Estados Unidos do Brasil” e “de suas biografias”. Segundo o autor, “para se apreciar todos esses sucessos com calma, longe e já distanciados dos dias em que tiveram lugar, no concheço do lar doméstico ou no remanso do gabinete”, seria “preciso encontrá-los minuciosamente e metodicamente classificados por ordem aos minutos, às horas, aos dias em que cada fato se sucedia”, de maneira “que todos os menores atos, todos os mais insignificantes, como todos os mais notáveis acontecimentos, se desfilem aos olhos do leitor”, o qual “ávido e naturalmente curioso, ou por interesse de qualquer outra ordem, deseja conhecê-los com clareza”.

Ao abordar o tema de “governos, administração e regime”, o autor defendia que “os governos constituem os representantes e os órgãos ativos dos interesses gerais e coletivos”, considerando que os mesmos são uma instituição imprescindível para a existência de uma sociedade organizada, demarcando a relevância da figura do chefe de governo para a manutenção desse mesmo

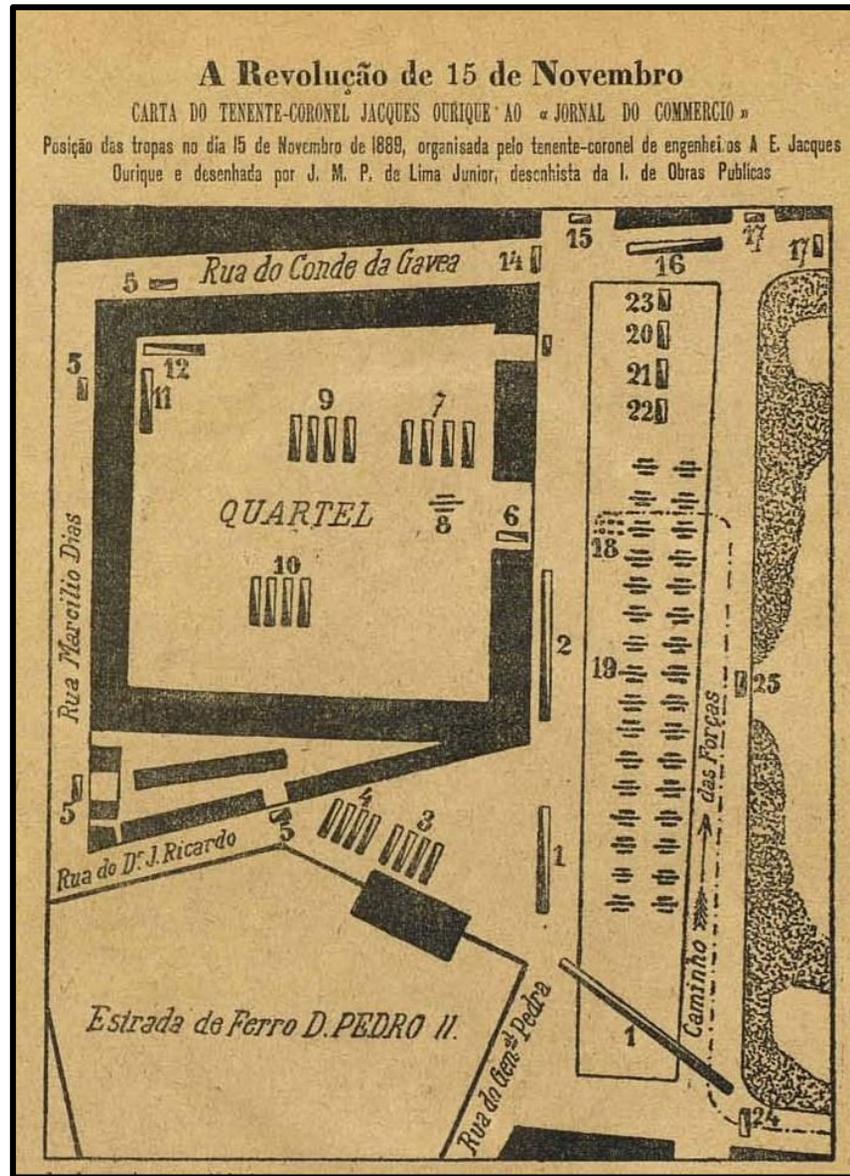
grupo social. Quanto às formas de governo, tomando partido, Silveira apontava que “a nobre palavra de república tomou um sentido mais profundo e mais extenso, uma acepção mais lata”, pois ela estaria a despertar “na memória o pensamento do governo por excelência, o ideal das constituições políticas” e, “enfim, a organização definitiva das sociedades humanas”. Segundo ele, todas as outras formas de governo seriam “inferiores” em relação à república, passando a tecer comentários acerca das experiências republicanas ao longo do devir histórico, mais especificamente na antiguidade, no medievo, nos tempos modernos e na contemporaneidade. A mesma abordagem era realizada de modo mais sucinto quanto à monarquia, contra a qual o escritor se posicionava, estabelecendo severas críticas para com os princípios básicos de tal regime.

No “esboço da História do Brasil” desde o século XV até 1889, Urias da Silveira deu ênfase à descoberta da América e à do Brasil, enaltecendo o papel de determinados personagens, como Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral. Em seguida, passava a descrever certos detalhes acerca do Brasil, como a localização, a extensão, os limites fronteiriços, as bacias hidrográficas, a costa atlântica e o quantitativo populacional. Também tecia considerações sobre cada uma das vinte antigas províncias, transformadas em estados, a partir da mudança da forma de governo, bem como a respeito do Município Neutro. Ele também apresentava um quadro comparativo quanto à superfície e à população entre o Brasil e os demais países da América do Sul, bem como um mapa comparativo entre as províncias brasileiras e os principais Estados da Europa, igualmente em termos de superfície e população. Levando em conta a

conjuntura brasileira, ainda abordou temas como densidade demográfica, liberdades individuais, relevo, riquezas minerais e condições climáticas. Em relação à formação histórica, destacou as primeiras colonizações; os governantes originais, as primeiras ideias emancipacionistas, entre 1786 e 1792, com ênfase para a Inconfidência Mineira; a presença da Família Real no Brasil; a Revolução Republicana em Pernambuco; a Regência do Príncipe D. Pedro; os Reinados de Pedro I e Pedro II, acompanhados de sua biografias e envolvendo a época regencial e as revoltas de tal período.

No que tange à “época contemporânea e imediatamente posterior ao dia 15 de novembro de 1889” e a polianteia organizada, o autor selecionou os acontecimentos que julgou dignos de destaque, descrevendo-os em ordem cronológica, além de citar vários trechos de artigos publicados em periódicos como o *Jornal do Comércio*, a *Tribuna Liberal* e o *Diário do Comércio*. A seguir, transcrevia o texto dos atos colocados em prática pelo Governo Provisório durante seus primeiros dias, assim como apresentou pronunciamentos de militares, em clara alusão à sua perspectiva de destacar uma versão oficial para os episódios que narrava. Houve um segmento da publicação voltado a “biografias”, destinado a abordar militares como o major Marciano de Magalhães, o capitão Mena Barreto, o tenente Sebastião Bandeira, o major Inocêncio Serzedelo Correa, Major Frederico Sólon e o chefe do último gabinete imperial, o visconde de Ouro Preto. Ainda apareciam outros documentos e o autor dizia fechar o seu “despretensioso trabalho” citando os pormenores descritos pelo tenente-coronel Jacques Ourique no *Jornal do Comércio*,

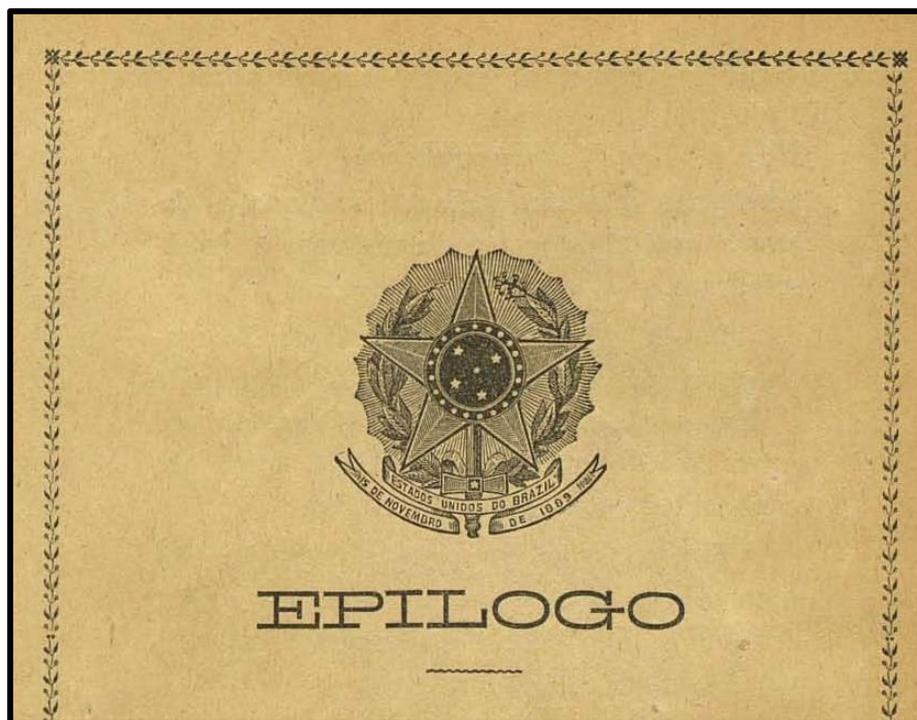
acompanhado de “mapa zincografado”, trazendo a posição das tropas em 15 de novembro de 1889.



1. Imperiaes; marinheiros.
2. Fuzileiros navaes.
3. Policia da côrte, infantaria comman-
dada pelo major Valladão.
4. Policia da côrte, cavallaria comman-
dada pelo major Cicero Galvão.
5. Guardas.
6. Guardas do 1º de infantaria.
7. 7º batalhão de infantaria.
8. Metralhadora guarnecida por impe-
riaes e sob o commando do tenente
Retumba.
9. Bombeiros.
10. Companhia de policia da côrte sob o
commando do coronel Andrade Pinto
11. Força de bombeiros.
12. Força do 1º de infantaria.

13. 50 praças do 10º batalhão.
14. Piquete do general Deodoro.
15. Guarda do 10º batalhão de infantaria.
16. 1º regimento de clavineiros.
17. Guardas de clavineiros do 1º regimento.
18. General Deodoro, seu estado-maior e piquete.
19. 16 Canhões Krupp de 7,5, do 2º regimento.
20. 9º regimento de cavallaria.
21. Companhia de policia da provincia.
22. Guarda do 7º de infantaria.
23. Alumnos da escola superior de guerra.
24. Guarda de lanceiros do 1º regimento.
25. Guardas de infantaria nos quatro porções do jardim.

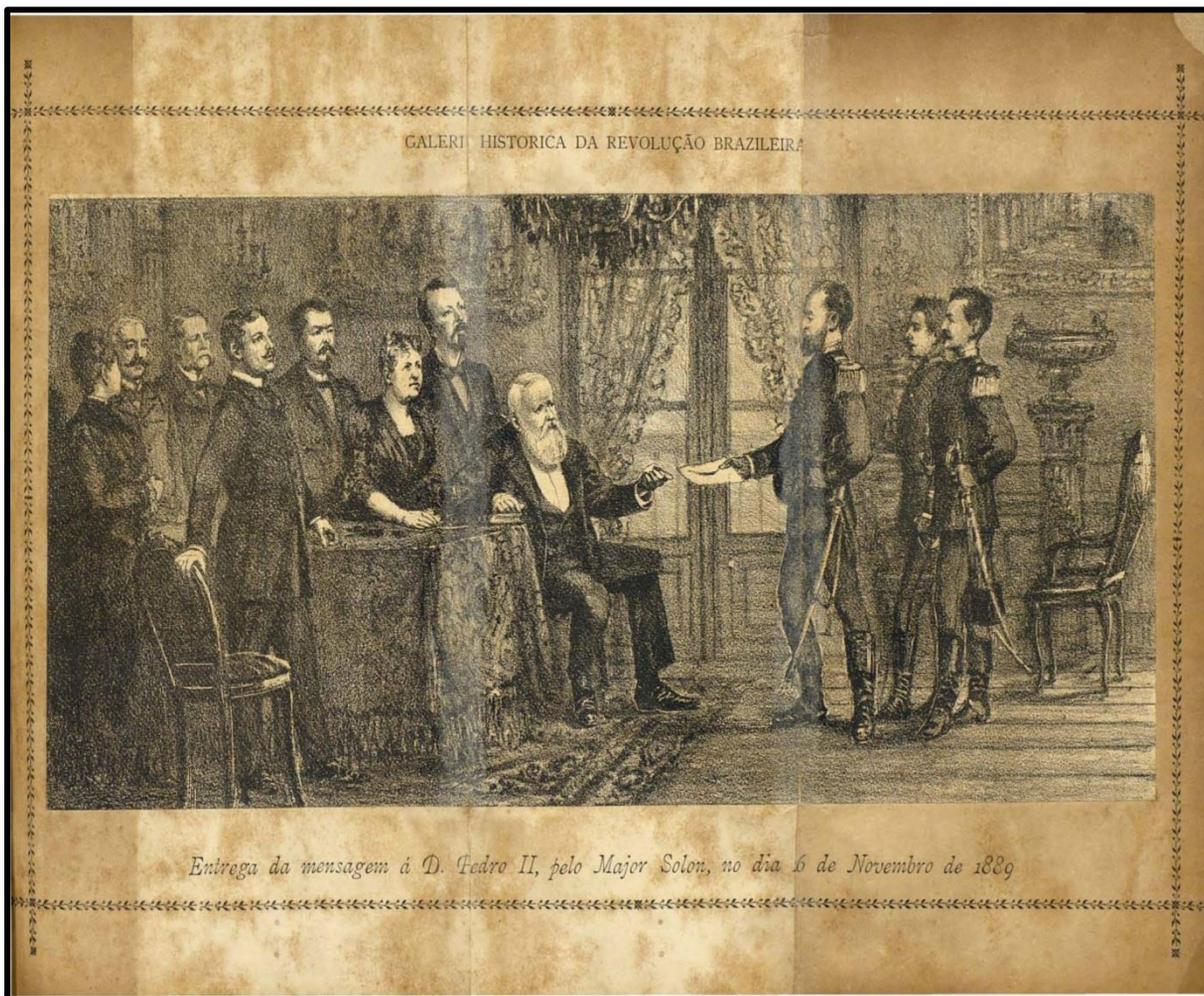
Ao final, Urias Antônio da Silveira apresentou um “Epílogo”, ilustrado com o brasão do Brasil Republicano, trazendo “a narração do movimento militar e civil que foi operado pelos patriarcas da proclamação da República dos Estados Unidos do Brasil”, considerando que o mesmo seria “a chave de ouro” de seu livro. Na intenção de demarcar que o golpe republicano não fora apenas fruto da ação militar, o autor ressaltou que, “na última parte” de seu “humilde trabalho”, o seu “amável leitor” encontraria “lucidamente desenvolvido o movimento operado pelo povo e pelo Exército e Armada, com o fim de fundarem o governo republicano no Brasil”. Dizia que aqueles “detalhes históricos” teriam sido por ele “colhidos em fontes puríssimas, de pessoas fidedignas que não podiam desvirtuar os fatos a que eles próprios assistiram e determinaram”. Especificava ainda que, “do dia 12 de outubro a 15 de novembro, os heróis da revolução conspiraram noite e dia, surda e diligentemente, pondo em prova o valor do leão, com cujo nome são conhecidos os soldados brasileiros”. De acordo com ele, ficaria “assim completa a narração dos momentosos fatos que ocorreram antes, durante e logo depois da sempre memorável revolução brasileira”.

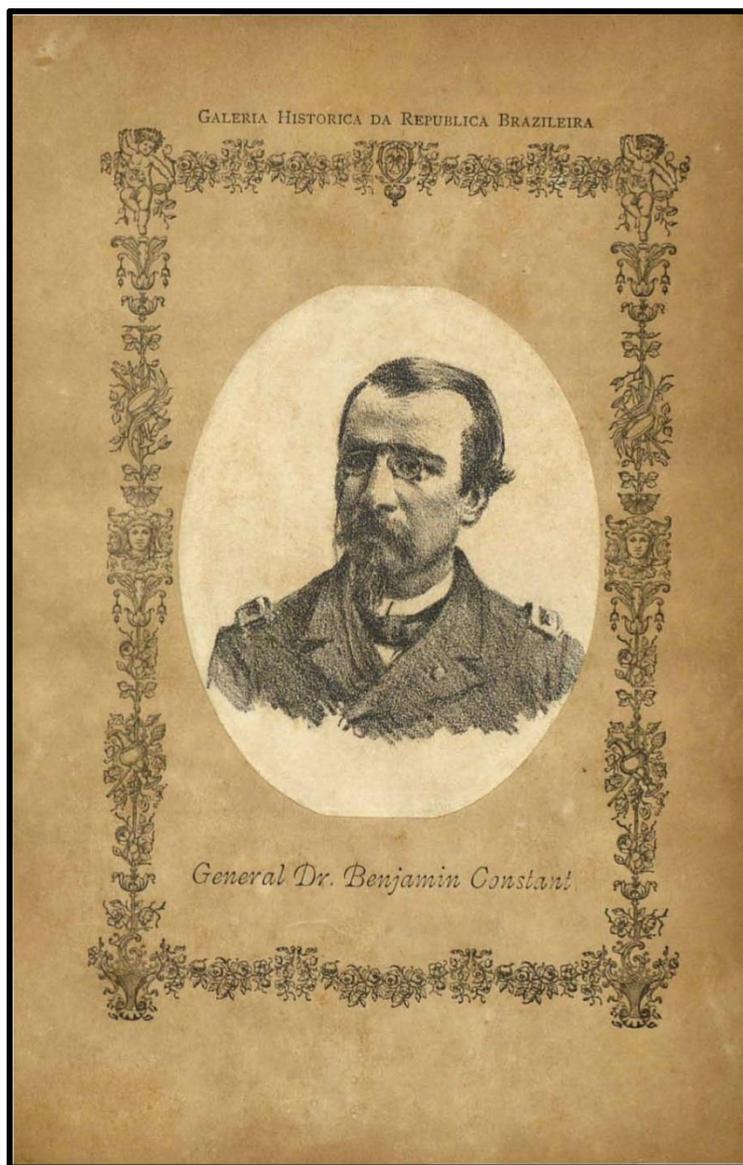


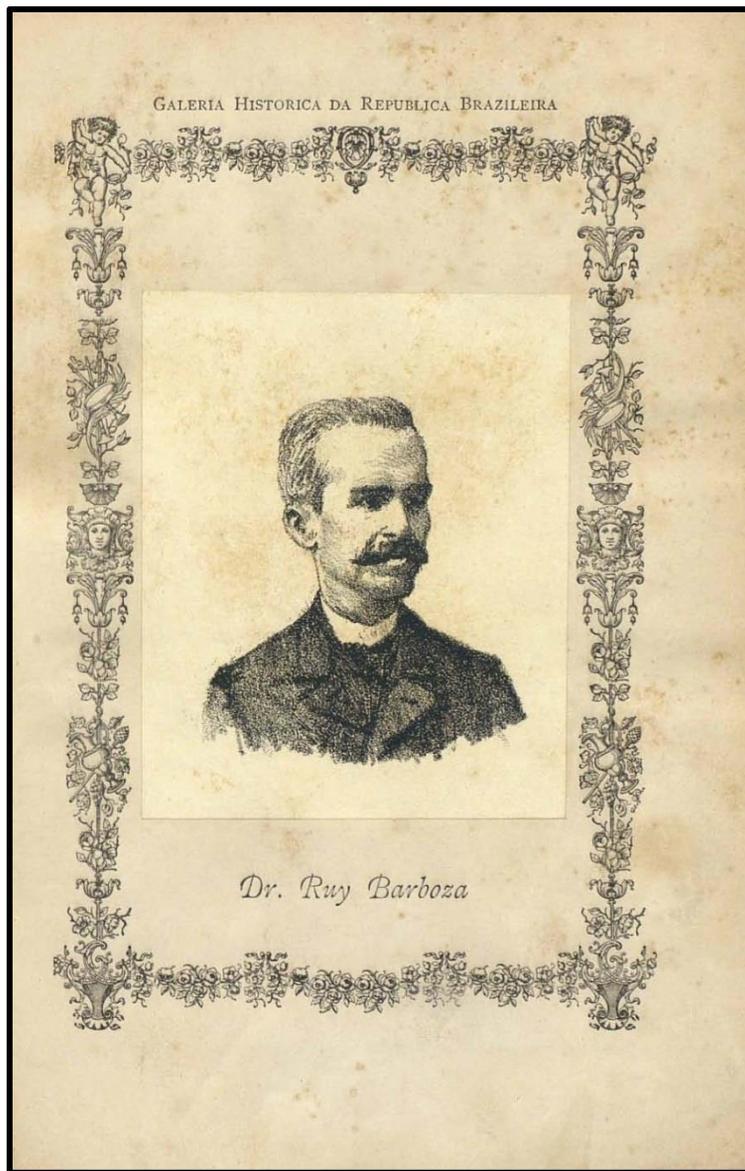
Um dos pontos altos da obra, como inspirava o seu próprio título, era o material imagético. Ao final do livro, o autor cumprimentava a N. Facchinetti e G. Hastoy, apontados como “distintos príncipes da arte de Miguel Ângelo”, a quem devia “a fineza da parte litografada”, por ele “concebida e por eles fielmente esculpida em pedra”. O primeiro era Nicola Antonio Facchinetti, pintor, desenhista, cenógrafo e professor ítalo-brasileiro, que se fixou no Rio de Janeiro, ficando conhecido pelos registros artísticos que realizou sobre a cidade. Já o

outro é o pintor espanhol Gustavo Hastoy que, pouco depois, viria a elaborar a obra iconográfica que registrou a assinatura do projeto da Constituição de 1891. As litografias apresentadas na “Exposição histórica” privilegiaram os participantes do movimento republicano e dos atos que levou ao derruir monárquico, sem deixar de lado alguns registros sobre os decaídos do poder. A grande predominância foi a dos retratos de tais personagens, embora tenha havido outras manifestações da arte litográfica.

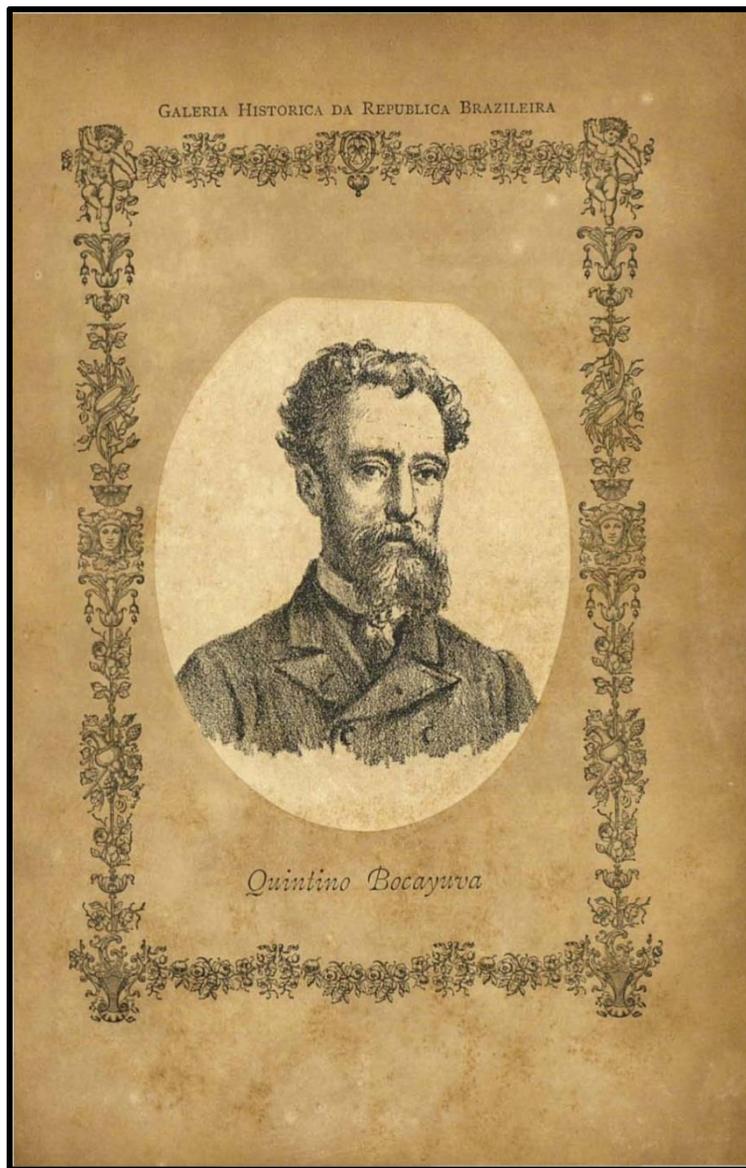
Conforme identificado anteriormente, o protagonismo coube a Deodoro, o primeiro retrato apresentando, assim como a estampa que representaria uma suposta aclamação popular ao ato da mudança institucional. Em seguida apareceriam algumas das personalidades civis e principalmente militares, que se vincularam à propaganda antimonárquica e/ou participaram das ações que levaram à proclamação da nova forma de governo. A gravura que demarcava a transição era aquela na qual o major Sólon entregava a D. Pedro II a mensagem que o destituía do poder, condenando-o e à sua família ao exílio. Depois de Deodoro, o primeiro retrato a aparecer era o de Benjamin Constant Botelho de Magalhães, militar fluminense com significativa atuação no movimento republicano, chegando a ser considerado como o ideólogo do novo regime e alocado entre os “patriarcas” da república, além de atuar como Ministro da Guerra no Governo Provisório. Rui Barbosa era outro dos retratados no livro, jurista, político, jornalista e diplomata baiano, com notória atuação nas primeiras décadas republicanas, foi membro do Governo Provisório, cabendo-lhe a pasta da Fazenda.

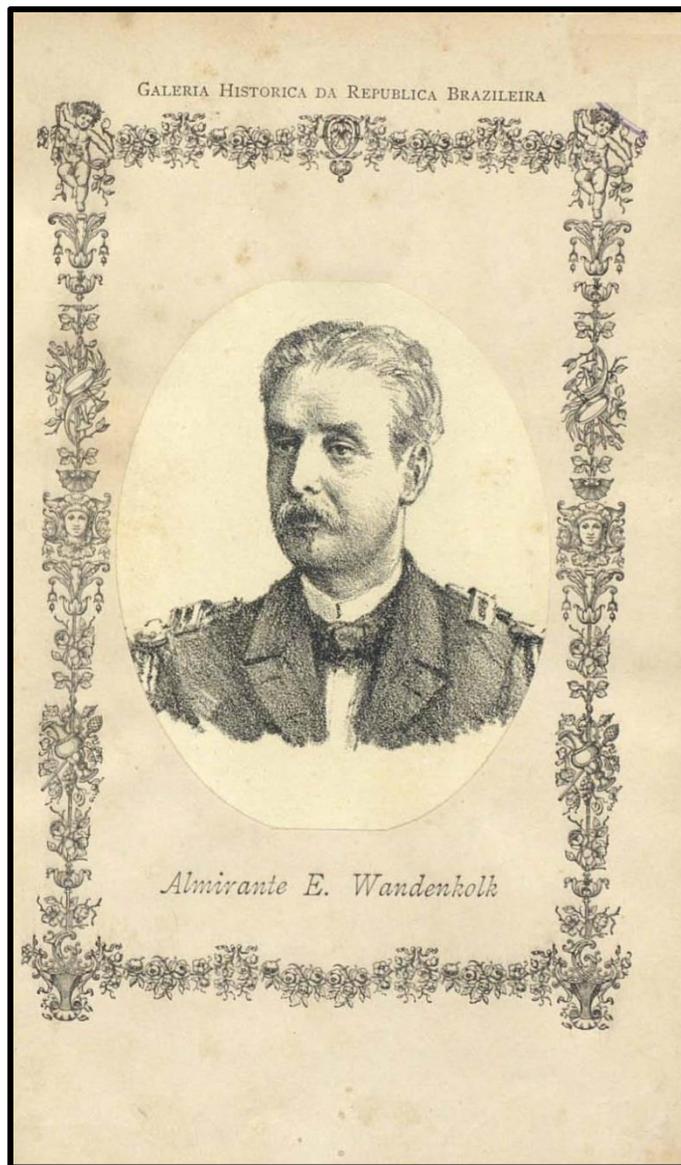


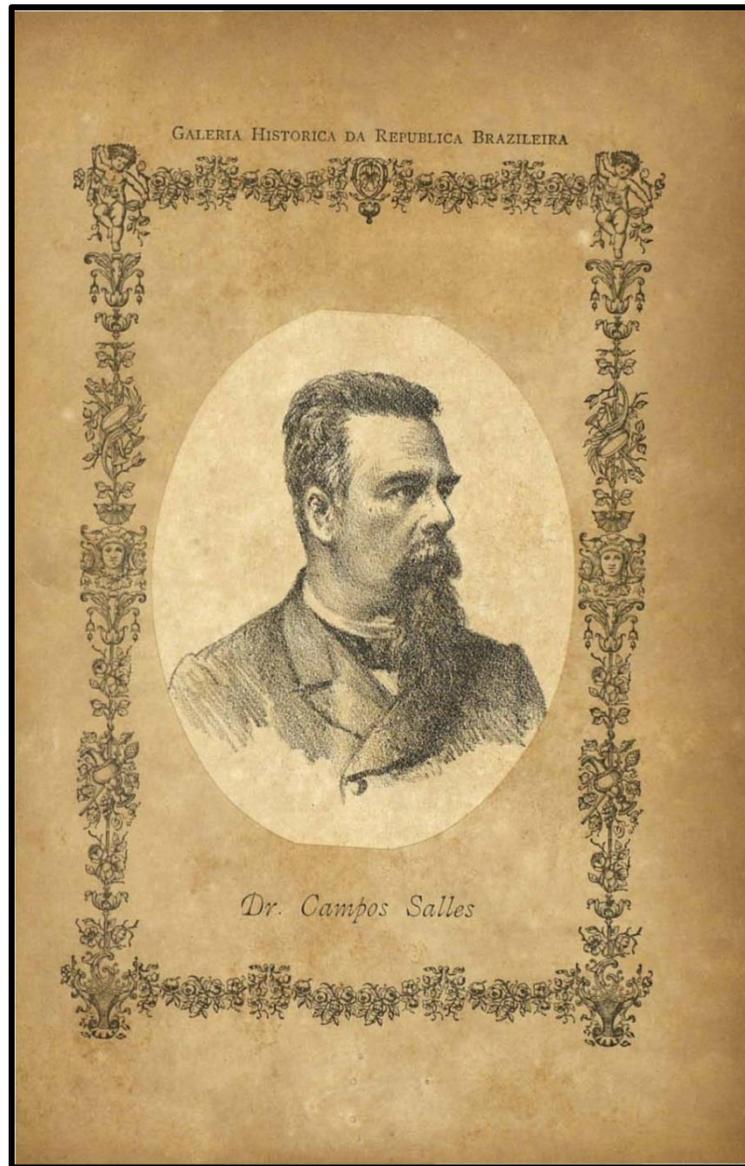


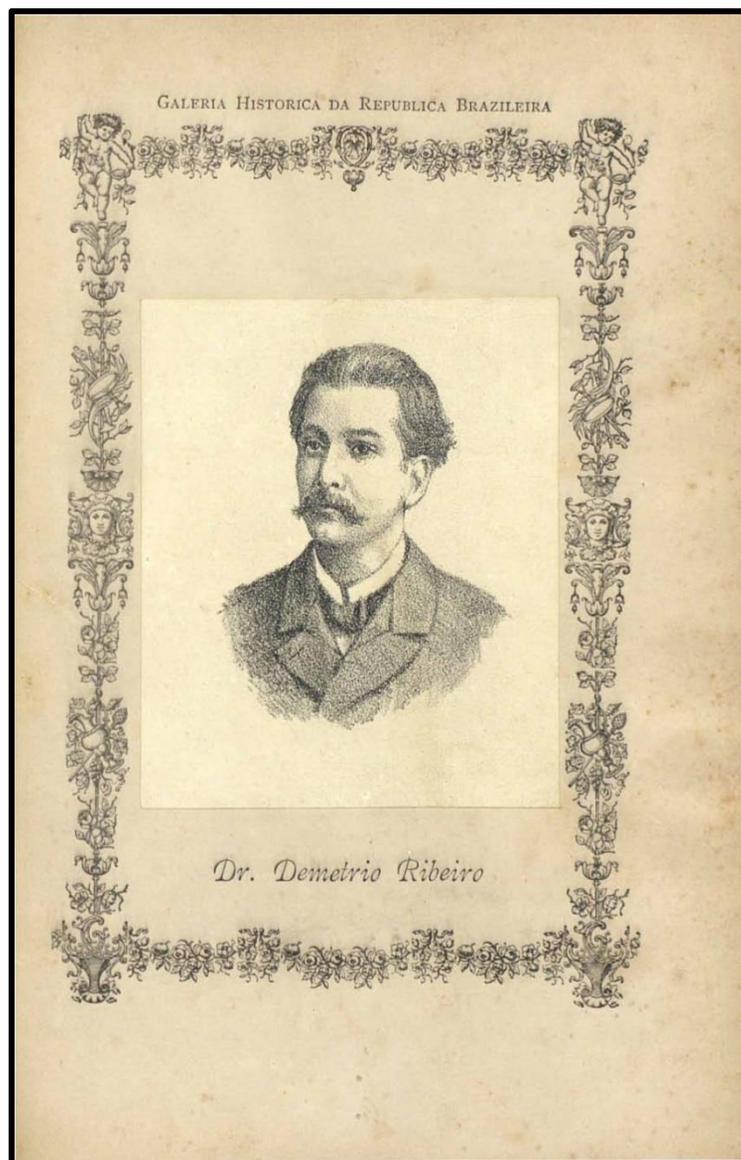


Considerado como uma espécie de personalização do movimento republicano brasileiro, o jornalista e político fluminense Quintino Bocaiuva foi um dos mais importantes propagandistas republicanos e compôs o Governo Provisório como Ministro das Relações Exteriores. O militar carioca, político e almirante da Marinha, Eduardo Wandenkolk, responsável pela pasta da Marinha no Governo Provisório, também compôs a “Exposição histórica”. Outro personagem em destaque foi Manoel Ferraz de Campos Salles, político paulista que ocupou cargos administrativos no Executivo estadual e federal, compondo o ministério do Governo Provisório, como Ministro da Justiça. Demétrio Nunes Ribeiro, engenheiro, professor, jornalista e político gaúcho, ocupou a posição de Ministro da Agricultura no primeiro governo republicano também teve o seu retrato em destaque. O jornalista, propagandista republicano e político Aristides Lobo, igualmente membro do Governo Provisório, como Ministro do Interior, foi outro dos retratados. Ainda esteve entre eles Francisco Glicério de Cerqueira Leite, político paulista, com intensa participação no movimento republicano e na vida parlamentar brasileira, e que substituiu Demétrio Ribeiro na pasta da Agricultura do Governo Provisório. Político e parlamentar mineiro tanto na época imperial quanto na republicana, José Cesário de Faria Alvim, substituto de Aristides Lobo no Ministério do Interior, teve igualmente a sua imagem registrada. Dentre eles esteve também o jornalista e político paulista João Batista de Sampaio Ferraz, que integrou a administração original republicana, como Chefe de Polícia do Rio de Janeiro, cargo considerado relevante, inclusive com nomeação de parte do Presidente da República.

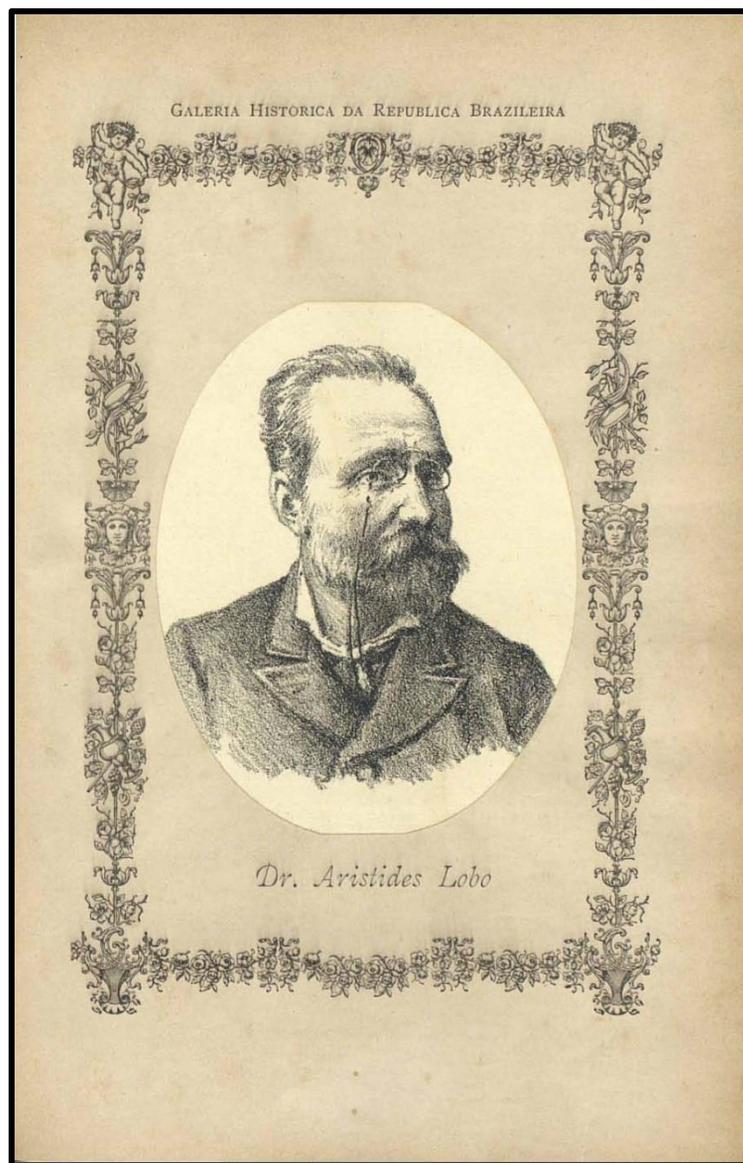


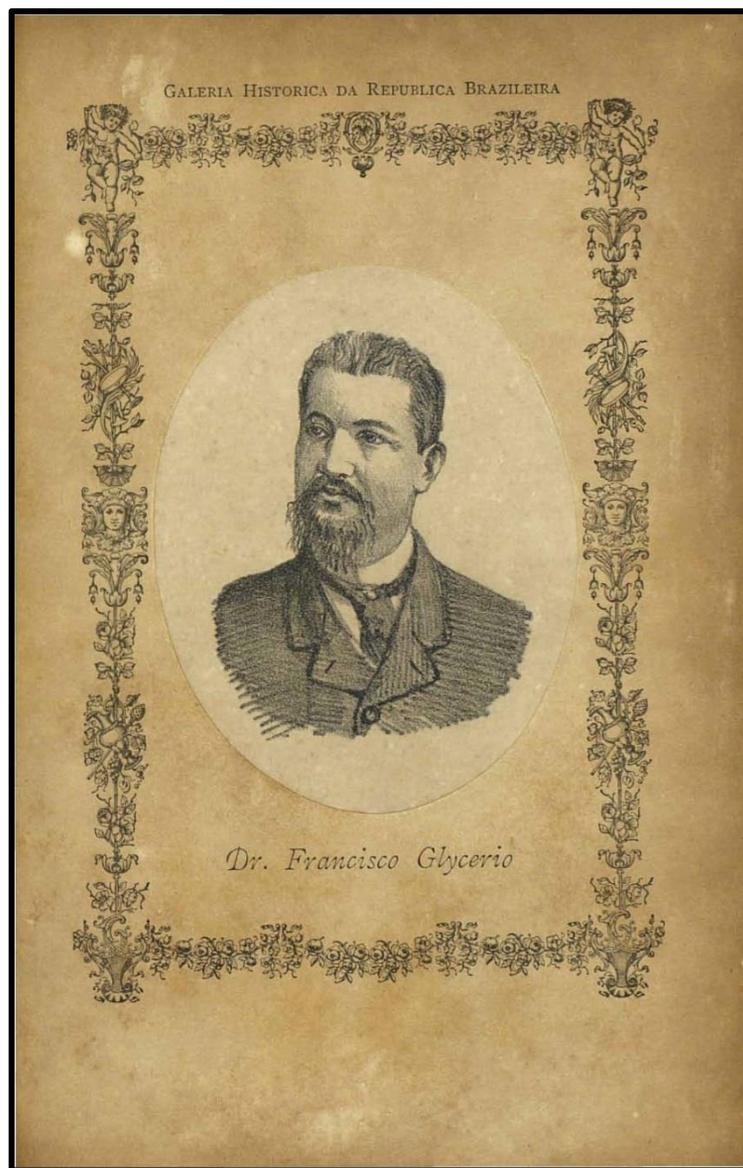


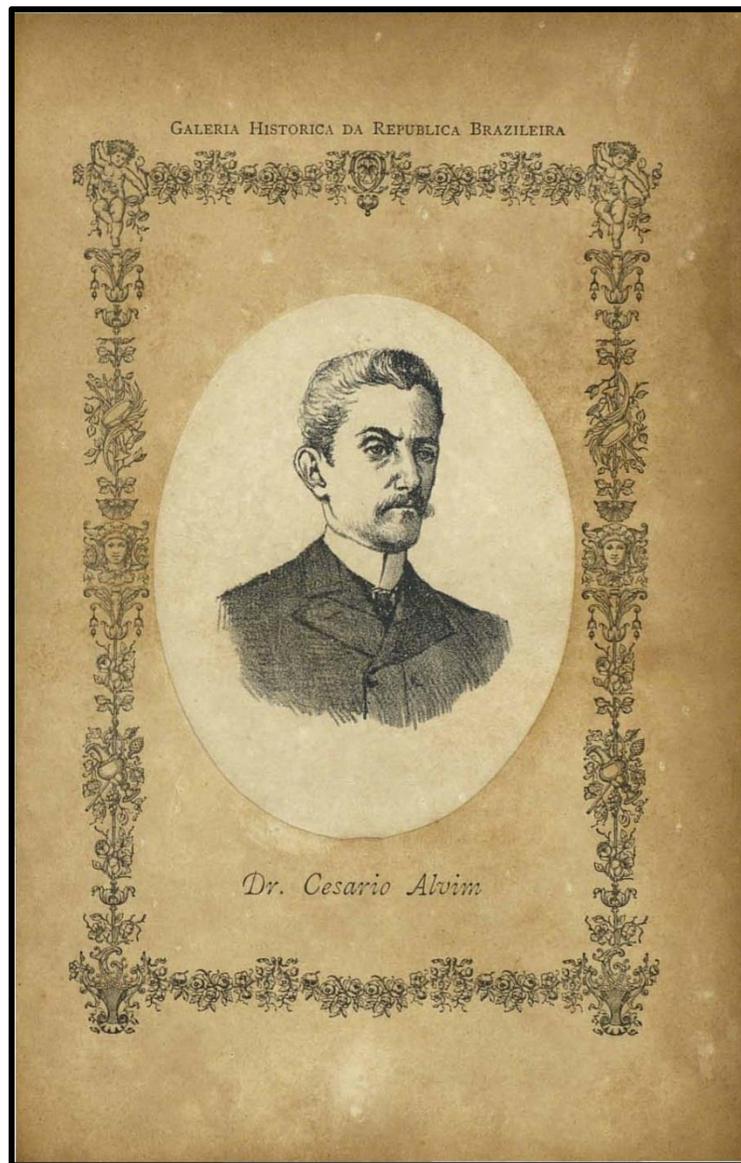


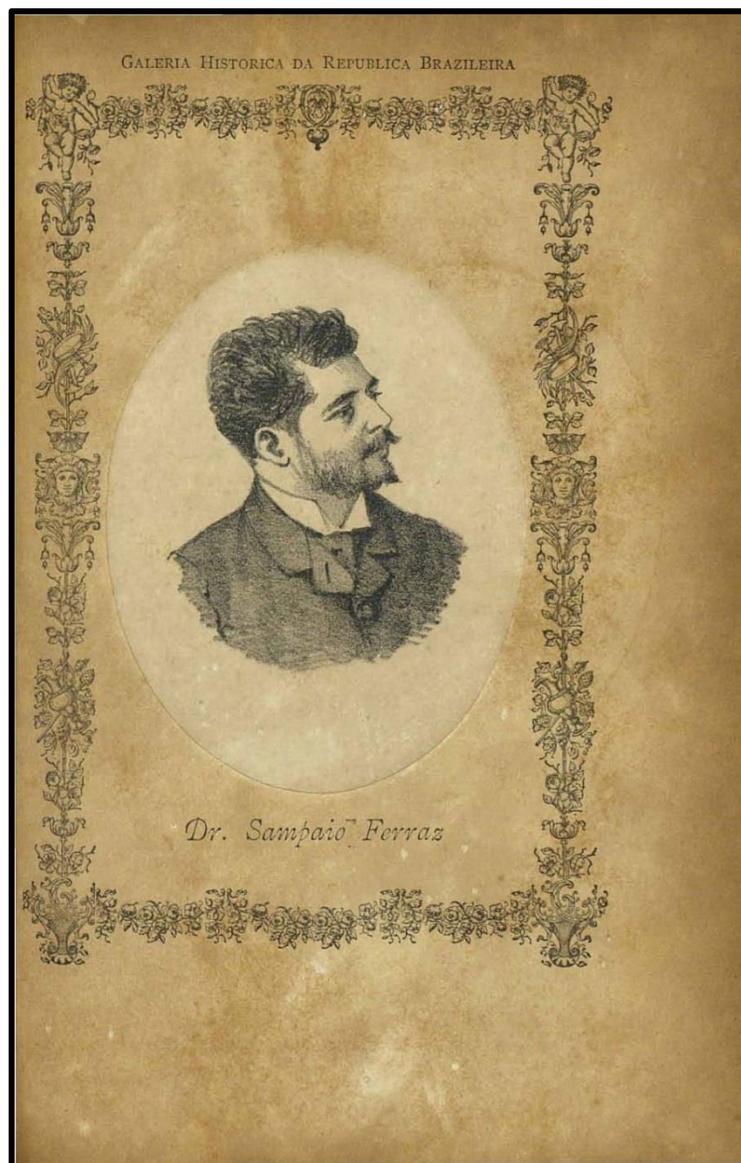


FRANCISCO DAS NEVES ALVES

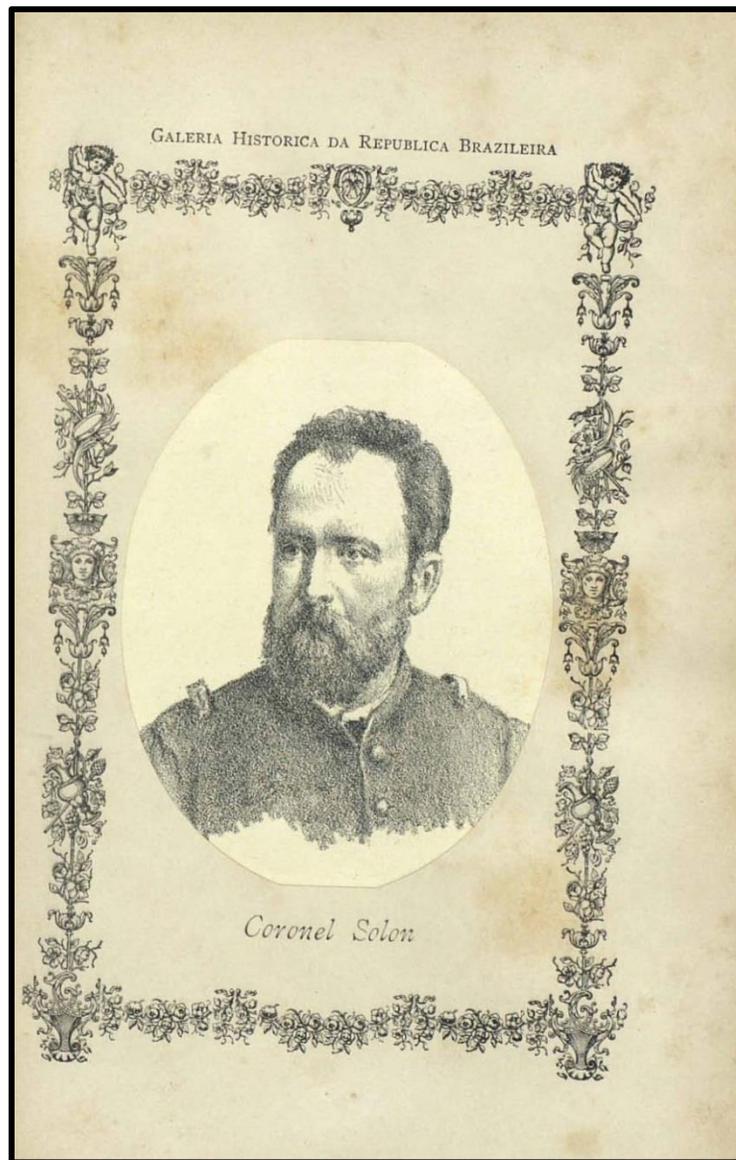


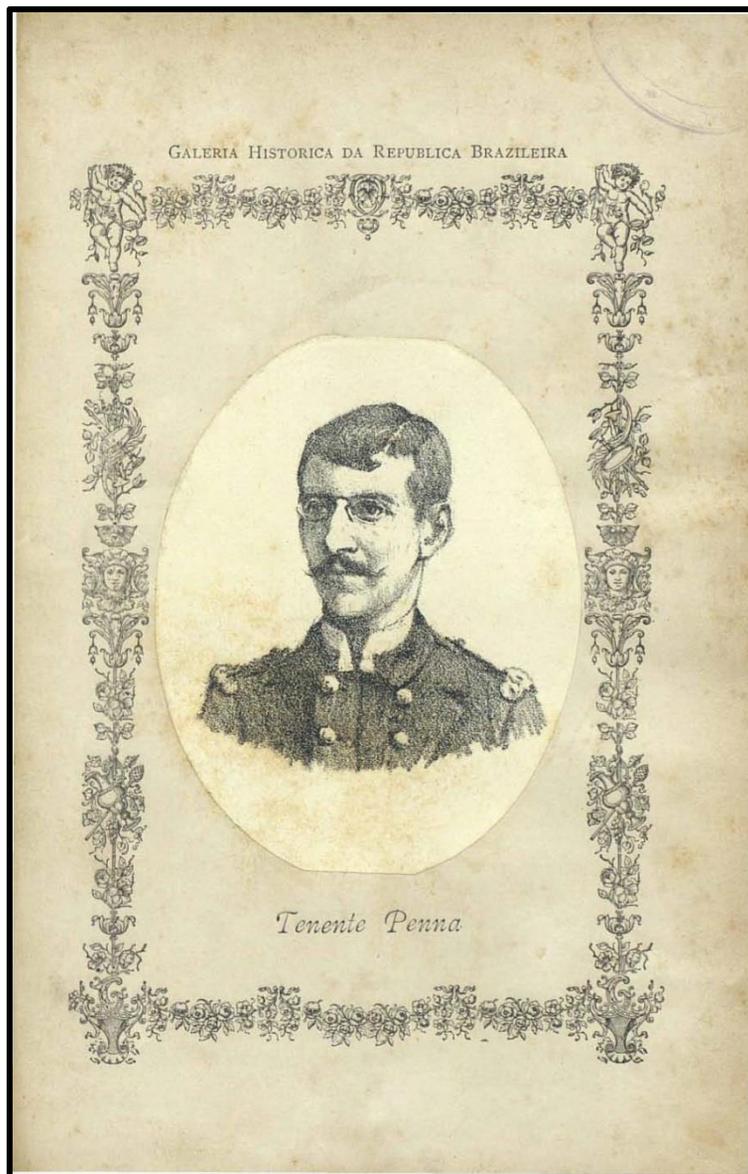


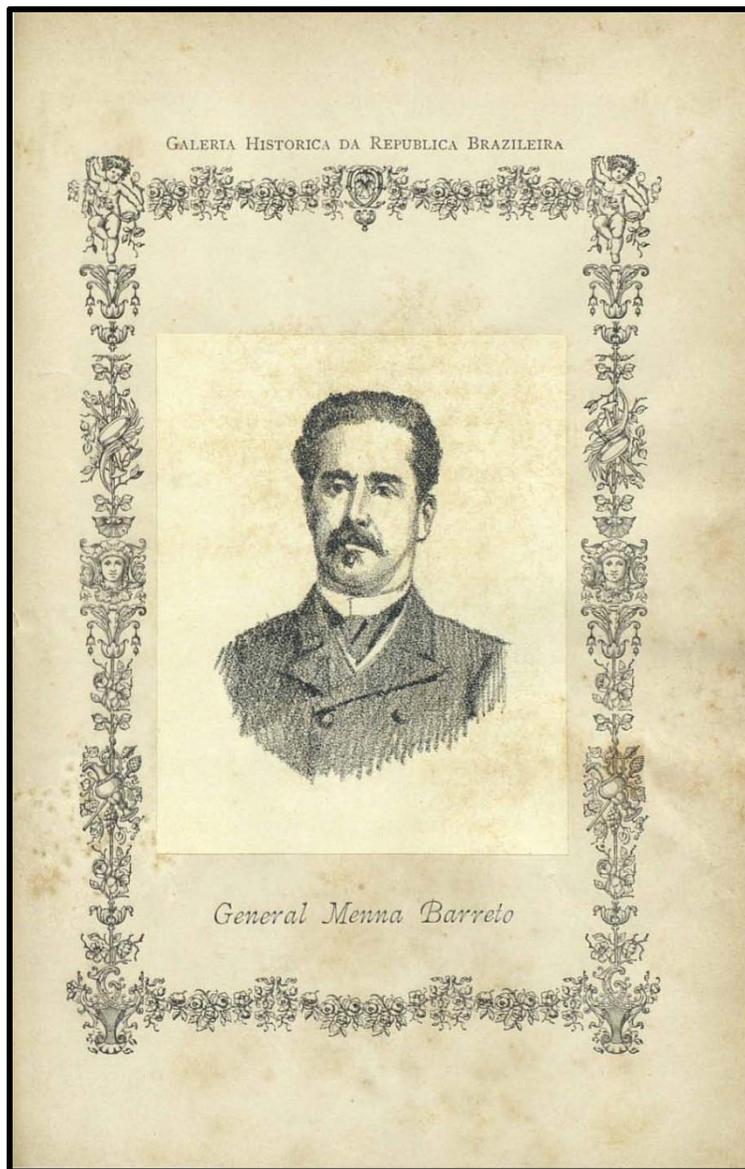


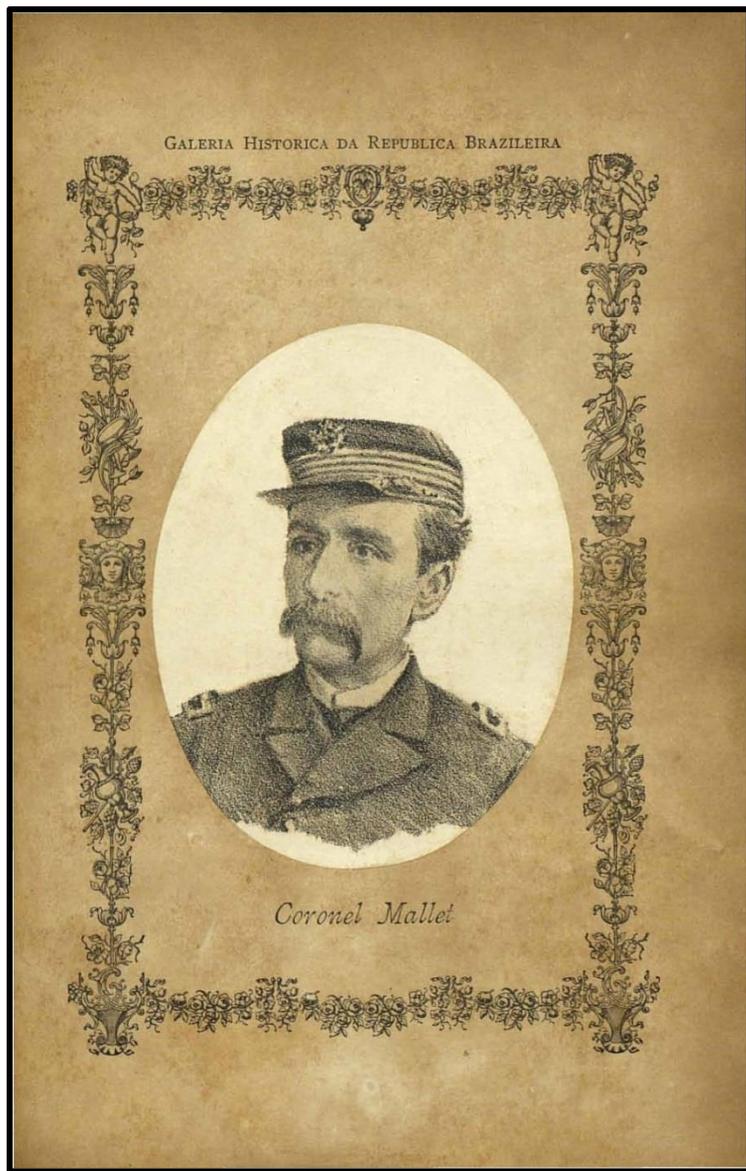


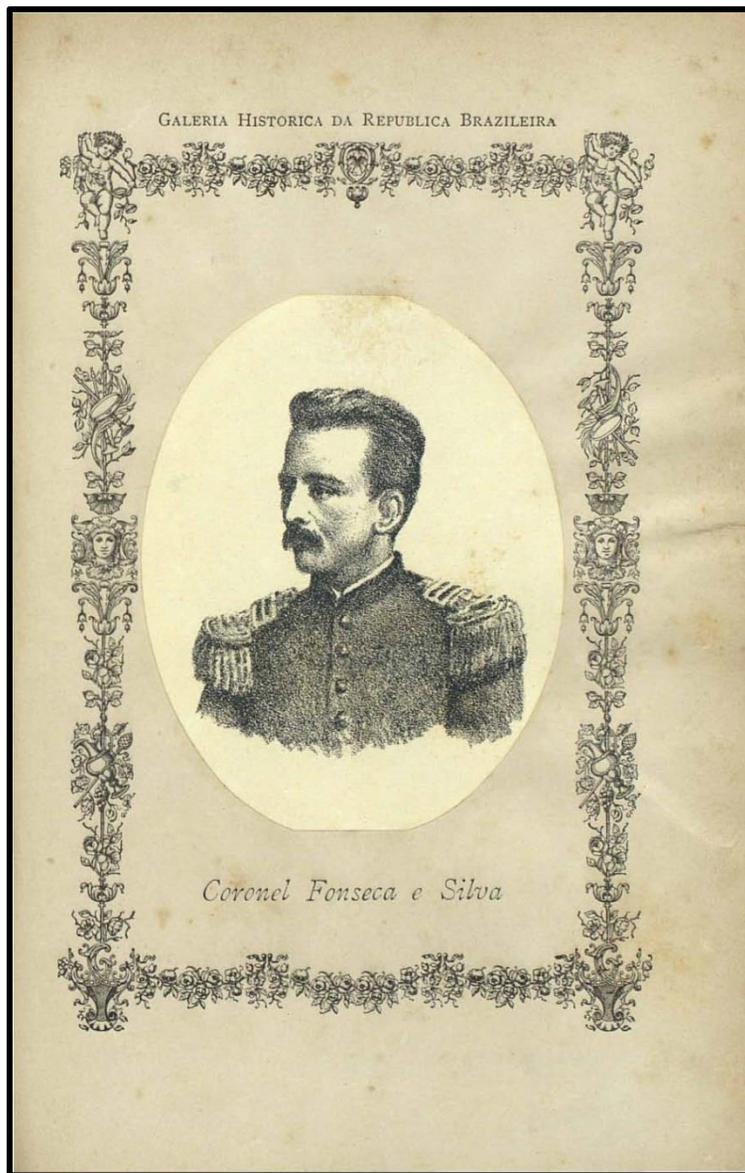
Daí em diante naquela “galeria de notáveis da república” apareceriam os retratos de diversos militares. O sul-rio-grandense Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro, era major e teve papel destacado por ocasião do golpe republicano, primeiro espalhando boatos que inflamaram ainda mais o meio militar e depois sendo o responsável pela entrega do documento que afastava Pedro II de seu cargo. O tenente Adolfo Pena Filho ganhou espaço nesse rol de destaques por ter sido o responsável por transmitir a Benjamin Constant as notícias do encaminhamento do movimento que derrubaria a monarquia. O general gaúcho Antônio Adolfo da Fontoura Mena Barreto juntou forças de outros companheiros de armas no sentido de significativa atuação pela implantação da nova forma de governo. Também rio-grandense-do-sul, o coronel João Nepomuceno de Medeiros Mallet teve o encargo de entregar ao Imperador a ordem de partida imediata para o exílio, acompanhando a família imperial até o embarque. O coronel potiguar Francisco Victor da Fonseca e Silva a partir do 15 de novembro ocupou importante cargo de natureza policial no Rio de Janeiro, anulando possíveis resistências monárquicas. Também com participação efetiva nos episódios da mudança na forma de governo, o coronel gaúcho Sebastião Bandeira, mais tarde, viria a descrever os acontecimentos na imprensa carioca. O major Inocêncio Serzedelo Correa era paraense e se associou à propaganda republicana, chegando a acompanhar Deodoro na proclamação no Campo de Santana e a ocupar cargo no Governo Provisório.

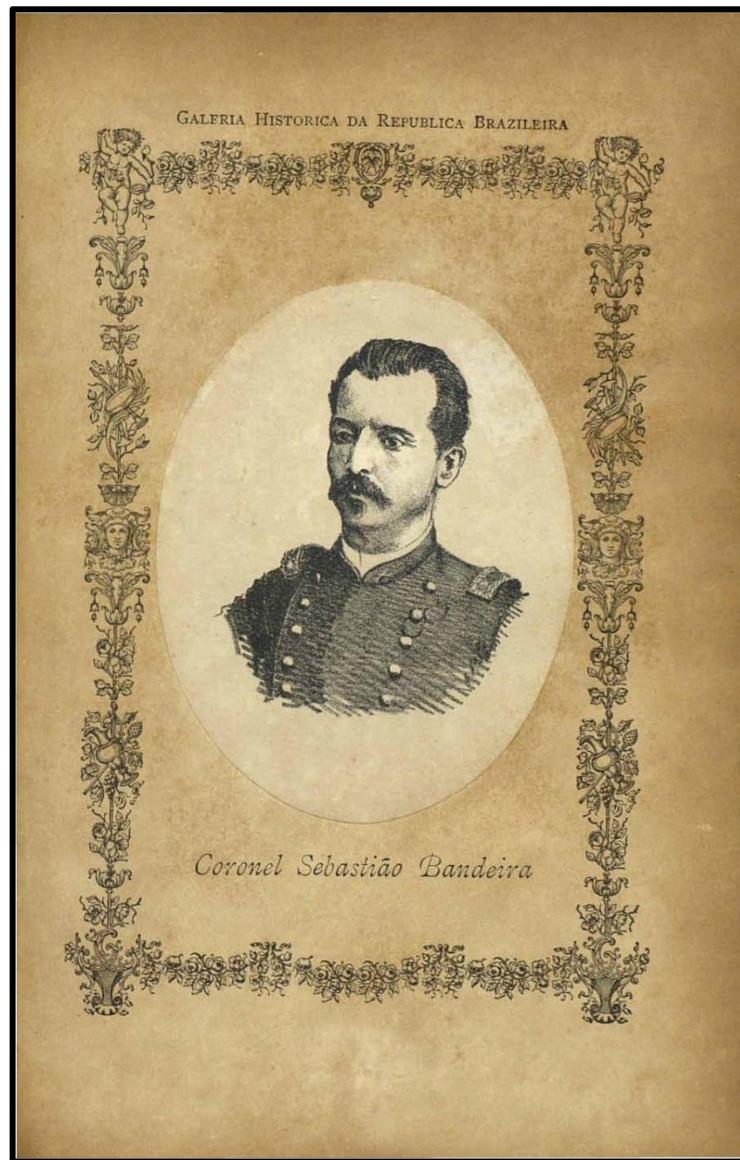






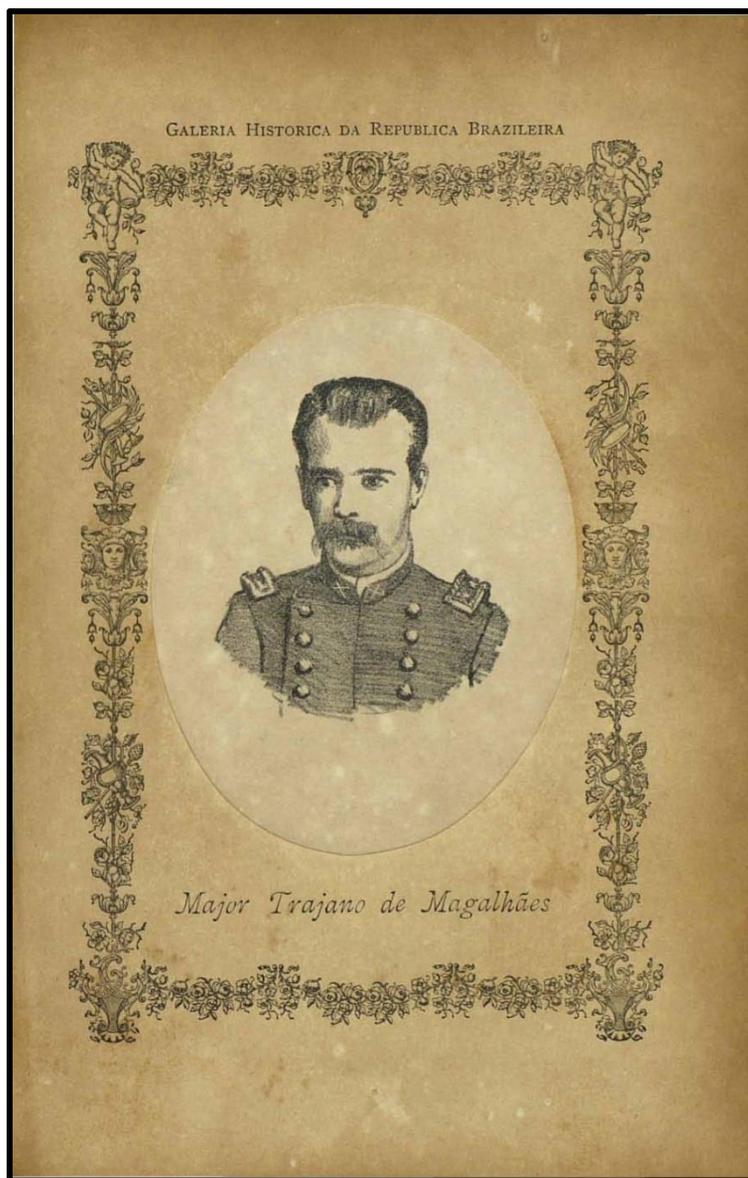


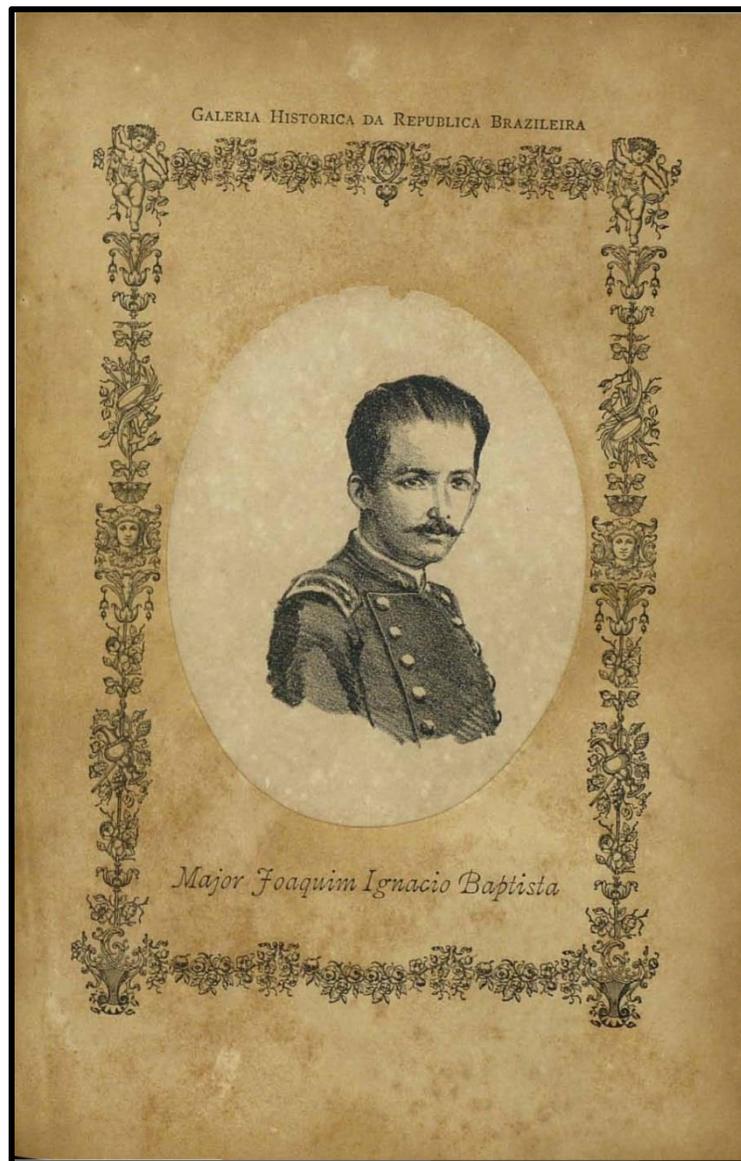


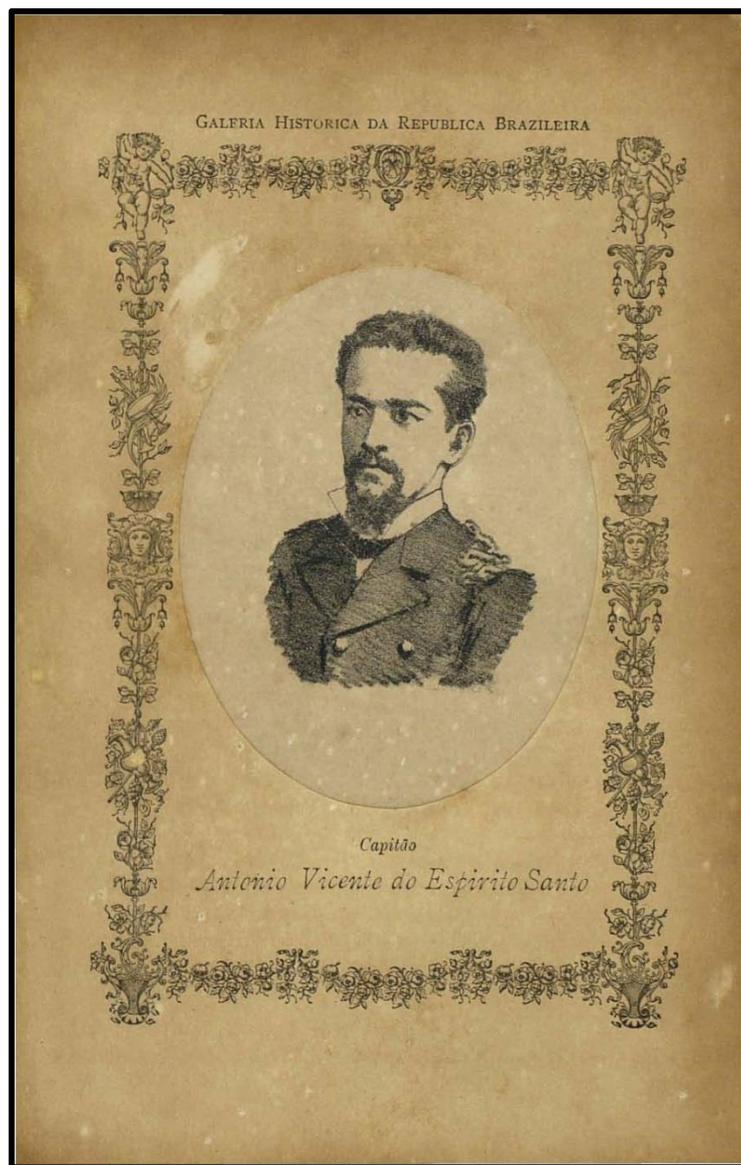


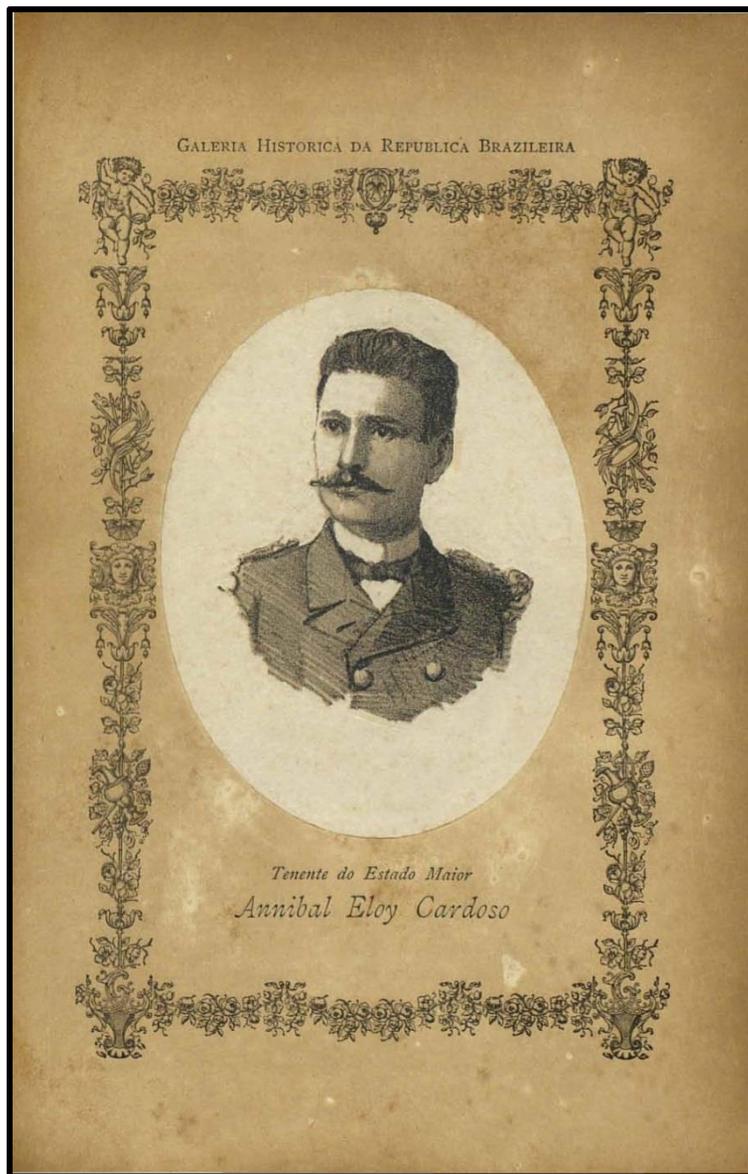


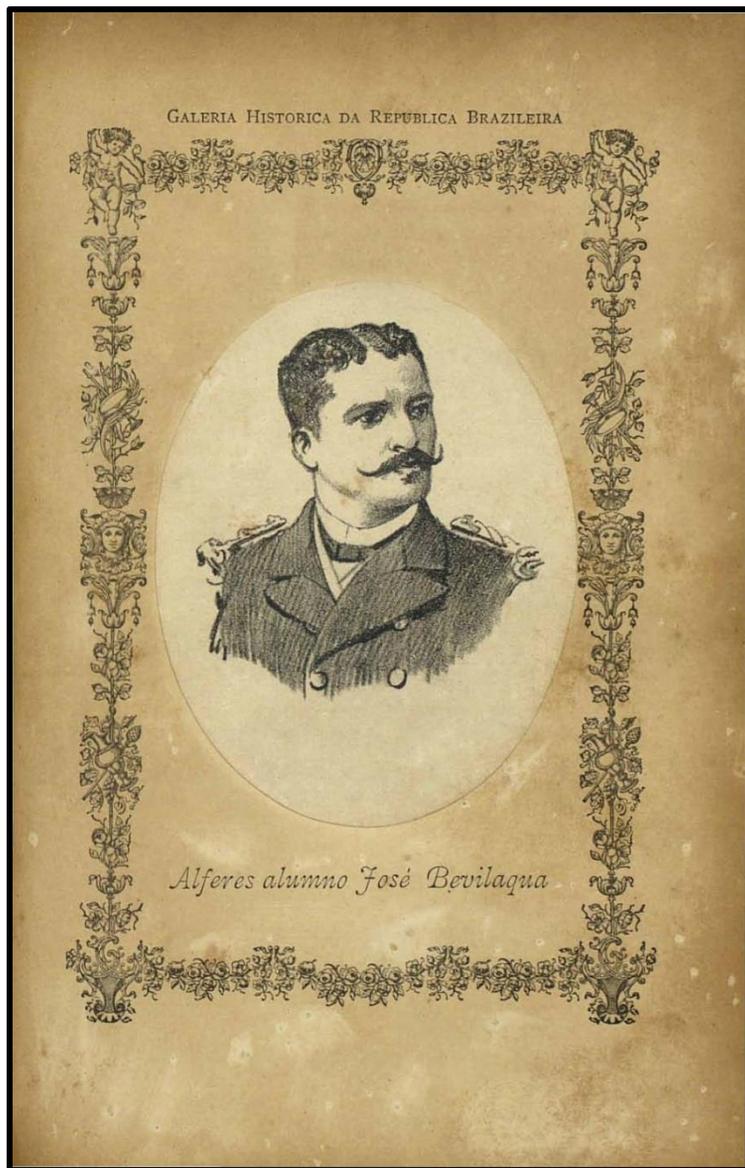
Ainda no rol dos militares esteve Marciano Augusto Botelho de Magalhães (cujo nome foi grafado em sua efígie erroneamente como Trajano), que era um major adepto da ideia republicana e, em 1889, comandava a Fortaleza de Santa Cruz. O major Joaquim Inácio Batista fez parte do grupo de militares que estabeleceu a conspiração pelo fim da monarquia e foi promovido por serviços prestados à república. Também com participação nos atos da proclamação, o capitão pernambucano Antônio Vicente do Espírito Santo viria a ser promovido e a lançar-se na vida política em seguida à mudança institucional. O tenente do Estado Maior, Aníbal Elói Cardoso compôs o grupo dos militares responsável pela agitação nos quartéis em 1889. O alferes-aluno José Beviláqua era cearense, discípulo de Benjamin Constant, chegando a participar dos pactos de sangue em nome da república. O cadete Raimundo Gonçalves de Abreu Filho, após o ato proclamador de Deodoro, deixou o Campo de Santana para avisar outras unidades, visando a apressar a vinda de mais companheiros. Já Antônio Rodrigues de Campos Sobrinho, apesar de civil, solicitou a sua integração em um dos regimentos militares que se mobilizavam para os atos de 15 de novembro de 1889. A vitória republicana foi também simbolizada na *Galeria Histórica* pela estampa da bandeira brasileira cujo modelo se firmaria como definitivo a partir da consolidação republicana.

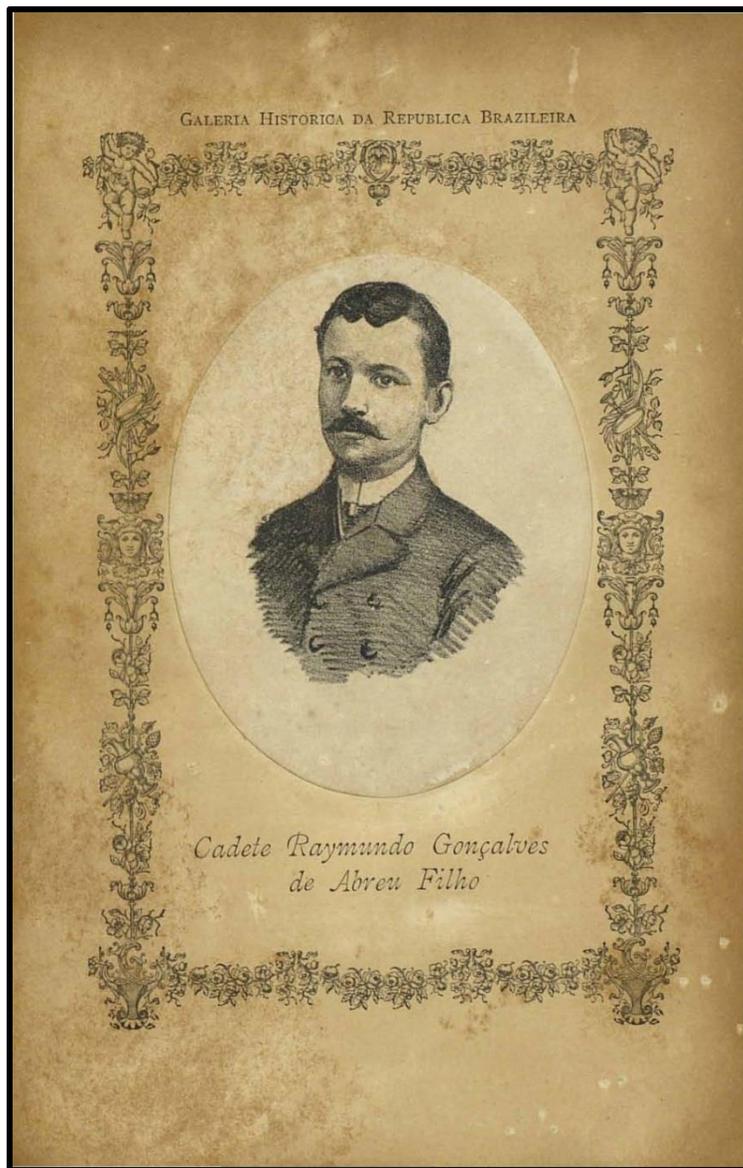


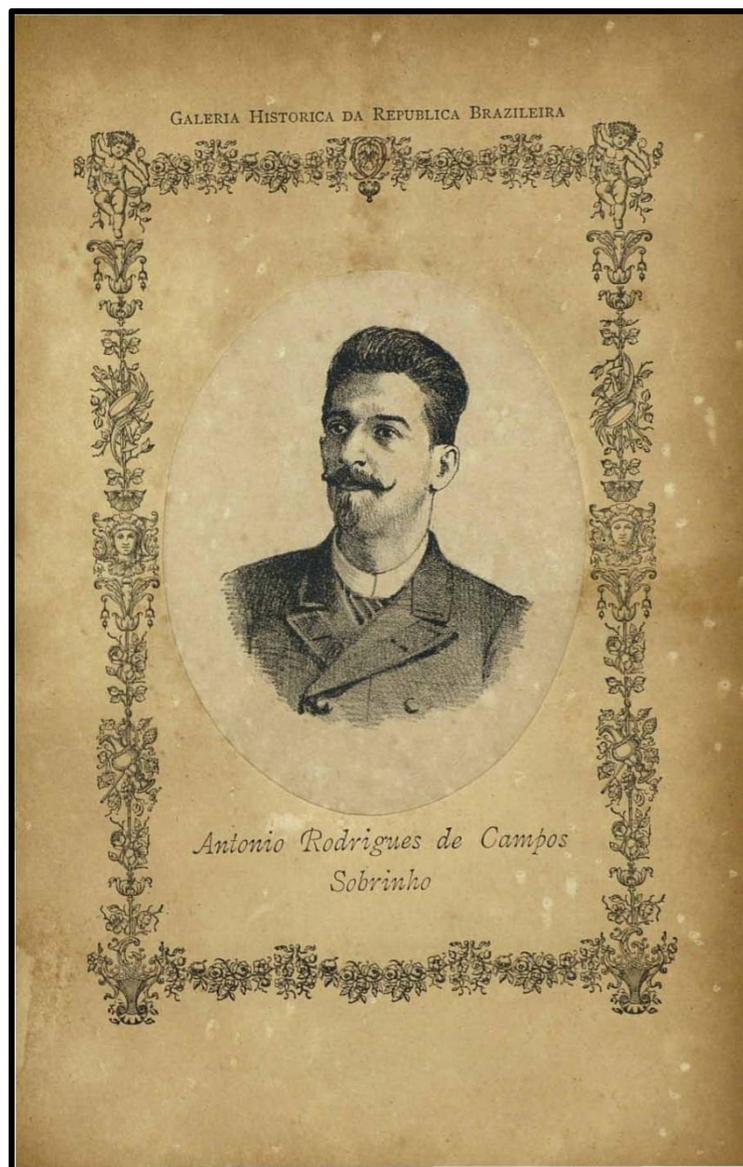








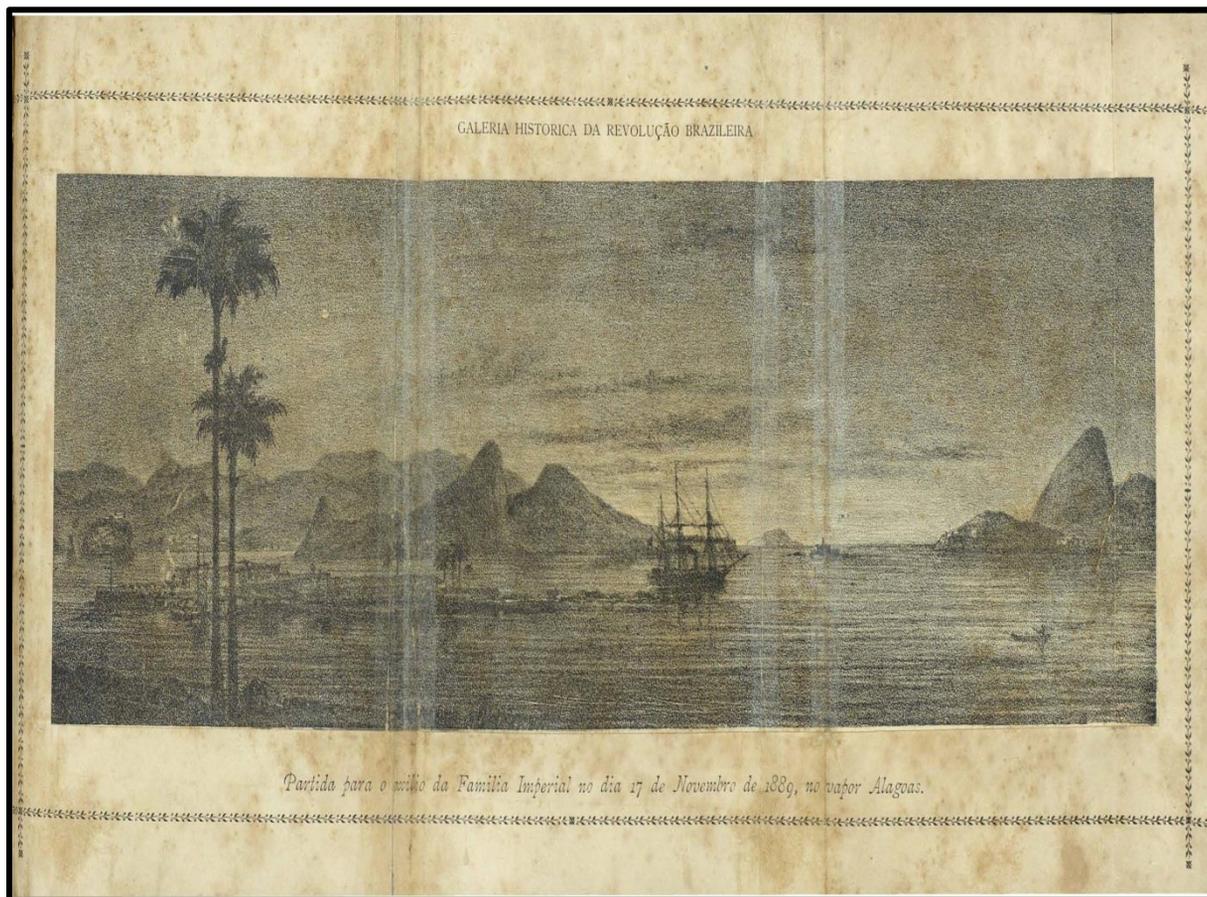


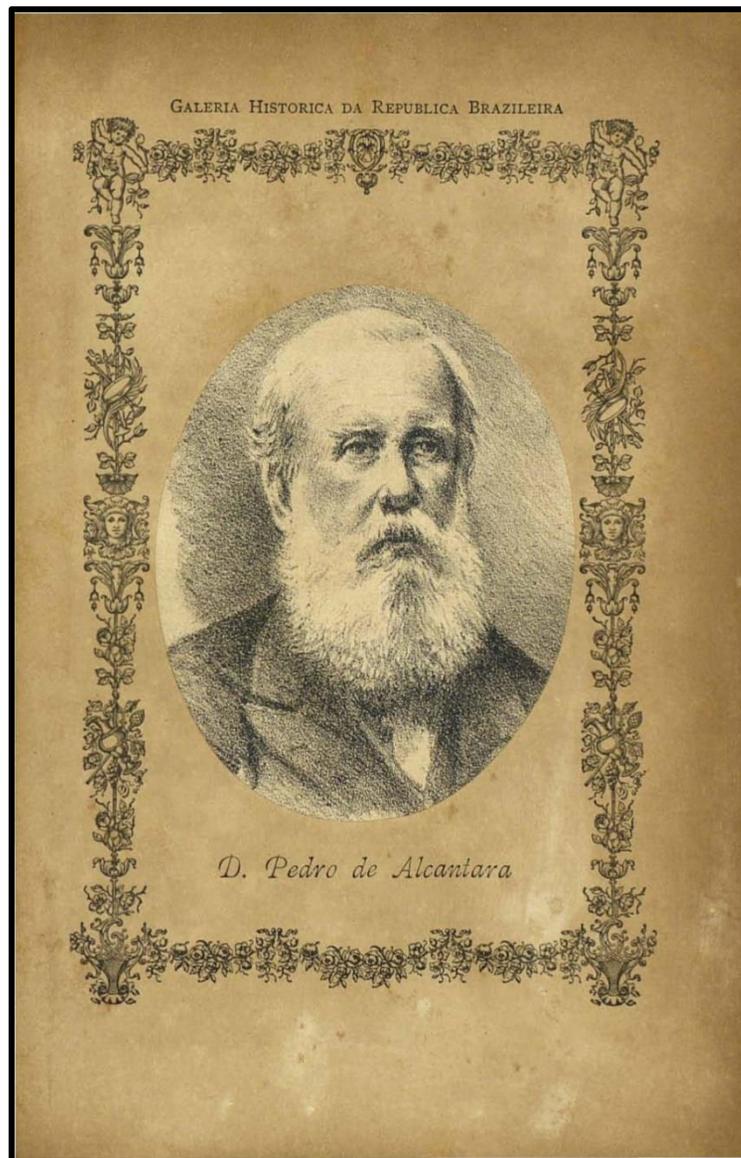


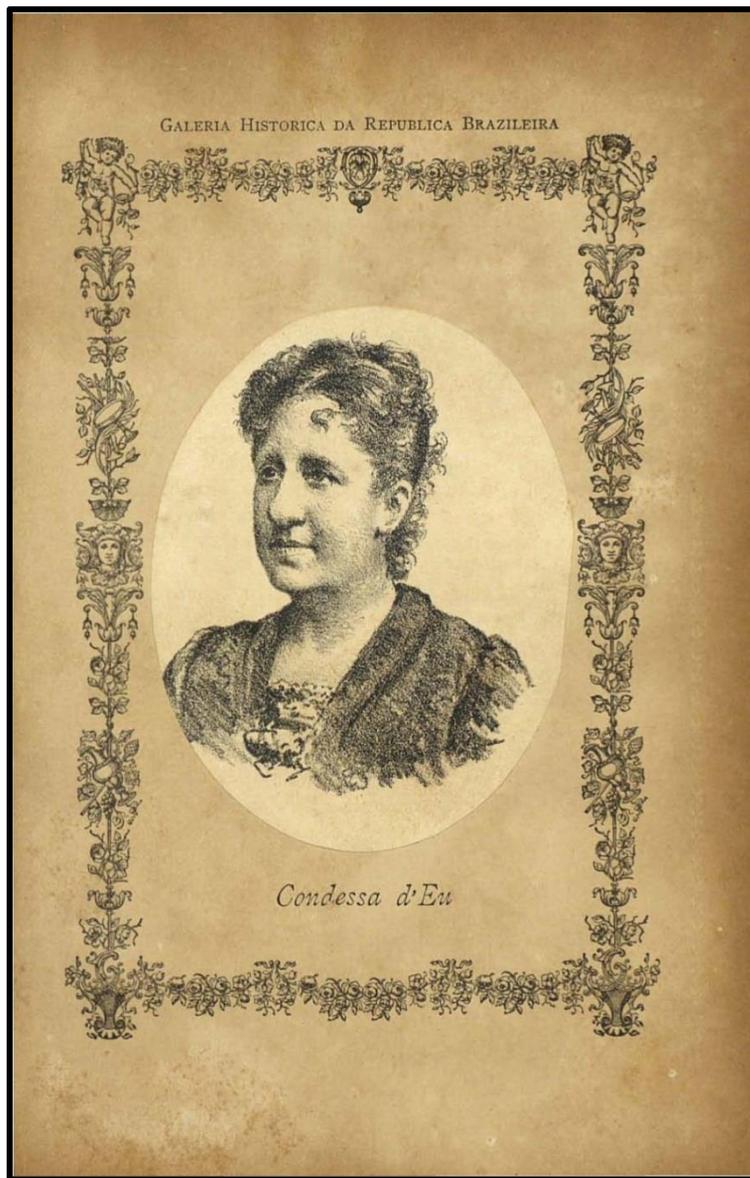


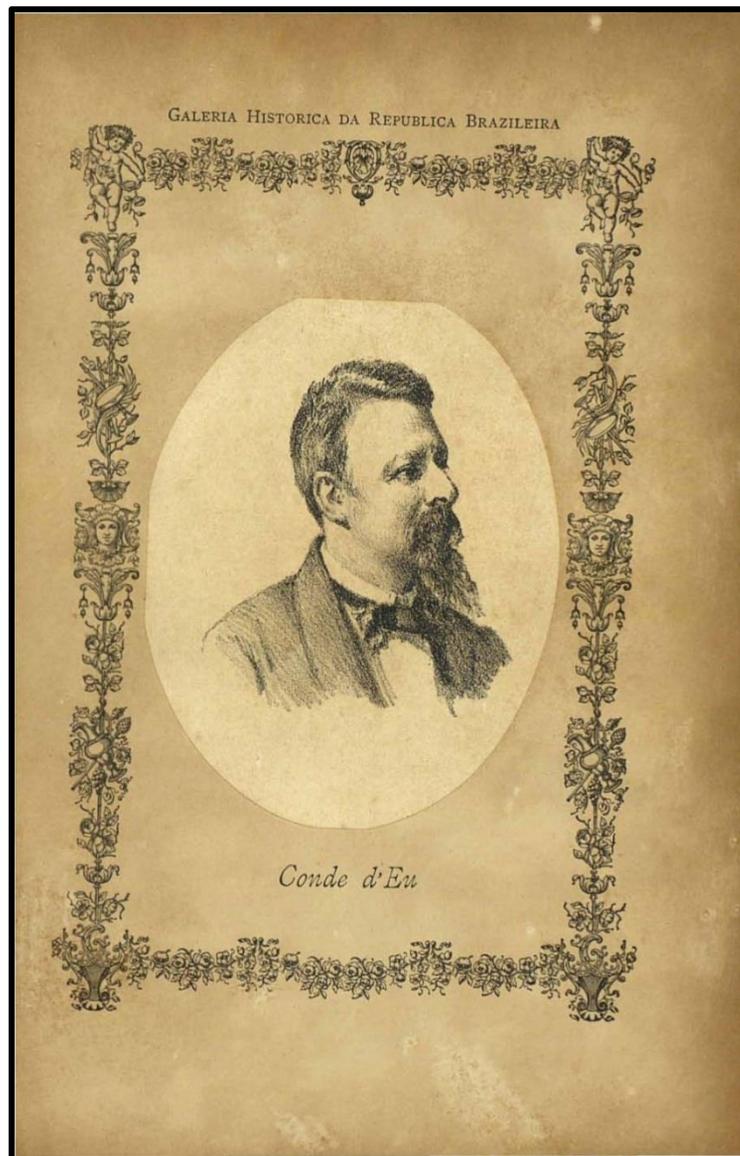
A *Galeria Histórica* reservaria ainda algum lugar para os vencidos, trazendo retratos de personagens que estiveram vinculados à causa monárquica. A litografia que representou tal segmento foi aquela que mostrou a partida da embarcação *Alagoas*, levando a família imperial para o exílio, quase que como uma despedida simbólica da forma de governo decaída. O primeiro retratado foi o próprio Imperador destronado, D. Pedro II, identificado apenas

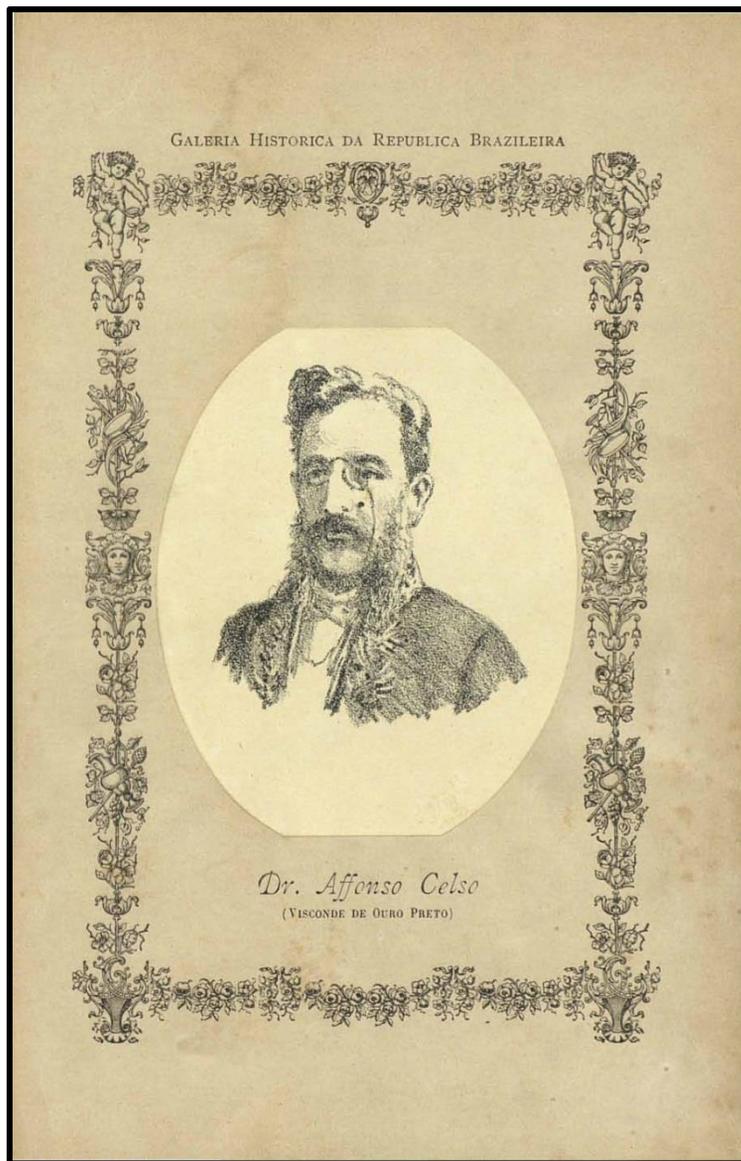
pelo seu nome civil, sem o título, ou seja, D. Pedro de Alcântara. A Condessa D'Eu era a identificação da Princesa Isabel, muito mais reconhecida por tal denominação, mas que lhe foi sonogada para evitar uma propalada popularidade que ainda poderia existir para com ela, tendo em vista a assinatura da lei que aboliu a escravatura, além disso, assim ela ficava associada ao Príncipe estrangeiro, seu esposo. O Conde D'Eu, que foi outra personalidade da época bastante antagonizado pelos republicanos, sob a acusação de que ele poderia vir a enfeixar poderes indevidos com a ascensão de Isabel ao trono, em um possível Terceiro Reinado. Também esteve entre os representantes monarquistas o Visconde de Ouro Preto, Afonso Celso de Assis Figueiredo, político liberal que liderou o derradeiro ministério imperial, derrubado a partir de 15 de novembro de 1889 e que, apesar dessa mudança institucional, continuou a bater-se pelo ideário monárquico. José da Costa Azevedo, o Barão de Ladário, militar e político que integrava o último gabinete monárquico, como Ministro da Marinha, teve igualmente a sua efígie estampada, tendo sido ele o único indivíduo a sofrer ferimento físico durante o golpe republicano, sendo baleado em tal ocasião. Finalmente aparecia o retrato de Cândido Luís Maria de Oliveira, político e parlamentar da época imperial que também compôs o ministério final da monarquia, como Ministro da Justiça.

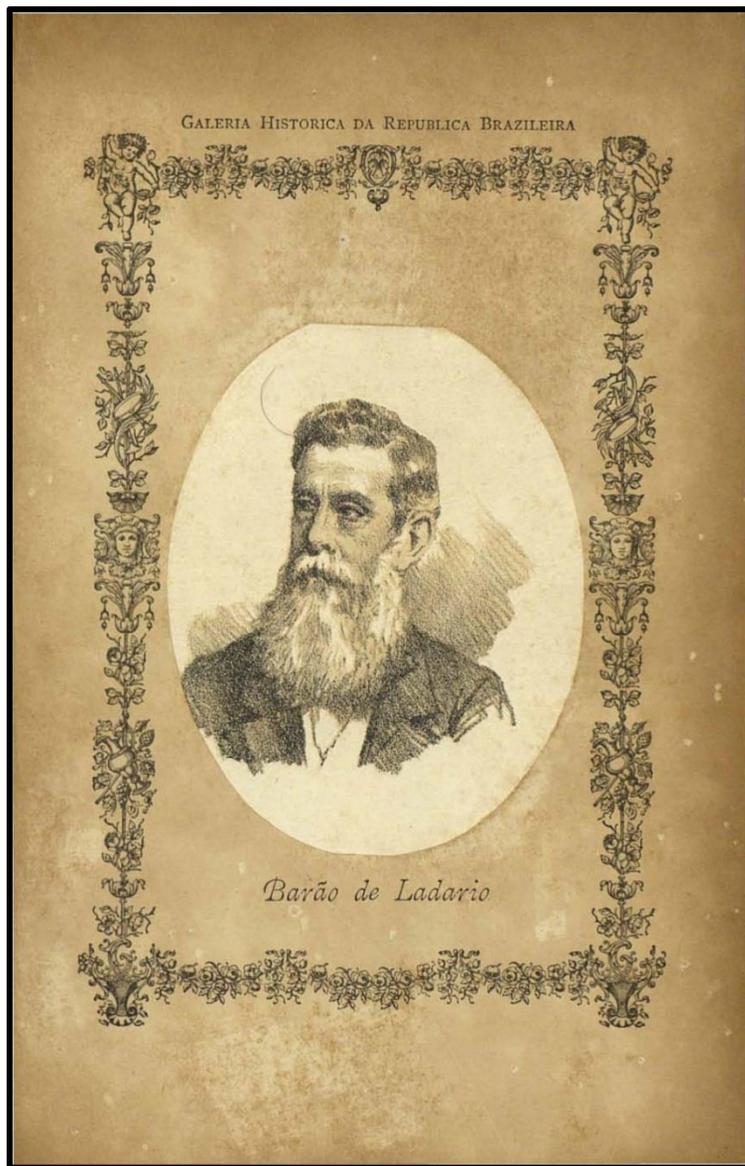


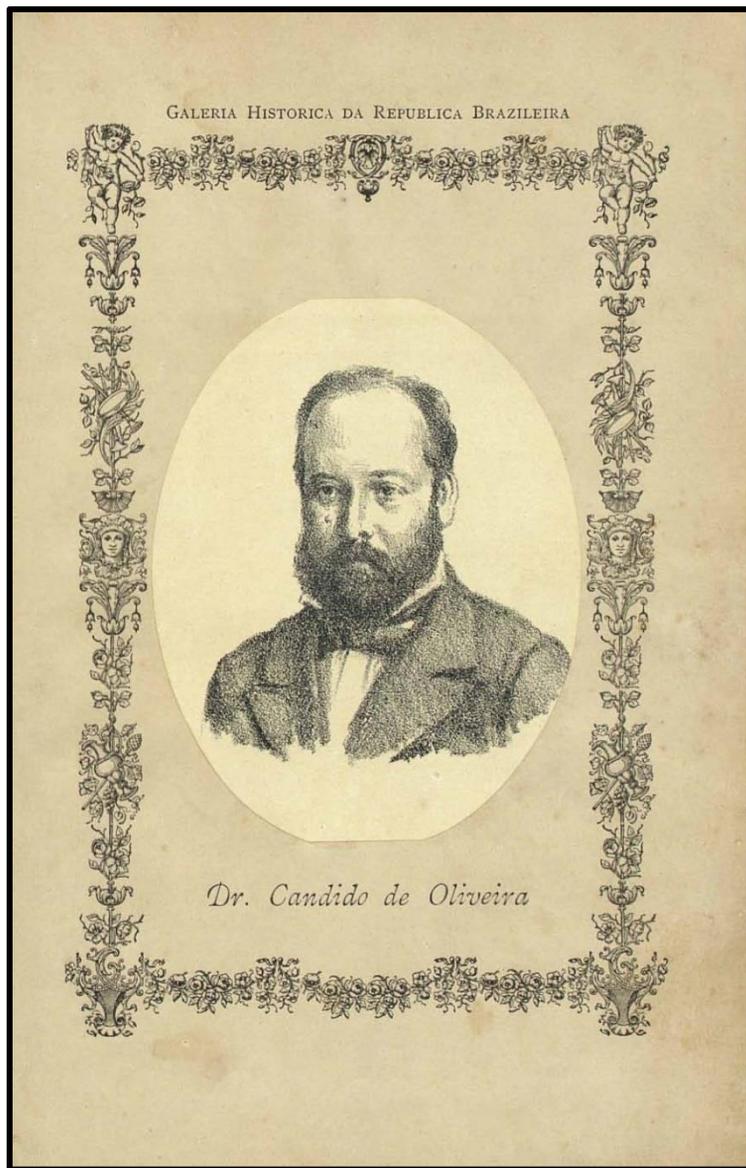












Assim, a obra de Urias Antônio da Silveira teve por papel essencial enaltecer e exaltar a passagem da efeméride do 15 de Novembro, demarcando a passagem do período de um ano de existência da nova forma de governo. No livro não houve qualquer preocupação em destacar os fenômenos negativos que afligiam o novel regime, mormente no que tange à especulação financeira e à corrupção. Aliás, o próprio autor estaria vinculado a tais práticas, ao menos do ponto de vista teórico, tanto que chegou a publicar, também em 1890, *Fontes de riqueza dos Estados Unidos do Brasil*, visando a revelar o “segredo para se adquirir em pouco tempo e com pouco trabalho grande fortuna e completa independência”. Além disso, ele considerava o movimento ocorrido em novembro de 1889 como uma “revolução”, a qual, segundo ele, trouxe “em todas as manifestações da vida política, social e administrativa do Brasil uma profunda e completa transformação”, não aprofundando a perspectiva de que ocorrera um golpe militar, sem transformações profundas nas estruturas nacionais, notadamente as de natureza econômica. Quanto às estampas litografadas, que deveriam representar “os vultos mais eminentes da revolução e do Governo Provisório”, ficava demarcada a visão pela qual o devir histórico seria movido pela ação individual de determinados protagonistas, cujos atos deveriam representar modelos cívico-morais para as gerações futuras. Tais retratos traziam a ampla predominância dos vitoriosos, abrindo pequenas exceções para os derrotados, bem como houve a presença praticamente completada de figuras masculinas, havendo apenas uma representante feminina, exatamente no rol dos vencidos. Dentre as efígies ocorreu a presença

marcante de “doutores” e militares, demonstrando a “República dos bacharéis” que já se encontrava em gestação, se consolidando no período posterior aos dois primeiros governos militares, bem como o decisivo papel dos militares no regime recém-instaurado. Finalmente, no que tange à documentação utilizada, Silveira pretendia trazer ao público os acontecimentos, fossem “insignificantes”, ou “notáveis”, buscando obter isso a partir da colheita em “fontes puríssimas, embora seu trabalho se estruturasse por meio da consulta de documentos por ele pré-selecionados para corroborar com as concepções que intentava defender. Desse modo, a *Galeria Histórica* assumiu verdadeiro caráter oficialista nas comemorações do primeiro aniversário republicano, prestigiando o novo *status quo* e defendendo arduamente os donos do poder recentemente instaurados.

O 15 DE NOVEMBRO CELEBRADO NAS
REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS
DE *O PAÍS*

O periódico *O País*, fundado no Rio de Janeiro em 1884, teve um relevante papel na defesa da causa abolicionista e constituía uma das mais importantes publicações republicanas do Brasil. Em suas páginas moveu importantes campanhas para levar em frente os princípios antimonárquicos³. Teve por redatores alguns dos personagens políticos do Brasil Republicano, como foi o caso de Quintino Bocaiuva, Silva Jardim e Rui Barbosa. Após a mudança na forma de governo, atingiu sua fase de maior influência na vida política brasileira, tornando-se um dos jornais mais vendidos na capital. Esteve ao lado dos florianistas e, mais tarde, se opôs à Campanha Civilista, assumindo uma postura essencialmente situacionista, inclusive durante a administração de Artur Bernardes. Manteve a posição oficialista diante da Aliança Liberal, combatendo-a. Sua identificação com a estrutura política da República Velha fez com que sua sede fosse saqueada e empastelada após a vitória da Revolução de 1930. Além disso, sua circulação foi interrompida desde outubro de 1930 até 1933, vindo a encerrar definitivamente suas edições no ano seguinte⁴.

Na passagem do primeiro ano da proclamação da república, o jornal carioca assumia para si a responsabilidade e a obrigação na “obra de organização” do país sob a forma republicana, não descurando “da causa pública”, nem esquecendo “as doutrinas democráticas por que sempre pugnou”⁵.

³ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 237.

⁴ LEAL, Carlos Eduardo. *O País*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC.

⁵ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1890.

A partir de tal posição governista, *O País*, em grande parte de sua existência, constituiu uma força impressa de apoio ao *status quo* reinante durante a denominada República Velha. Nesse sentido, o periódico utilizou-se da passagem de efemérides vinculadas às consideradas datas cívicas nacionais, como foi o caso do 15 de Novembro, visando a transformá-las em estratégias de ensinamento de condutas, em geral comemorando-as efusivamente. Editoriais, matérias, artigos e notas serviram para a difusão do ideário do periódico na exortação do Dia da República e, em algumas edições, houve inclusive a presença de ilustrações para reforçar a mensagem comemorativa e de enaltecimento. Tais representações iconográficas constituem o objeto desse estudo.

No ano de 1894, *O País* demonstrava a transição dos governos militares, que marcaram os anos iniciais da república, para a primeira administração civil, estampando os retratos de Floriano Peixoto e Prudente de Moraes. A redação da folha afirmava que, naquele momento, em que “a nação festeja com tantas demonstrações de júbilo”, registrava “com abundância de patriótica alegria” o “fato da sucessão constitucional do poder”⁶. Já na virada do século, o periódico trazia a alegoria da dama republicana carregando o pavilhão nacional em homenagem ao 15 de Novembro de 1889, considerado como um dia “gravado no coração do povo”⁷. Em 1906, o jornal mostrou os membros da administração que

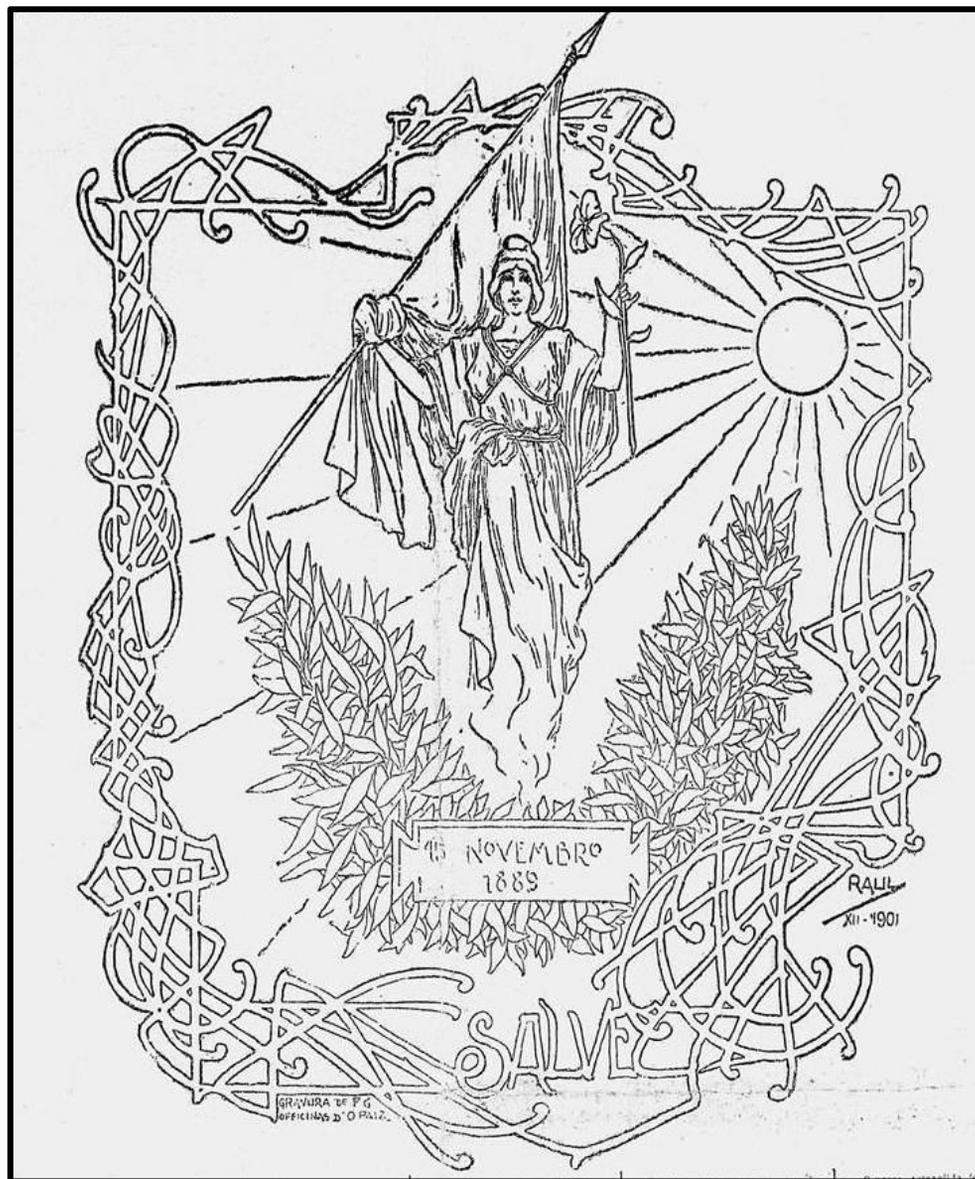
⁶ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1894.

⁷ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1901.

se encerrava, sob os auspícios da dama do barrete frígio e os da nova gestão, cujos retratos se encontravam adornados com uma coroa de louros⁸.



⁸ O PAÍS. Rio de Janeiro, 14 nov. 1906 e 15 nov. 1906.



O PAIZ

RIO DE JANEIRO, Quinta-feira 15 de Novembro de 1906

O PAIZ é a folha de maior tiragem e de maior circulação na America do Sul

O NOVO GOVERNO



I. Dr. **Alfonso Penna**, presidente da Republica; II. Dr. **Miguel Calmon**, ministro da industria e viação; III. Dr. **Tavares de Lyra**, ministro dos negocios da interior e justiça; IV. Dr. **Nilo Peçanha**, vice-presidente da Republica; V. Dr. **David Campista**, ministro da fazenda; VI. **Barão do Rio Branco**, ministro das relações exteriores; VII. **Marechal Hermes da Fonseca**, ministro da guerra; VIII. **General Souza Agular**, prefeito municipal; IX. Dr. **Alfredo Pinto**, chefe de policia; X. **Almirante Alexandrino de Alencar**, ministro da marinha.

A saudação a um dos Presidentes da República era a tônica da edição de 1908, quando a dama do barrete encarnado e um jovem representando a homenagem saudavam a chegada de Prudente de Moraes⁹. A passagem do vigésimo aniversário republicano foi apresentada por *O País* como uma fase de consolidação da forma de governo, trazendo a alegoria feminina que a representava bem alojada em um trono, contando com o escudo da constituição e a presença das armas e do selo nacional, bem como com a presença com as palmas da glória e da vitória e também da efígie de Quintino Bocaiuva, em alusão à luta dos propagandistas republicanos. Segundo o jornal, “apesar dos maus augúrios e dos pessimismos”, a república permanecia “vívida e forte, tendo vencido incólume as provações e as dúvidas” que sobre ela se abateram, de modo que, “através dos sobressaltos de ontem ou da normalidade dos dias de agora”, teria provado “a sua capacidade para o cumprimento da missão histórica de que estava investida”¹⁰. No ano seguinte, a base comemorativa se dava a partir da posse de um novo governo, com os retratos do Presidente e de seu Vice, em gravura que também contava com a presença da dama republicana das armas nacionais e dos lemas do “patriotismo” e do “progresso”¹¹.

⁹ O PAÍS. Rio de Janeiro, 16 nov. 1908.

¹⁰ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1909.

¹¹ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1910.



Ediçio proprio NA AVENIDA CENTRAL 128, 130, 132	O PAIZ	ASSIGNATURA Doze mezes. . . 30\$000 Seis mezes. . . 16\$000 Um mez . . . 3\$000 NUMERO AVULSO 100 RS	
ANNO XXVI—N.º 9173		RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1909	Jornal independente, politico, literario e noticioso,
A FESTA DA REPUBLICA			
VIGESIMO ANNIVERSARIO			



Edificio proprio NA AVENIDA CENTRAL 128, 130, 132	O PAIZ	ASSIGNATURA Doze mezes . . 30\$000 Seis mezes . . 16\$000 Um mez . . . 3\$000 NUMERO AVULSO 100 RS.
--	---------------	---

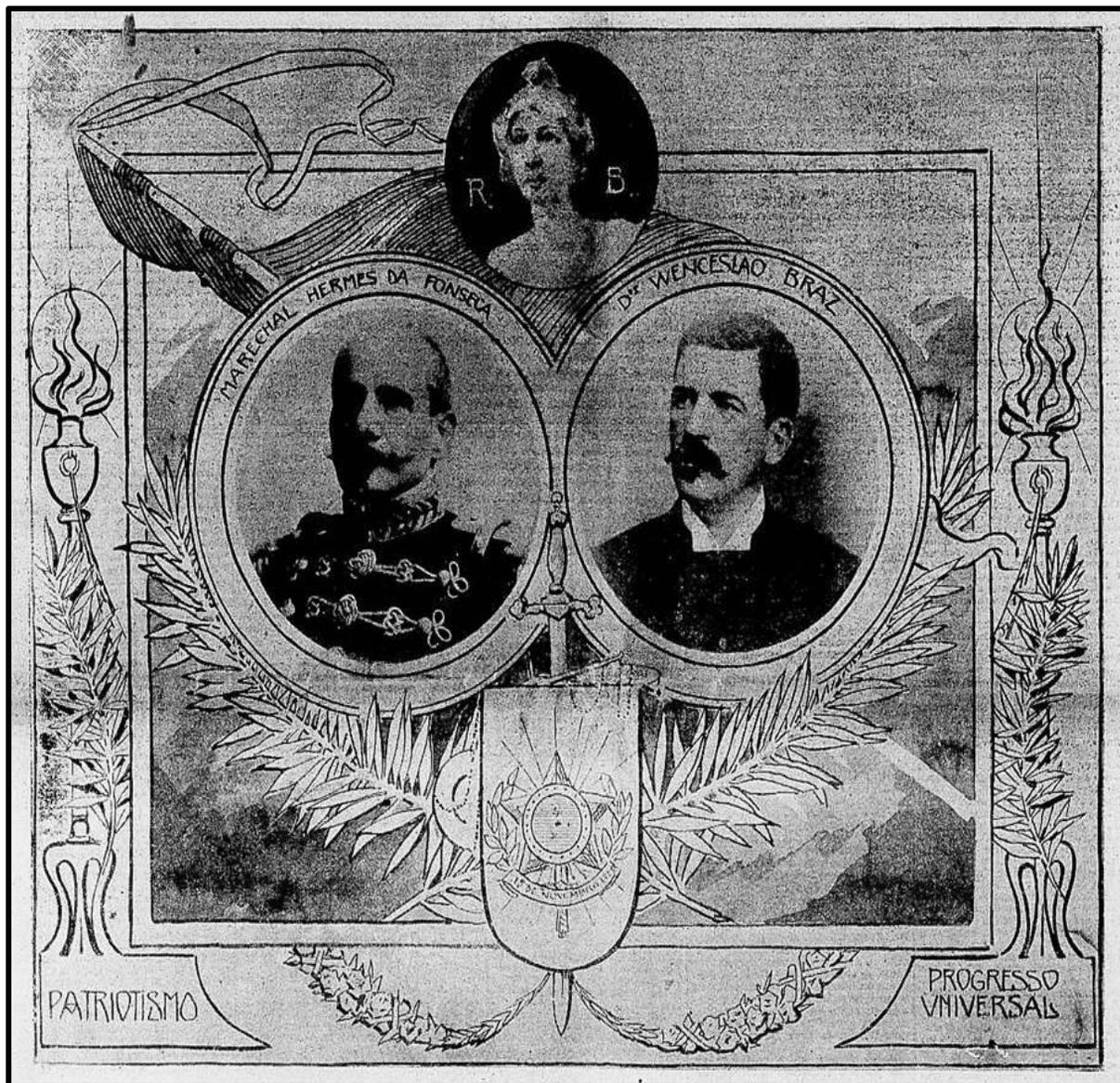
ANNO XXVII—N.º 9537

RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1910

Jornal Independente, politico,
hierarcho noticioso.

O NOVO GOVERNO

A posse dos Srs. marechal Hermes da Fonseca e Dr. Wenceslão Braz na presidencia e vice-presidencia da Republica ~ Manifesto do novo presidente á Nação ~ Os novos ministros de Estado e principaes auxiliares ~ As solemnidades do dia ~ Reunião do Congresso Nacional ~ A grande parada militar ~ Historico das candidaturas presidenciaes ~ Notas avulsas.



Cercada de musas e outras alegorias imagéticas, a dama republicana, de espada em punho, a defender a coluna com o escudo brasileiro, em alusão à nacionalidade, aparecia mais uma vez entronada, a promover “o engrandecimento do Brasil”, na condição de constituir-se de “justiça, paz e trabalho”. Para o jornal, “depois da data da independência, a da proclamação da república é, de certo, a maior”, uma vez que tal forma de governo era “uma aspiração nacional” e “uma fatalidade histórica”, de maneira que “os homens de envergadura extraordinária que implantaram no Brasil as instituições republicanas prestaram à pátria um serviço imorredouro”¹². Já a comemoração do 15 de Novembro no ano de 1913 apresentava mais uma vez a dama do barrete frígio, carregando a bandeira nacional, os louros da vitória e uma placa com a inspiração no lema “ordem e progresso”, sendo o quadro completado com a data celebrada e o retrato do Presidente da República¹³. Ao passo que, no próximo ano, demarcado por um “fim de governo”, apareciam os retratos dos membros da administração que se encerrava, em ilustração encabeçada pela imagem feminina que alegoricamente representava a república¹⁴.

¹² O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1911.

¹³ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1913.

¹⁴ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1914.







Em um contexto de conflagração bélica internacional, com a I Guerra Mundial, a estampa publicada por *O País*, em 1917, trazia a dama republicana, carregando o pavilhão brasileiro e o escudo com as armas nacionais, em ato de abençoar o soldado que, de espada em riste, se preparava para o dever cívico de uma propalada defesa da pátria. A partir de tal ambiente, acerca do “Dia da República”, o jornal declarava que “a excepcional vibração cívica em torno da grande data de hoje tem a sua explicação nas circunstâncias gravíssimas deste melindroso momento da nossa atualidade histórica”, de maneira que a proclamação da república era “comemorada em todo o país de maneira inédita e comovedora”. Demarcava também que aos atos de celebração “se associa a nação inteira, em vigorosa afirmação da continuidade do seu espírito patriótico e do seu amor às instituições políticas vigentes, as quais já tanto deve o Brasil”¹⁵. No ano seguinte, o periódico dedicou a edição do 15 de Novembro para apresentar “O novo governo”, com os retratos do Presidente da República, o Vice e os responsáveis por cada um dos ministérios”¹⁶. Com o falecimento de Francisco de Paula Rodrigues Alves, em janeiro de 1919, Delfim Moreira assumiria a Presidência com a função de preparar um novo processo eleitoral.

¹⁵ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1917.

¹⁶ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1918.

SEDE SOCIAL
NA
Avenida Rio Branco,
N.º 128, 130 e 132

O PAIZ

ASSIGNATURAS
DOZE MEZES..... 80000
SEIS MEZES..... 18000
UM MEZ..... 30000
Numero avulso 100 reis

ANNO XXXIV---N. 12.090

RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1917

Jornal Independente, politico,
literario e noticioso

O DIA DA REPUBLICA



Chegando ao momento histórico dos anos 1920, marcado pela crise do modelo oligárquico, que levaria ao derruir da República Velha, *O País* manteve sua postura governista, valorizando nas edições de 15 de Novembro os personagens políticos situacionistas. Nesse sentido, em 1923, as homenagens recaíram sobre o político gaúcho José Gomes Pinheiro Machado, com a exibição de detalhes do monumento construído em sua memória no Rio Grande do Sul, na matéria “Glorificando um grande republicano”, assim como o retrato de Artur Bernardes, um dos Presidentes mais contestados pela oposição, notadamente a tenentista, com destaque para a passagem de um ano de seu governo¹⁷. O mesmo Presidente foi o destaque no número de novembro de 1925, acompanhado de seus ministros com a folha trazendo “um golpe de vista sobre o triênio governamental” que se encerrava¹⁸. Passados dois anos, a Presidência de Washington Luís era enfatizada em seu primeiro ano, considerado como “de ordem, de paz e de trabalho”, com a publicação da fotografia da figura presidencial, em página também dedicada às comemorações do 15 de Novembro, apontando para o “entusiasmo latente com que o povo brasileiro aguarda essas festas”, com “a palpitação cada vez mais intensa e mais viva dos sentimentos republicanos de toda a nacionalidade”¹⁹.

¹⁷ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1923.

¹⁸ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1925.

¹⁹ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1927.

Revista JOÃO LAGE
Gomes ALVARO DE CAMPOS
Rio de Janeiro
Ano XL - N. 14.270

O PAIZ

RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1923

ASSIGNATAVAS
Rio de Janeiro
Ano XL - N. 14.270
Revista João Lage

Glorificando um grande republicano

Presidencia Arthur Bernardes

Journal Information, politica, literatura e economia



Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



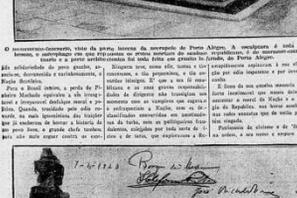
Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



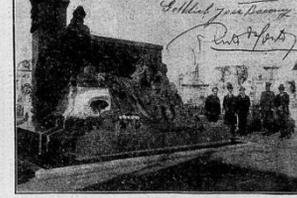
Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



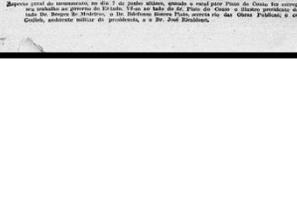
Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



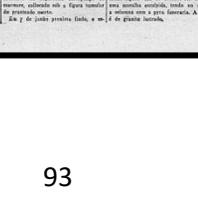
Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



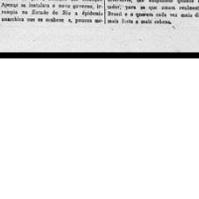
Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.



Retrato de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, poeta e jornalista, nasceu em 1900 em Recife, Pernambuco. Foi um dos principais nomes da geração de 1945, conhecido por sua poesia crítica e comprometida com a realidade social brasileira.

93

OPAZ
Ator de teatro - JOAO LAGE
ASSIGNATURAS
Molitoria - Nacional
Ar. Rio Branco

ANO XIII - N. 15.001
RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 15 DE NOVEMBRO DE 1920

Presidencia Arthur Bernardes
Retrospecto synthetico das magnificas realidades da vigente administração

Um golpe de vista sobre o trionfo governamental que hoje se encerra

Quando o Brasil se levantou para a luta pela liberdade e pela ordem, o Brasil se levantou para a luta pela liberdade e pela ordem...

Quando o Brasil se levantou para a luta pela liberdade e pela ordem, o Brasil se levantou para a luta pela liberdade e pela ordem...

NA JUSTIÇA
A nova justiça, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

DR. ANTONIO PAVÃO FERREZ, ministro da justiça.

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

ADMIRANTE ALEXANDRE DE ALMEIDA, ministro da marinha.

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

DR. ESTACIO COMBARA, presidente do Conselho de Ministros.

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

NA VIAGEM
No dia 15 de novembro de 1919, o Brasil se levantou para a luta pela liberdade e pela ordem...

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

DR. MATEO CARVALHO, ministro da agricultura.

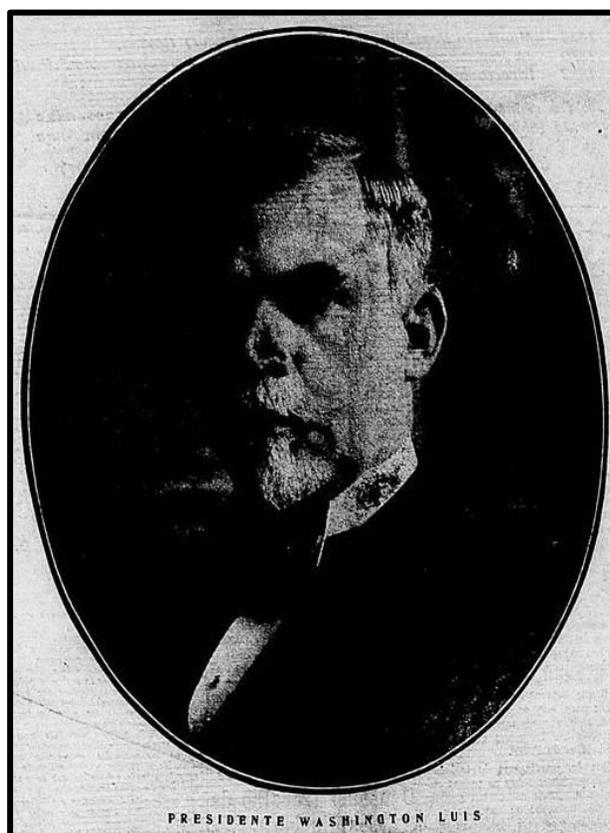
Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

DR. ANTONIO FERREZ, ministro da educação.

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...

Quando se fala da grande missão, que se iniciou no dia 15 de novembro de 1919...



15 DE NOVENBRO



COMMEMORA-SE HOJE,
EM TODO O PAIZ, COM
IMponentES MANIFES-
TAÇÕES, MAIS UM AN-
NIVERSARIO DA PROCLA-
MAÇÃO DA REPUBLICA.



O DESFILE DAS FORÇAS
DE TERRA E MAR. AS
FESTAS CIVICAS. A
RECEPÇÃO NO PALACIO
DO CATETE. O GRAN-
DE CORSO NA AVENIDA.



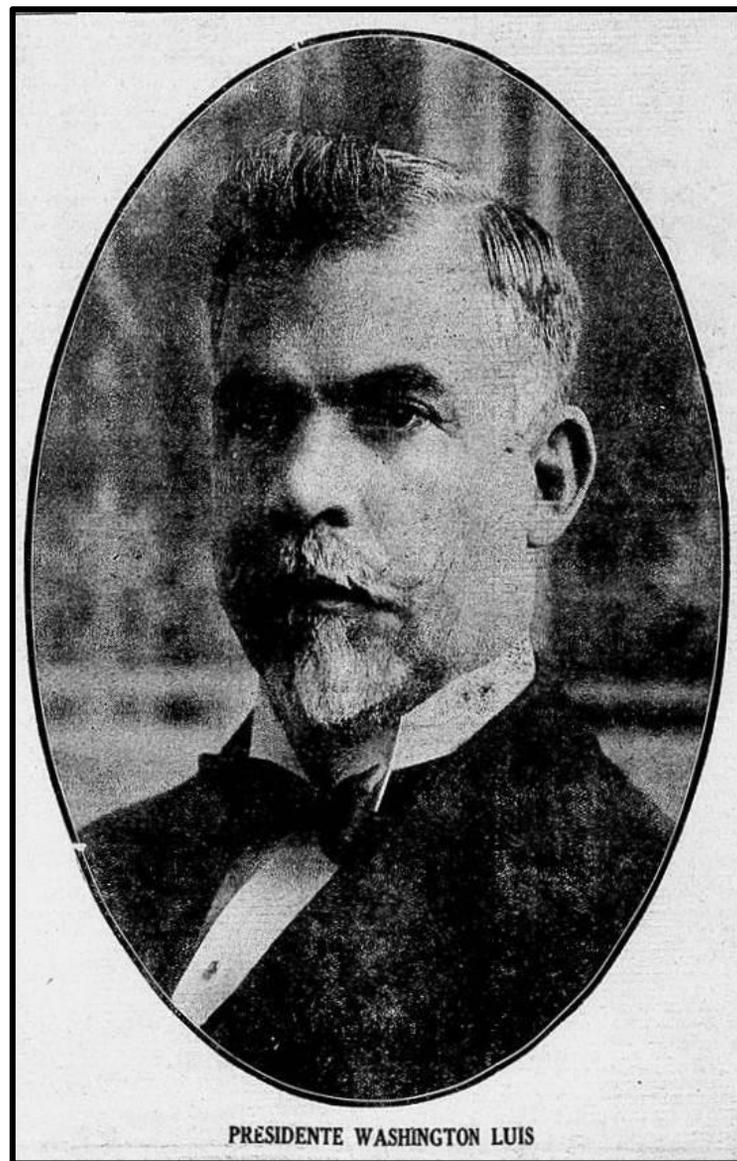
No ano marcado pela maior dissidência no seio das oligarquias que dominavam o país durante a República Velha, o diário republicano carioca permanecia em sua posição situacionista, ao tecer elogios às ações governativas de Washington Luís, estampando seu retrato e realizando um “sumário retrospectivo da atividade governamental”, durante a administração do último triênio. O quadragésimo aniversário da república também foi enaltecido, com matéria sobre a efeméride, ilustrada com as efígies de Deodoro da Fonseca, denominado “o proclamador” e de Quintino Bocaiuva, chamado de “o propagandista”. O artigo “Quarenta anos de vida republicana” dizia que a data em pauta era “da mais alta significação na nossa história”, de modo que, “nesses quarenta anos do novo regime, por vezes obscurecidos pelas mais violentas paixões partidárias ou iluminados pela fé construtora de autênticos guias da nacionalidade”, o Brasil teria realizado, “vitoriosamente, a suprema experiência da capacidade do seu povo para governar-se por si mesmo e por si mesmo escolher e traçar os seus destinos na História da América e do mundo”²⁰.

²⁰ O PAÍS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1929.

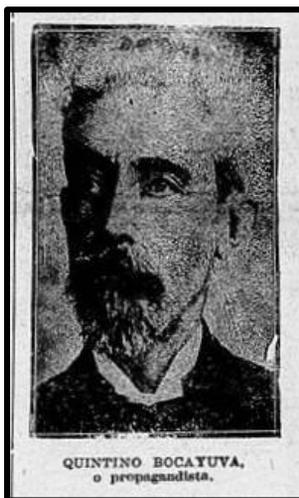
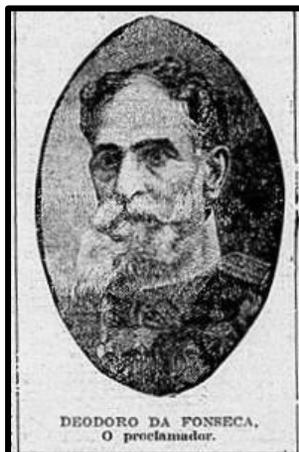
<p>Gerente ROMEU RIBEIRO S. A. O PAIZ Sede social Avenida Rio Branco, 128 RIO DE JANEIRO</p>	<h1>O PAIZ</h1>	<p>ASSIGNATURAS</p> <table><tr><td colspan="2">BRASIL</td></tr><tr><td>Anno</td><td>40000</td></tr><tr><td>Semestre</td><td>20000</td></tr><tr><td>Trimestre</td><td>11000</td></tr><tr><td colspan="2">EXTERIOR</td></tr><tr><td>Anno</td><td>120000</td></tr><tr><td>Semestre</td><td>60000</td></tr><tr><td>Numero avulsos, 200 réis</td><td></td></tr></table>	BRASIL		Anno	40000	Semestre	20000	Trimestre	11000	EXTERIOR		Anno	120000	Semestre	60000	Numero avulsos, 200 réis	
BRASIL																		
Anno	40000																	
Semestre	20000																	
Trimestre	11000																	
EXTERIOR																		
Anno	120000																	
Semestre	60000																	
Numero avulsos, 200 réis																		
<p>ANNO XLVI</p>	<p>Director: ALVES DE SOUZA</p>	<p>N. 16.462</p>																
<p>Fundado em 1 de outubro de 1884</p>	<p>RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1929</p>	<p>Journal independente, politico, literario e noticioso</p>																

**NO TERCEIRO ANNIVERSARIO DA
PRESIDENCIA WASHINGTON LUIS**

**SUMMARIO RETROSPECTIVO DA ACTIVIDADE GOVERNAMENTAL
NO DECURSO DOS TRES ANNOS HOJE VENCIDOS**



QUARENTA ANNOS
DE VIDA REPUBLICANA



Dessa maneira, *O País* cumpriu com excelência o seu papel de força discursiva governista, sustentando as ações e as práticas situacionistas durante a maior parte da República Velha. O 15 de Novembro servia para que o jornal manifestasse tais posições, utilizando-se da efeméride para valorizar o regime republicano e sustentar o *status quo*. Além dos textos, o periódico lançou mão de várias ilustrações para demarcar as edições do Dia da República, nas quais houve a predominância de dois elementos constitutivos essenciais, que, por vezes, apareciam mesclados. Nesse quadro, em várias edições ocorreu a predominância de efígies de membros do governo, com figuras presidenciais e ministeriais, ainda mais que a data alusiva à república era também marcada pelas transições governamentais, ou seja, era a data de início e fim das administrações dos chefes do Executivo nacional. Outra presença marcante foi a da alegoria feminina da dama republicana, que deveria simbolizar o espírito da forma de governo, associada notadamente aos princípios libertários, pouquíssimo confirmados durante o regime vigente. Tal constância da dama do barrete frígido poderia advir das próprias origens do periódico, vinculadas à propaganda, na qual a república poderia ser associada, ao menos no campo do idealismo, à liberdade, fundamento que não se tornou realidade com o passar dos anos da nova forma de governo, de modo que a sustentação desse princípio pelo jornal passou a evidenciar-se muito mais no campo teórico e discursivo do que nas práticas governativas, as quais ele se via na obrigação de apoiar.

A DAMA DO BARRETE FRÍGIO EM
REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS E
PAULISTANAS

Diferenciadas em relação aos jornais tradicionais, as revistas ganharam popularidade no Brasil das primeiras décadas do século XX, mormente nas grandes cidades, como foi o caso do Rio de Janeiro, epicentro cultural do país, e de São Paulo, polo político nacional à época da República Velha. Voltadas normalmente à abordagem de assuntos gerais ou especializados e com enfoque informativo e/ou ilustrado²¹, as publicações desse gênero se propunham a realizar uma espécie de “revista” – no sentido de revisão – do período coberto por sua circulação, em geral, semanal, quinzenal ou mensal. Além disso, uma das mais significativas vantagens das revistas é que ela oferecem inúmeros recursos gráficos para se contar uma história²². A partir dos progressos técnicos de impressão, elas traziam em geral uma qualidade gráfica considerável, lançando mão da utilização dos recursos da inserção de gravuras e da fotorreportagem²³. Nesse quadro, a presença da alegoria feminina republicana em revistas cariocas e paulistas constitui o objetivo desse trabalho.

²¹ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo – século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 327.

²² SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 58.

²³ A respeito da evolução das revistas no Brasil, ver: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)visita(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.;

Uma das publicações que esteve entre as principais revistas brasileiras foi *O Malho*, publicado no Rio de Janeiro, entre 1902 e o início dos anos 1950, que trouxe uma proposta editorial marcada pelo prisma satírico-humorístico e apresentou significativo conteúdo caricatural, além das incursões ao campo artístico-literário e às narrações voltadas ao cotidiano. De acordo com seu título, pretendia “malhar” a sociedade, no sentido de, informalmente, censurar, criticar, fazer troça, escarnecer e zombar, bem em consonância com as propostas da publicação. Contou com a colaboração textual e iconográfica de alguns dos principais intelectuais e artistas brasileiros da época²⁴. A partir de suas páginas, a representação cômica da vida nacional adquiriu novas dimensões²⁵, atingindo um significado profundamente popular²⁶, ao levar para o homem da rua o espetáculo dos figurões e aquilo que o povo imaginava sobre as figuras da politicagem nacional²⁷.

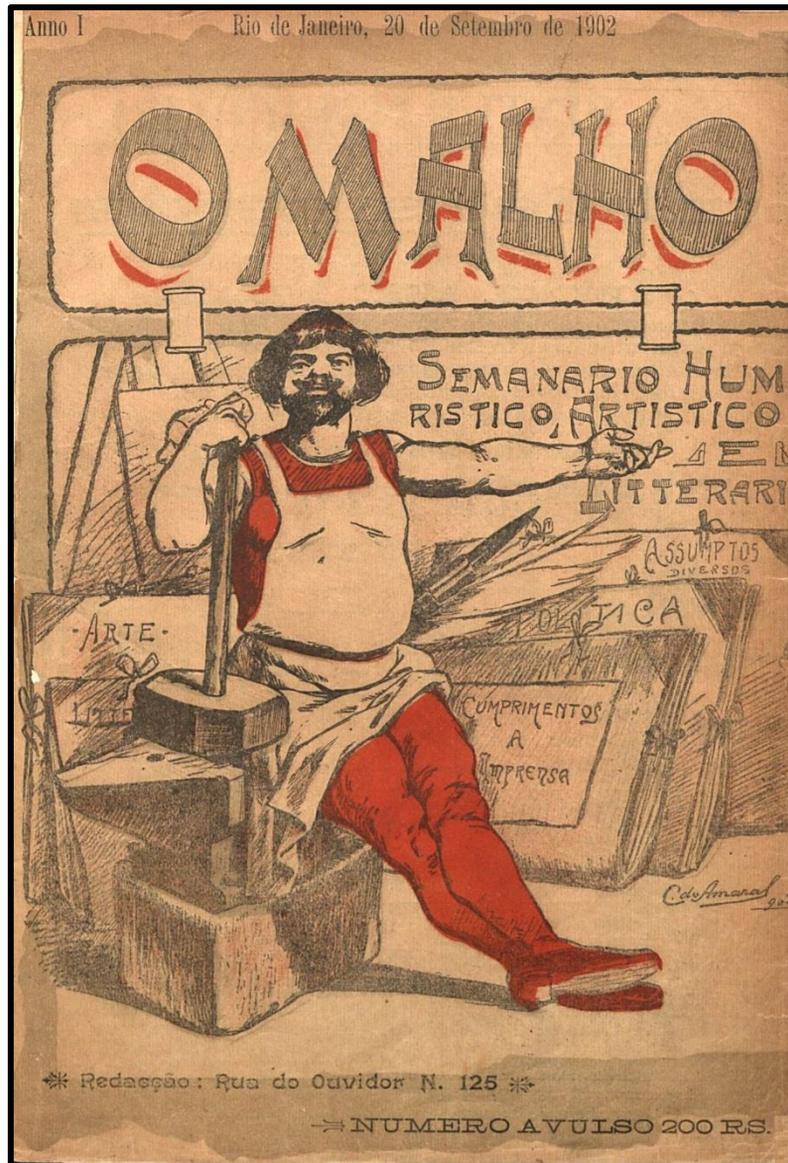
e MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.

²⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 301.

²⁵ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

²⁶ MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

²⁷ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 146.



O Malho lançou mão em larga escala da estratégia imagética envolvendo a mulher-república, por vezes para demarcar a efeméride do 15 de novembro e, na maior parte das inserções, para exercer seu espírito crítico, mormente o relacionado à política²⁸. Em uma delas, a folha ilustrada mostrava as “coisas simbólicas do Dia Quinze”, apresentando a dama republicana a cavalgar um burrico, o qual era empurrado pelo Presidente da República. Na caricatura, a dama encontrava-se com o Zé Povo e travava uma conversa carregada de indignação e decepção, justificando que se encontrava carregada de armas para enfrentar os obstáculos do caminho, notadamente os criados pelos homens públicos, que estariam a criar-lhe as maiores dificuldades²⁹. Em outra ilustração cômica, o periódico trazia um indivíduo que conseguira certa colocação no meio público, vindo a dispor-se a agradecer à “Fada Republicana”, perguntando-lhe de onde vinham as riquezas do Estado Nacional, tendo por resposta que as verbas públicas advinham do Zé Povo, sempre de bolsa aberta e disposto a pagar tudo que lhe cobravam³⁰.

²⁸ Ver os números 71, 72 e 76 desta Coleção.

²⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 18 nov. 1905.

³⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 2 dez. 1905.



O MALHO

Aventuras phantasticas de um grande caçador

(Continuação do numero anterior)

QUEM FAZ, QUEM DA' E QUEM PAGA

Fogo viste linguca?
Minutos depois D. Oswaldo já se achava na presença do ministro.

— Preciso de um homem, D. Oswaldo! Disse-lhe o Dr. Sealbra.

Bem sabia D. Oswaldo que o homem preciso era elle, e isto inchou-o.

— V. Ex. precisa de um homem, de um homem...



I

— Sim, de um homem e esse homem é você. A hygiene está pela hora da morte e você vai reorganisa-la.



II

Tiveram então uma longa conferencia, finda a qual D. Oswaldo estava autorizado a adquirir a Brigada de Mosquiteiros, as innumerables cacangas, o interminavel bando de vassouras. E os milhões de contos viriam. D. Oswaldo radiava.

Era a plena realisação daquelle sonho maravilhoso. Então o nosso illustre caçador, perdendo a correção da linha, deixou-se desmanchar dos altos pincores das conveniencias sociais e fez o trajecto da secretaria do interior á sua residencia, dansando um formidoloso cake-walk.

Mal chegon em casa e entrou no seu quarto, appareceu-lhe radiante a Fada Republica.

— Estás satisfeito, Oswaldo?

— Heim? que pergunta?
— Pois agradece-me!



III

— Sim! devo agradecer-lhe, bondosa Fada Republica e aqui me tens a tous pes, humilde servo (sabes que sempre fui republicano? !). Mas, diz-me, fada do coração,



IV

— És curioso, Oswaldo, e isto não é da tua conta. Emfim como és um homem de talento, eu digote... Não é nada e é tudo, uma formiga e um mundo; um pobretão que é ao mesmo tempo um ricoço; um bonacheirão que é um colosso; um homem, a quem quasi nunca fazem a vontade e tem, entretanto, humensa força para impol-a; fazem-no de burro de carga e elle nada tem de burro, muito menos burro de carga. Emfim, um cidadão que traz uma enorme bolsa a tiracollo, sempre cheia e está sempre prompto a pagar, a pagar, a pagar...

— E esse homem?

— Chama-se Zé Povo!



- detalhe -

Já em outra edição alusiva ao 15 de Novembro, a publicação carioca apresentava um conjunto caricatural acerca do décimo oitavo aniversário da forma de governo, mostrando alguns personagens da vida política nacional, além da própria dama do barrete frígido, a colher mais uma flor em referência ao seu natalício, mostrando temor diante do “monstro revolucionário” e sendo saudada pelo globo que representava o mundo, em sinal de acatamento respeitoso. O periódico ainda destacou sua oposição ao movimento voltado à restauração monárquica, mostrando os adeptos de tal ideia em grandes dificuldades, buscando sustentar-se agarrados à “árvore das ilusões”, mas não resistindo à intensa ventania proveniente do sopro da mulher-república³¹. A política internacional também aparecia nas páginas do semanário, como ao mostrar o Ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco, a provar a falsificação cometida por diplomata argentino, o qual era expulso da cena pela alegoria feminina da República Argentina³². Em mais um conjunto caricatural, *O Malho* mostrava uma “Salada comemorativa do 15 de Novembro”, cuja tônica era a dança, com a participação de diversos homens públicos brasileiros e a presença de figuras que aludiam não só à República Brasileira, mas também à Argentina, ambas a bailarem um tango com seus parceiros³³.

³¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 nov. 1907.

³² O MALHO. Rio de Janeiro, 21 nov. 1908.

³³ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 nov. 1913.





- detalhe -



- detalhe -



- detalhe -





Rio Branco : — Aqui está a prova da falsificação do telegramma n. 9. Tomo por testemunhas as nações que nos olham. O Brazil não alimenta, nem nunca alimentou prevenções contra a vizinha e amiga, e este tratado traduz com eloquencia inexcelsível as intenções de paz e cordialidade do meu paiz. E agora, peço justiça!

Republica Argentina : — Eil-a! (*dirigindo-se a Zeballos*) : — Miseravel, pantomineiro, intrigante e falsario! Some-te do scenario politico! Arlequin diplomatico! Só mereces desprezo!...





- detalhe -



- detalhe -

Por ocasião do vigésimo quarto aniversário republicano, o periódico caricato trazia uma dama republicana em péssimas condições de vida, envelhecida, doente e vestida em andrajos, conversando com o Zé Povo, igualmente em remendos, entristecido e assustado com a presença muito próxima da “despesa pública” e da “carestia de vida”, representados por morcegos, tradicionais imagens utilizadas pela caricatura para designar os males que assolavam as sociedades. Mas a maior preocupação dos personagens era com os “anões”, que simbolizavam os perdulários homens públicos³⁴. Em pleno enfrentamento bélico mundial, como “a melhor sugestão do 15 de Novembro”, o semanário apresentava várias figuras, dentre elas algumas mulheres-república, que representavam as repúblicas sul-americanas, de armas em punho, prontas a enfrentar possíveis adversários, sendo estimuladas pelo Tio Sam, em alusão aos Estados Unidos, que as instigava a manterem-se unidas em um só bloco, ficando implícito que tal união se daria sob a sua orientação. *O Malho* também utilizou-se da mesma alegoria feminina para saudar a ação de um industrial e incentivador da aviação³⁵.

³⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 nov. 1913.

³⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 17 nov. 1917.



MAIOR

IMPRESSO EM MÁQUINAS ROTATIVAS DE MARINONI

Anno **XX** **REDAÇÃO, ESCRITÓRIO E OFFICINAS**
RUA DO OUVIDOR N. 164 E RUA ROSARIO 173 **D. 792**

A MELHOR SUGGESTÃO DO «15 DE NOVEMBRO»

«Entre as calorosas felicitações e provas de amizade que das nações da América do Sul receberam o Brasil, pela data de 15 de Novembro, destacaram-se as da Argentina e do Uruguay, nações que enviaram seus melhores navios de guerra para saudarem a nossa República. (Dos jornais)»

Tio Sam : —O que vocês têm a fazer é isso mesmo : tomarem juizo e juntarem-se num só bloco, para poderem fazer frente ao inimigo commum... A união faz a força. Faz a maior e melhor força que eu conheço...



Uma revista editada na cidade de São Paulo entre 1903 e a primeira metade da década de 1920 foi *Vida Paulista*. Ao longo de sua existência, teve várias interrupções em sua circulação, bem como inaugurou novas fases, correspondendo a certas modificações menos ou mais acentuadas em sua estrutura editorial e/ou gráfica. Tal publicação caracterizou-se pela pluralidade em suas tendências gráficas³⁶, notadamente em sua composição iconográfica na qual mesclava fotografias e caricaturas. Em seu frontispício apresentou-se como “semanário ilustrado”, chegando a propor como temáticas centrais “humorismo, crítica e arte”, anunciando que possuía “grande circulação em todo o Estado”. Posteriormente, chegou a identificar-se, por curto período, como “publicação semanal ilustrada de *A Notícia*”. Declarava ainda que tinha um “programa de órgão crítico” e “independente”³⁷. Já nos anos 1920, com a numeração revisada, identificava-se como uma “revista ilustrada” e “publicação quinzenal”, cujos escopos principais eram “humorismo, literatura e esporte”, acrescentando depois a “cinematografia”. Nessa época, em mais uma retomada, levando em conta seu título, afirmava que renascera a partir da “absoluta e imprescindível necessidade de viver”, anunciando uma “nova existência”, recomeçando “a jornada interrompida” e “trilhando a senda da arte, da probidade, da glória, do arame, de tudo”, com o “lema” de sempre “cavar” em busca de novidades³⁸.

³⁶ MARTINS, 2008, p. 492.

³⁷ VIDA PAULISTA. São Paulo, 12-13 nov. 1904.

³⁸ VIDA PAULISTA. São Paulo, 1º out. 1920.



A *Vida Paulista* também trouxe a presença da dama do barrete encarnado em suas páginas. Uma delas apresentava carros alegóricos da época do carnaval, nos quais a imagem da mulher-república marcava presença, protegendo o povo – representado por um indígena – dos males que o afligiam – simbolizados por víboras – ou ainda ocupando o lugar mais alto no denominado “altar da pátria”³⁹. Uma tradicional representação da corrupção, como um animal noturno e furtivo, os ratos assaltavam os cofres públicos, com a figura da república caída e agonizante, ao “ser devorada” por aqueles “roedores e famintos”⁴⁰. Em meio ao foguetório das festas juninas, a folha paulistana buscava demonstrar os desmandos em meio aos homens públicos, bem como as acusações contra o governo, enquanto, no palácio governamental, a república, ao lado do Presidente, observava estupefata o cenário festivo⁴¹. Seminua, a dama do barrete frígio assumia o papel da primeira mulher e era tentada pela serpente que ganhava as feições de um político, o qual tentava a “Eva-república” com a maçã de um programa governamental⁴². A esperança da vitória de um grupo partidário foi representada pela presença dos mesmos junto à alegoria republicana, sob um sol do “15 de Novembro”, que deveria irradiar vários princípios e práticas governativas de cunho positivo⁴³.

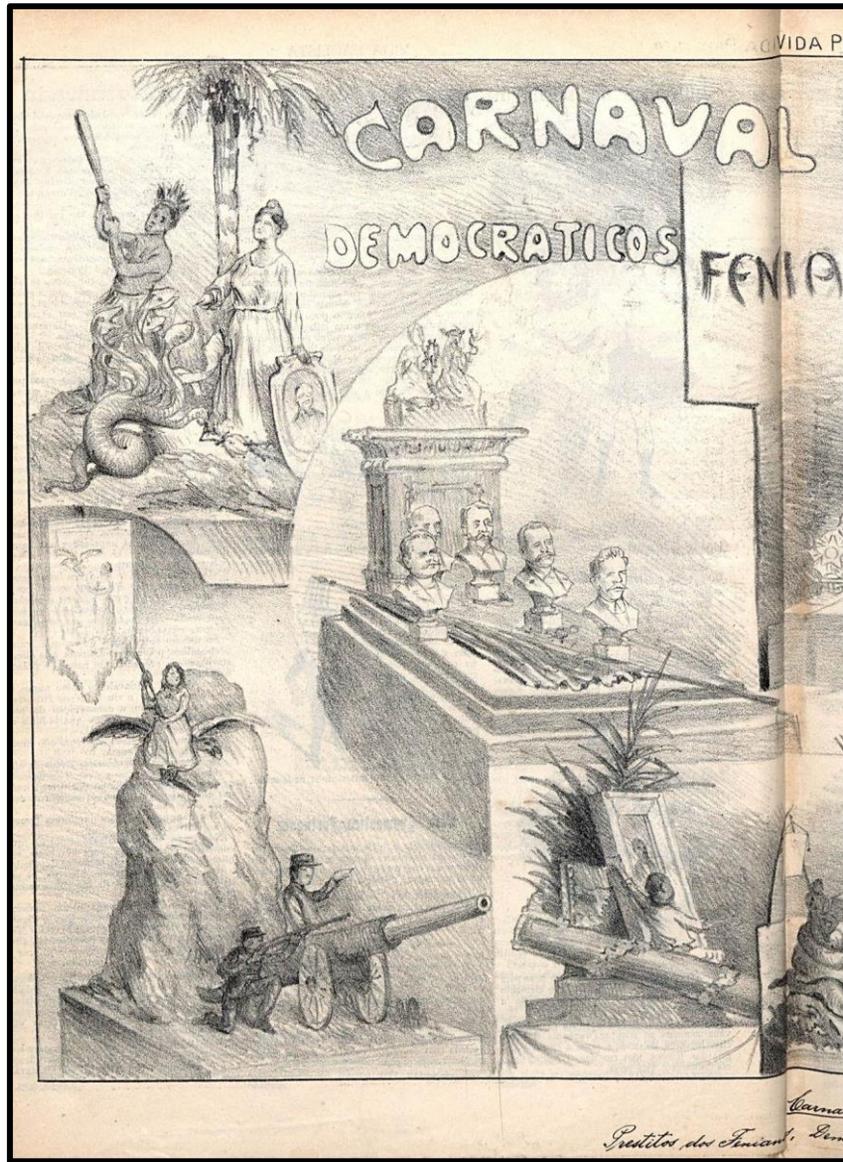
³⁹ VIDA PAULISTA. São Paulo, 11-12 mar. 1905.

⁴⁰ VIDA PAULISTA. São Paulo, 11-12 maio 1905.

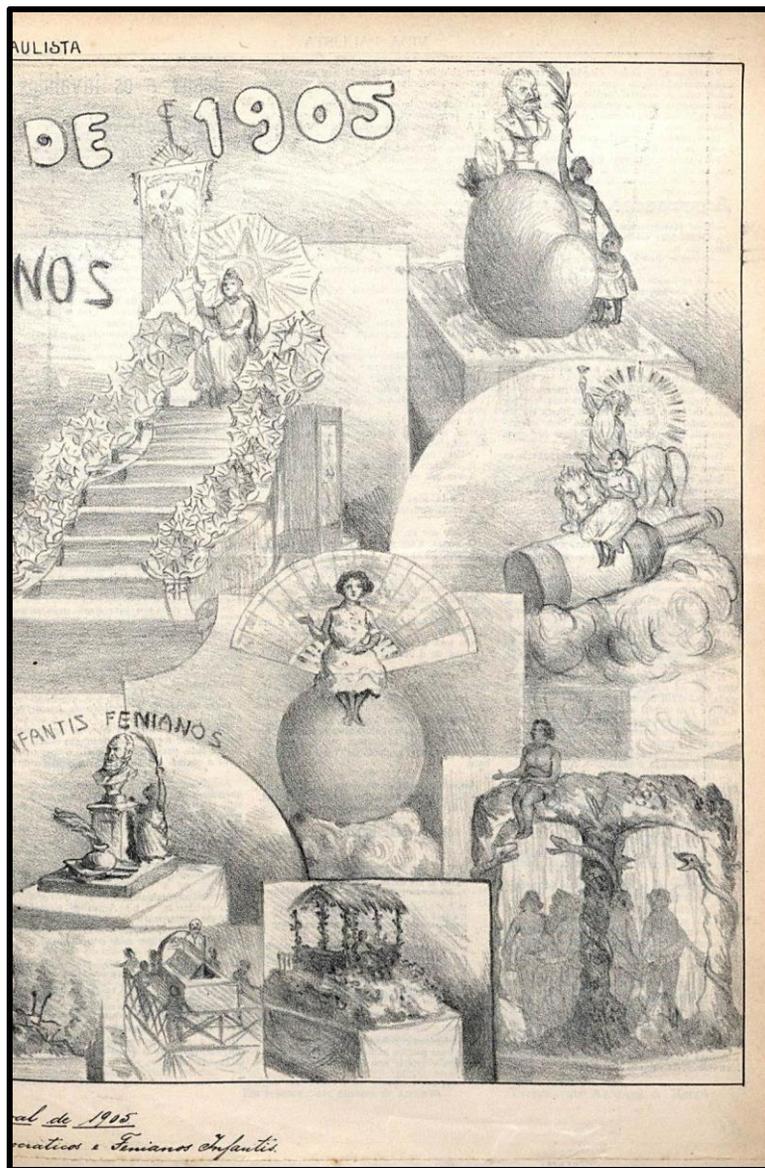
⁴¹ VIDA PAULISTA. São Paulo, 15-16 jun. 1905.

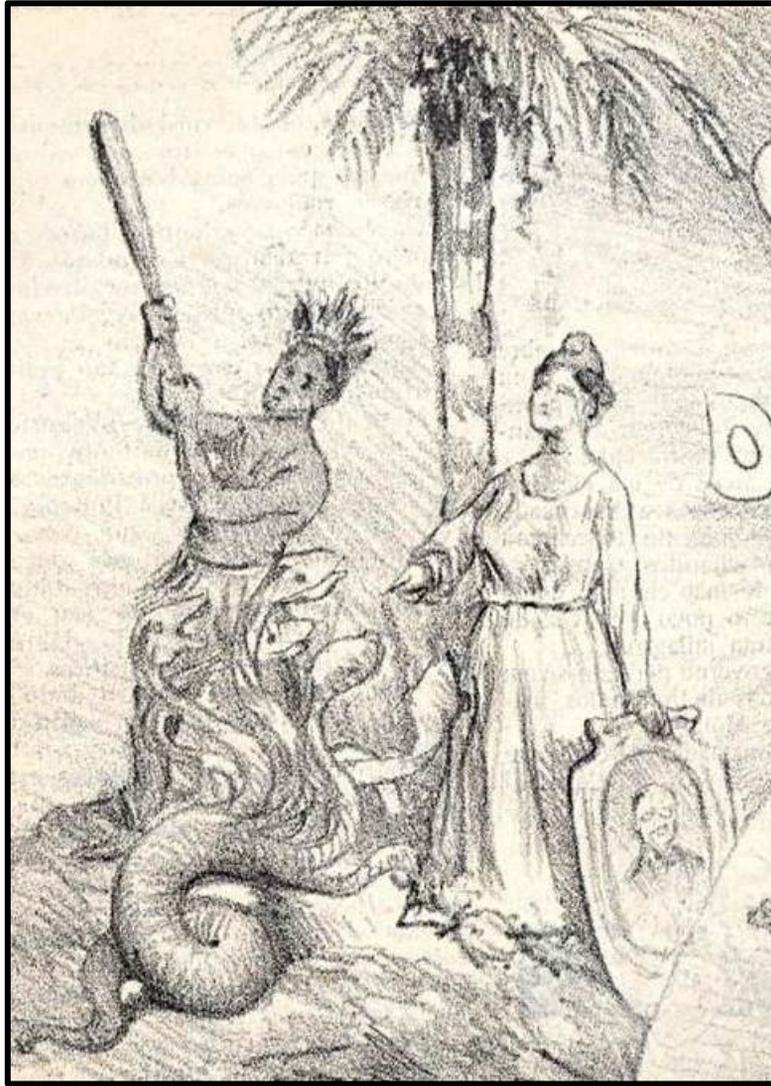
⁴² VIDA PAULISTA. São Paulo, 29-30 jun. 1905.

⁴³ VIDA PAULISTA. São Paulo, 10-11 ago. 1905.

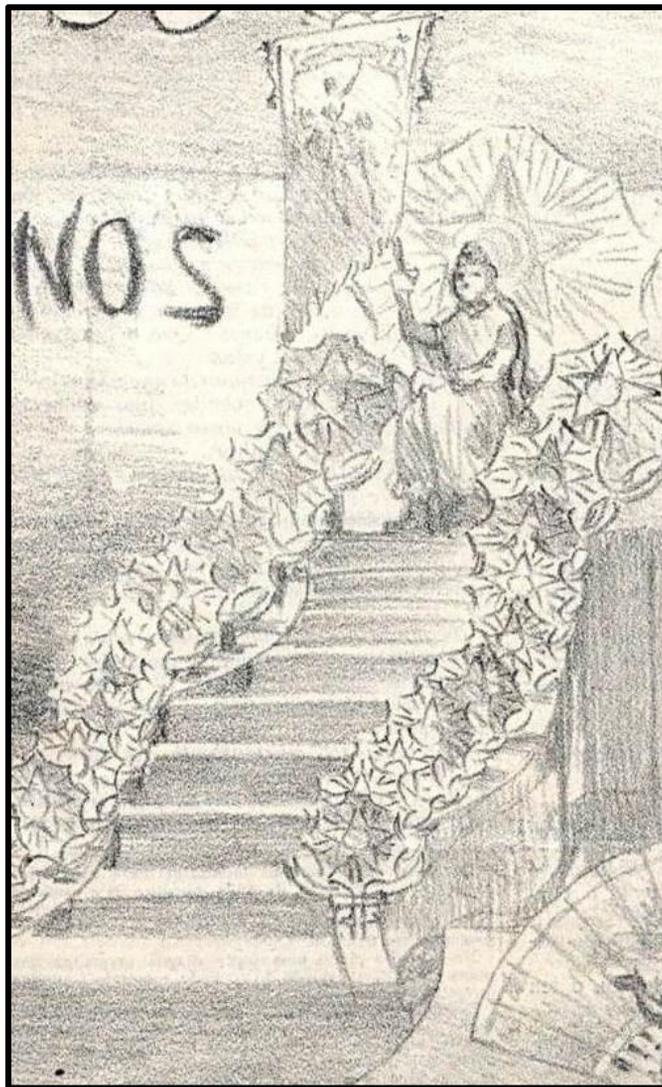


A REPÚBLICA BRASILEIRA EM PAUTA: ALEGORIAS E EFEMÉRIDES

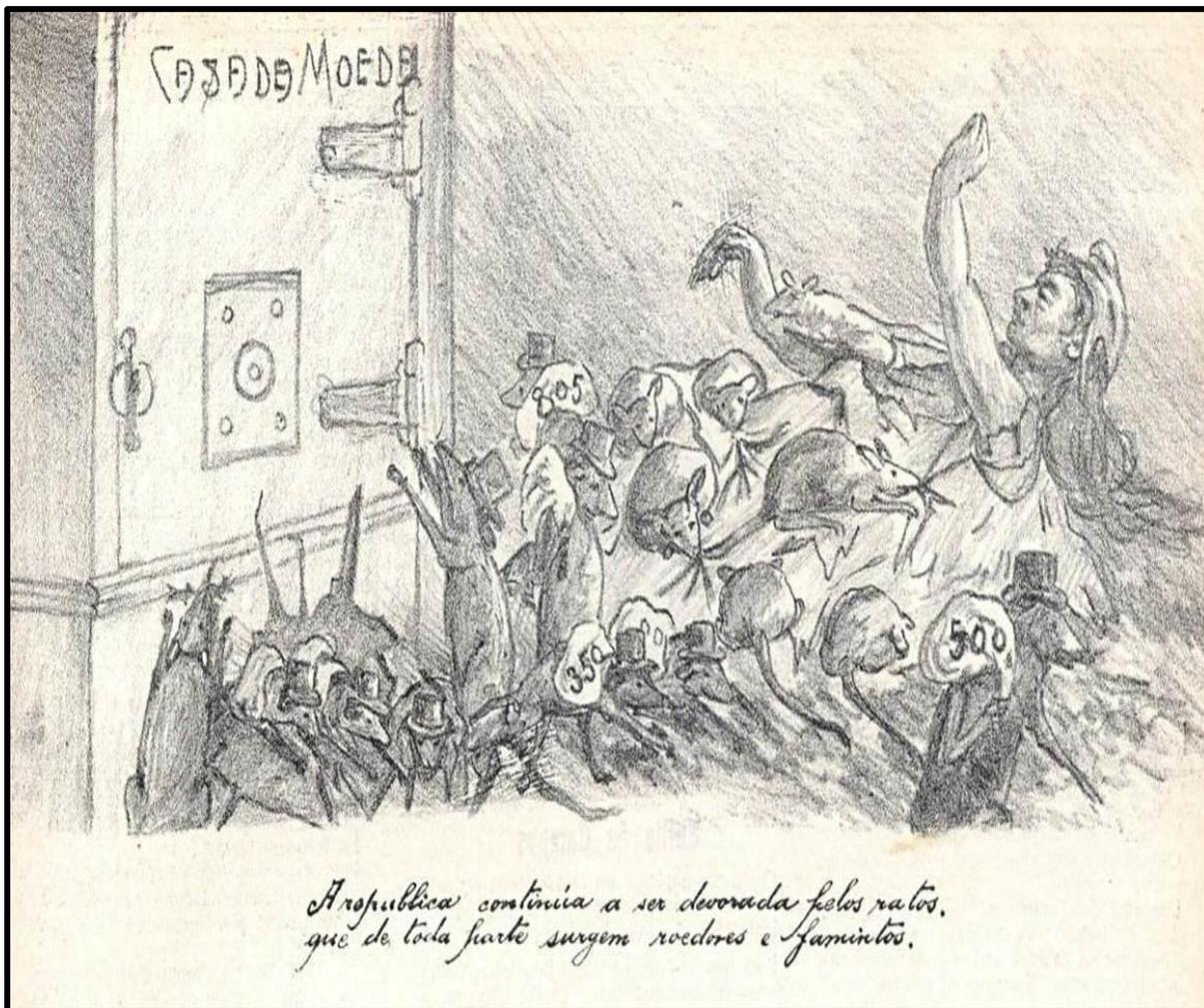


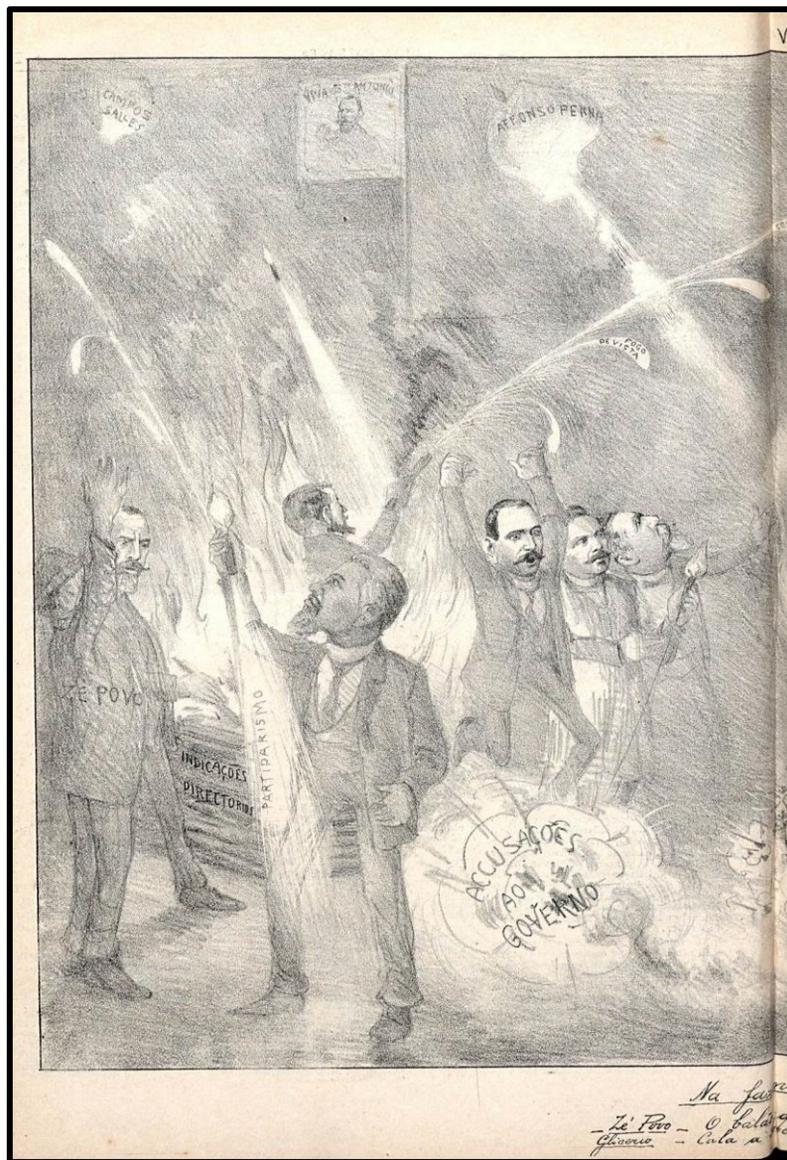


- detalhe -



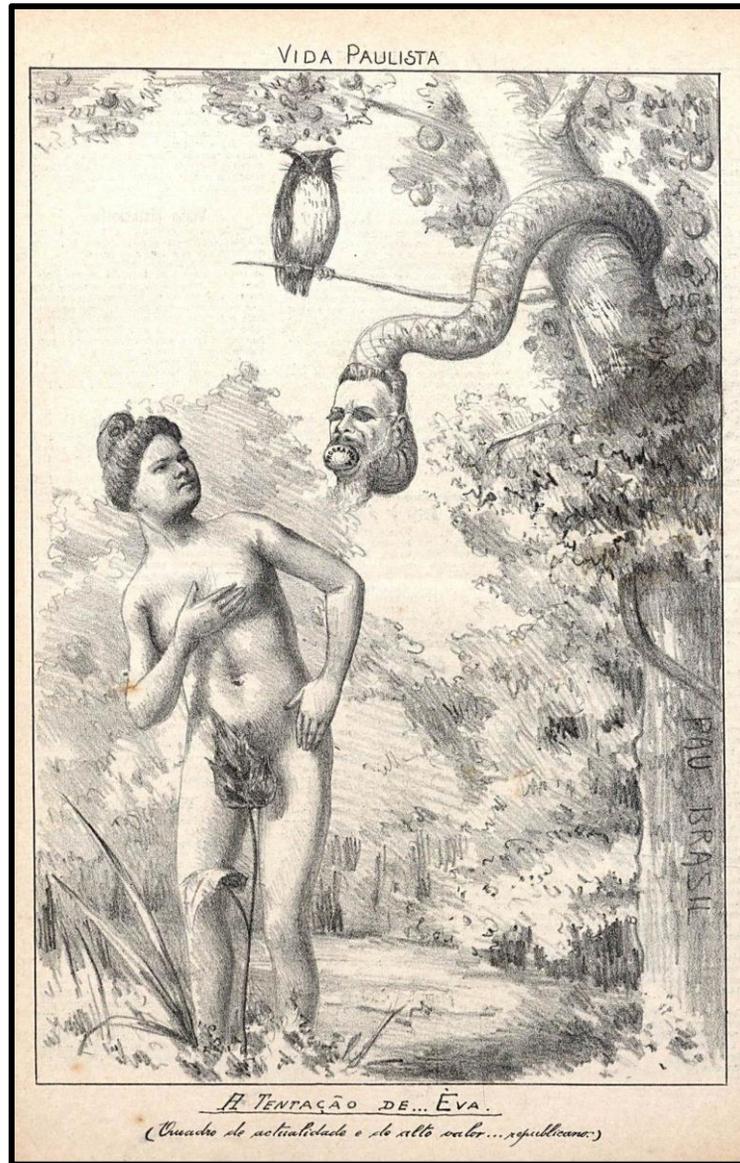
- detalhe -



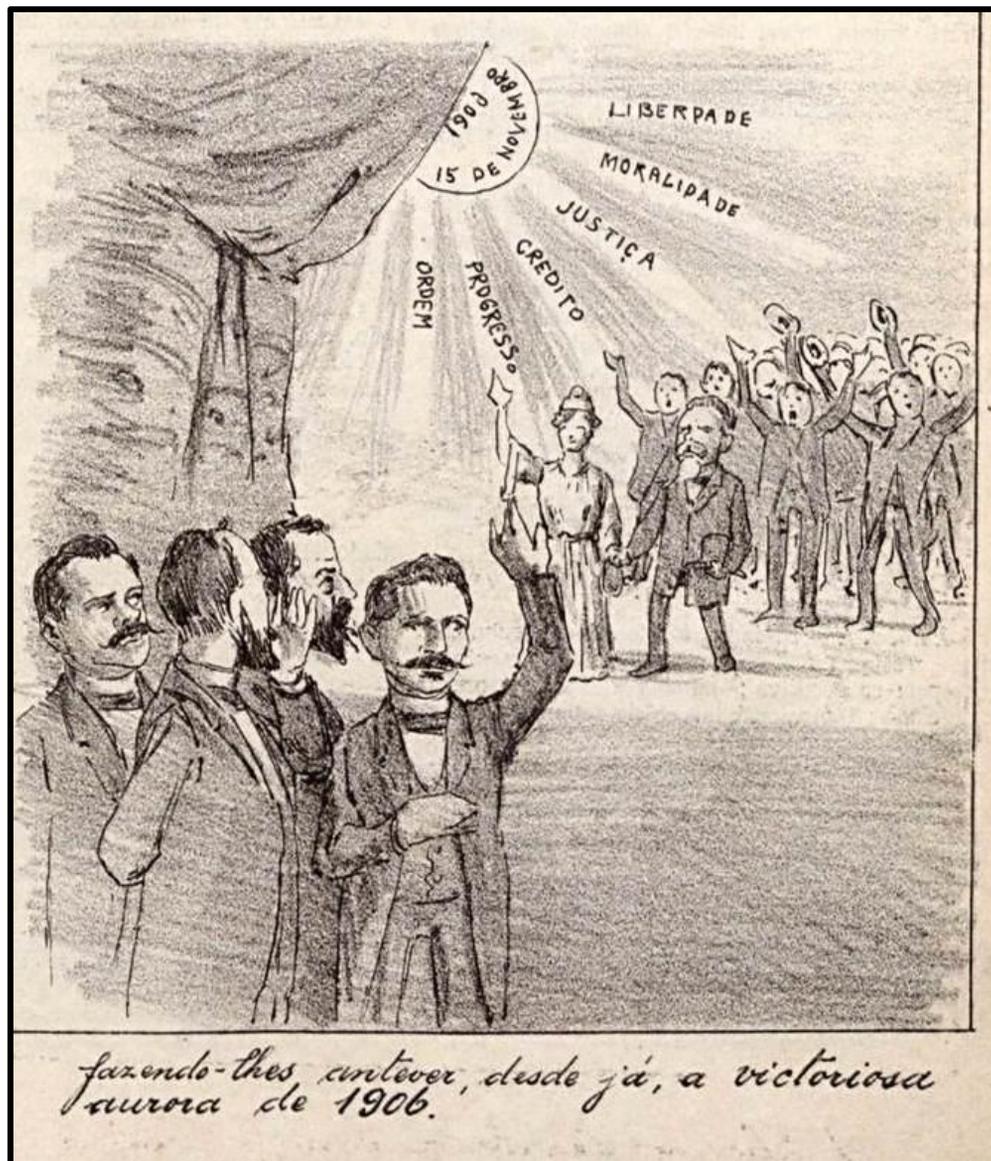




- detalhe -



A REPÚBLICA BRASILEIRA EM PAUTA: ALEGÓRIAS E EFEMÉRIDES



Outra presença constituiu uma homenagem ao Presidente Afonso Pena, cuja efígie era estampada, sendo acompanhada pela própria representação da publicação, uma figura feminina portando o lápis e o crayon, e pela mulher-república, que empunhava o estandarte nacional⁴⁴. Mais uma vez no campo da crítica política, inspirada novamente no clima carnavalesco, a revista apresentava um conjunto caricatural, com denúncias à politicagem, à fraudes eleitorais, aos sofrimentos do povo, à falta de justiça e à malversação das verbas públicas, em um quadro pelo qual a alegoria feminina da república aparecia como uma estátua que era incensada por clérigos, no sentido da busca dos mesmos por atenuar as consequências da implantação do Estado laico⁴⁵. Já nos anos 1920, as relações com a vizinha Argentina também serviram de pretexto para a o surgimento da mulher-república, uma delas com a figura bastante estilizada a levar vantagens financeiras sobre um indivíduo⁴⁶ e, em outra, a jovem República Brasileira desconfiava da sinceridade de um representante diplomático platino⁴⁷. Por ocasião do centenário da independência, a revista denunciava os atos coercitivos governamentais, mostrando um homem com a espada da “lei de imprensa” em punho, avançando em direção à imagem da mulher republicana associada à liberdade, questionando se tal “atentado” viria a se consumir⁴⁸.

⁴⁴ VIDA PAULISTA. São Paulo, 6-7 fev. 1908.

⁴⁵ VIDA PAULISTA. São Paulo, 2-3 mar. 1908.

⁴⁶ VIDA PAULISTA. São Paulo, 1º jun. 1921.

⁴⁷ VIDA PAULISTA. São Paulo, 16 set. 1921.

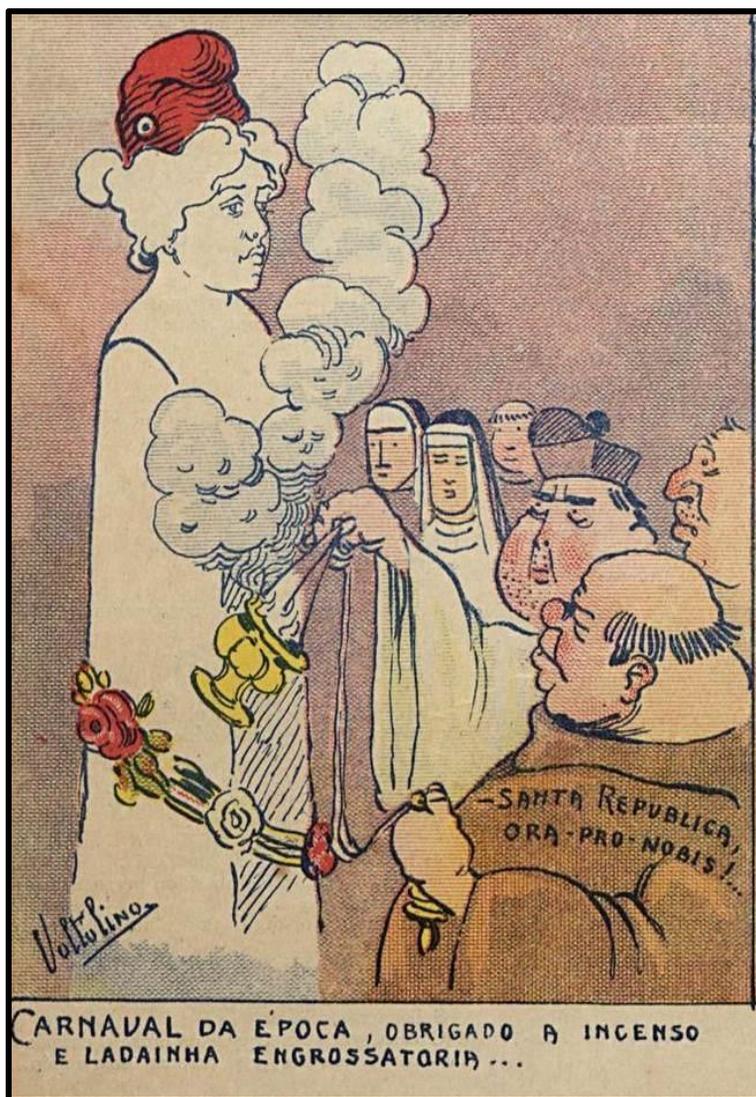
⁴⁸ VIDA PAULISTA. São Paulo, 1º ago. 1922.



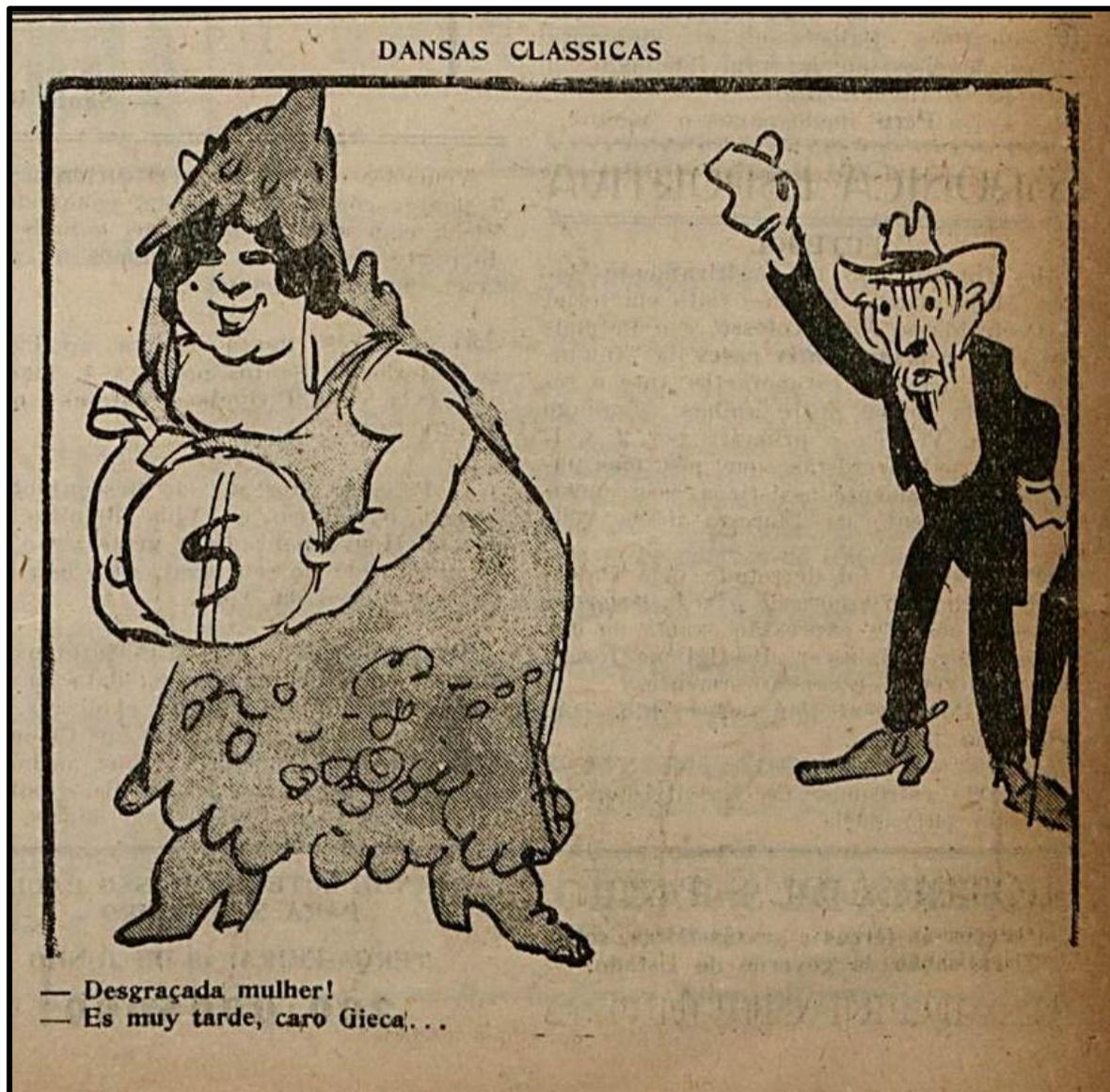


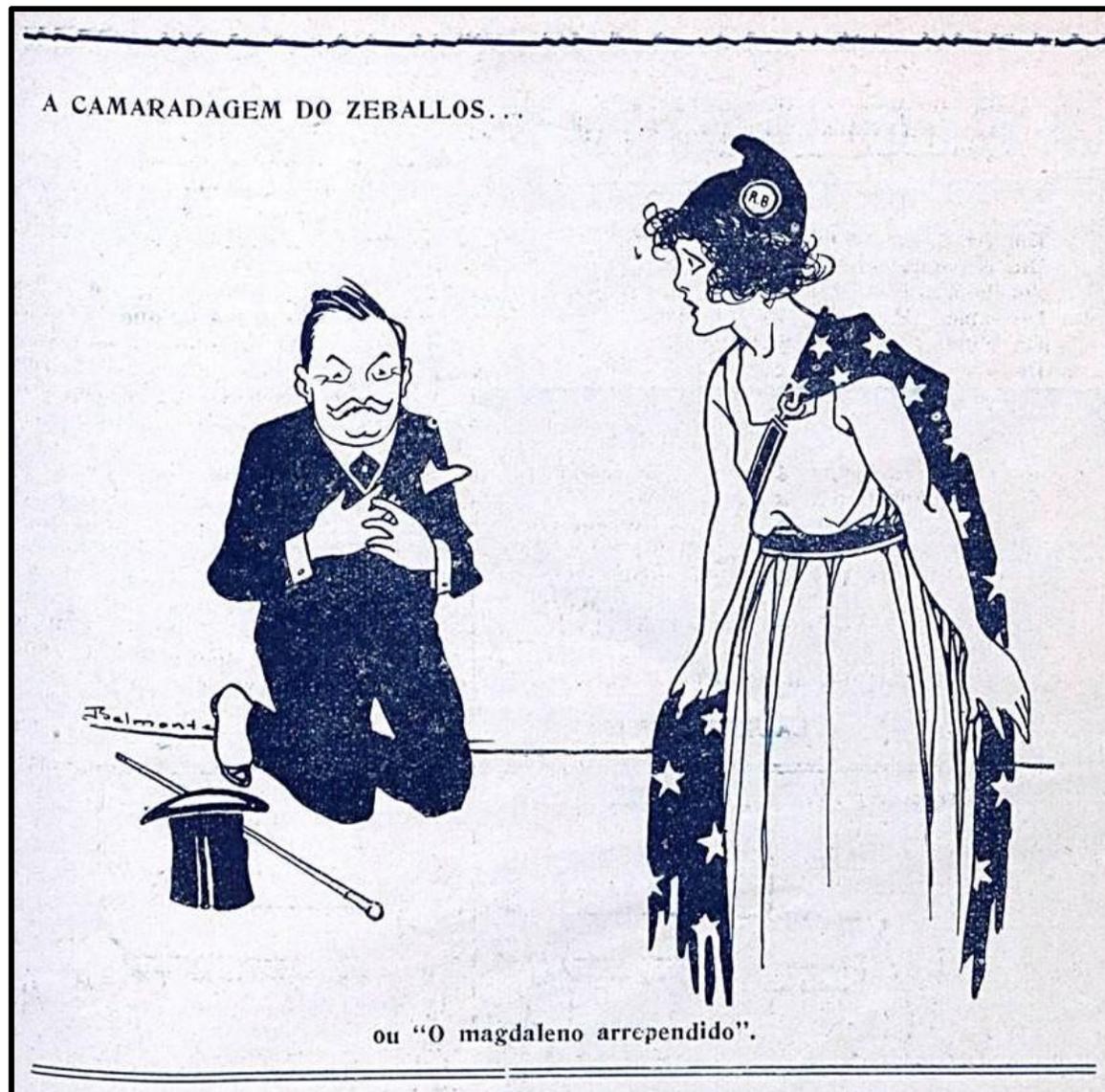
A REPÚBLICA BRASILEIRA EM PAUTA: ALEGORIAS E EFEMÉRIDES

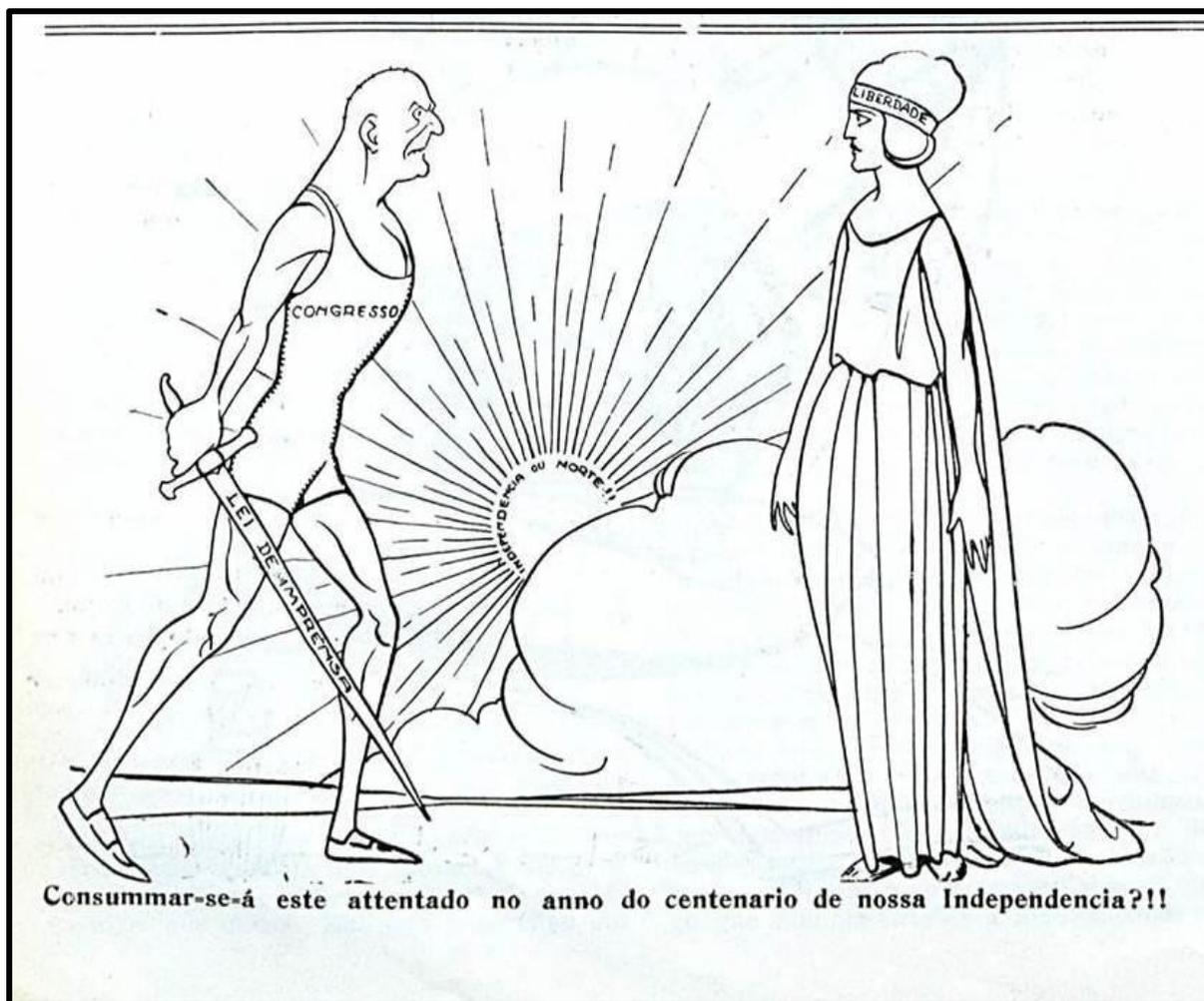




- detalhe -





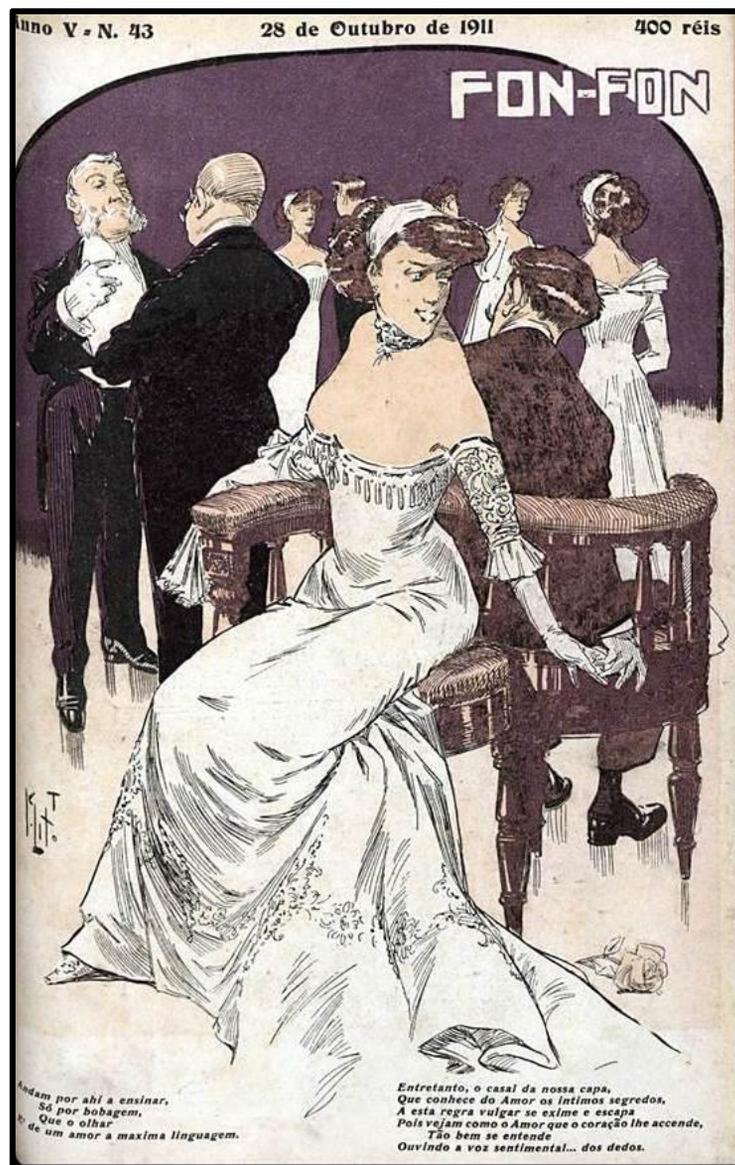


Um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”, a *Fon-Fon* foi uma revista editada no Rio de Janeiro desde 1907 até o final dos anos 1950. Seu título era uma alusão a uma buzina que viria a ser apertada, produzindo o efeito sonoro onomatopáico, a cada nova temática debatida em suas páginas. Estabelecia como intento fundamental o de ser “ágil e leve”, para “fazer rir, alegrar a boa alma carinhosa” do “amado povo brasileiro, com a pilhéria fina e a troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o comentário leve às coisas da atualidade”⁴⁹. Viria a ter significativa expressão em meio às revistas de sua época⁵⁰, como comprovou a sua significativa longevidade. Progressivamente, o humor deixaria de ser o principal fio condutor de seu norte editorial, diversificando ainda mais suas abordagens e trazendo alguma preferência por direcionar-se ao público feminino. Dessa maneira, o periódico afirmava que se transformara em “um jovem mundano e faceiro, que se habitou às boas rodas”, vendo-se “disputado pelos que cultivam o espírito, amam a arte, apreciam o bom tom e rendem homenagem às mulheres”. A revista demarcava que em sua páginas “caricaturou os políticos e criticou os administradores, fez graçolas e traquinadas”, mas, “com os anos se fixou” em outras linhas de ação, ainda que “nada” tivesse perdido “do seu chiste e da sua alegria”, ou seja, ao ser “mais linda”, passava a ter “melhor juízo”⁵¹.

⁴⁹ FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1907.

⁵⁰ SODRÉ, 2007. p. 301.

⁵¹ FON-FON. Rio de Janeiro, 14 abr. 1928.



A alegoria feminina da república se fez presente em diversas edições da *Fon-Fon* para expressar diferentes reações, como a de promover a exaltação cívica e a mobilização patriótica, mas também, mormente na etapa em que esteve mais vinculada ao humor, para estimular o veio satírico, normalmente demarcado a partir da arte caricatural, principalmente na prática da crítica de cunho político⁵². Além disso, a dama do barrete frígio surgiu também em meio a uma matéria publicitária de um produto destinado ao penteado feminino. Em um misto de abordagem acerca da moda e o estímulo ao uso de um cosmético, a revista trazia a mulher-república a aplicar o creme em seus longos cabelos, deixando o barrete sobre o seu colo. Como uma receita de utilização, o anúncio recomendava que a usuário deveria pentear os cabelos, “dividindo-os de preferência em duas partes, por meio de uma risca no centro da cabeça”, para depois subdividi-los “em pequenos cachos”, vindo a aplicar uma quantidade moderada de *Tricofero de Barry*. Tal aplicação deveria repetir-se na toalete matinal e na noturna, como “remédio mais eficaz para eliminar a caspa, conservar forte e jovem o cabelo, para impedir que caia” e para que “brotem novas plantas capilares”, mantendo “brilho, sedosidade” e “um doce e simpático perfume”. Voltada a atender um segmento importante de seu público leitor, a *Fon-Fon* transformou a dama republicana em uma verdadeira garota-propaganda⁵³.

⁵² Ver os números 71 e 72 desta Coleção.

⁵³ FON-FON. Rio de Janeiro, 21 out. 1911.



Uma das representantes do gênero jornalístico em pauta foi a *Revista da Semana*, que surgiu no Rio de Janeiro em maio de 1908, passando a constituir “suplemento ilustrado do *Jornal do Brasil*”, até 1915. Enquanto várias edições do mesmo gênero tiveram vida fugaz, ela permaneceu como uma das mais importantes publicações brasileiras até 1959. Ao desvincular-se do *Jornal do Brasil*, dedicou-se às atualidades sociais, políticas e policiais, tornando-se leve, alegre, elegante, com as ilustrações de alguns dos principais artistas de então. A partir de 1915, tornou-se mais elegante e feminina, já com outra feição, superando alguns dos periódicos seus contemporâneos e disputando com outros as preferências do público da época⁵⁴. Tinha por maiores objetivos as fotografias, as vistas instantâneas, os desenhos e as caricaturas e chegou a trazer em seu cabeçalho a distinção de ter sido premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim, de 1911. Pretendia alcançar o nível dos maiores semanários do mundo, levando em frente aquilo que denominava como um crescente anseio de perfeição, ao buscar empregar os maiores esforços para dotar o Brasil com uma publicação compatível com os seus foros de cultura⁵⁵.

⁵⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 274, 297, 301 e 326.

⁵⁵ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 31 dez. 1921.

Anno XII — N.º 601 Sábado, 18 de Novembro de 1911 Avulso 300 réis

REVISTA DA SEMANA



NA GAVEA — *Um passeio de charrette com lotação florida*

O PRESENTE O MAIS ÚTIL, O MAIS DORADOURO É O CHRONOMETRO PATEK-PHILIPPE
GONDALO & LABOURIAU, Relojoeiros — 81 BUA DA QUITANDA 81

A presença da dama do barrete encarnado nas páginas da *Revista da Semana* ficou evidenciada pelo menos em duas de suas edições. Uma delas se referia à efeméride da data cívica do 15 de Novembro, e trazia por cenário um lauto banquete, no qual os políticos regalavam-se, em alusão ao aproveitamento das verbas públicas. Sob o olhar entristecido da figura feminina que representava a república, o Presidente recebia o Zé Povo – que designava a população brasileira –, perguntando-lhe como estava o prato principal, recebendo uma resposta capciosa e com duplo sentido, carregada de ironia e crítica, cobrando a autoridade pública quanto à carestia do custo de vida no Brasil daquela época, mal que afetava os mais pobres com maior intensidade⁵⁶. Em outra oportunidade, a dama republicana encontrava-se sentada, observando o livro com o texto constitucional, ao mesmo tempo que sustentava uma espada em uma das mãos, em relação ao contexto histórico vivenciado naquele momento pelo Estado Nacional Brasileiro, sacudido por focos insurrecionais, contra os quais ela pretendia contrapor a força da lei e a da repressão⁵⁷.

⁵⁶ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 18 dez. 1911.

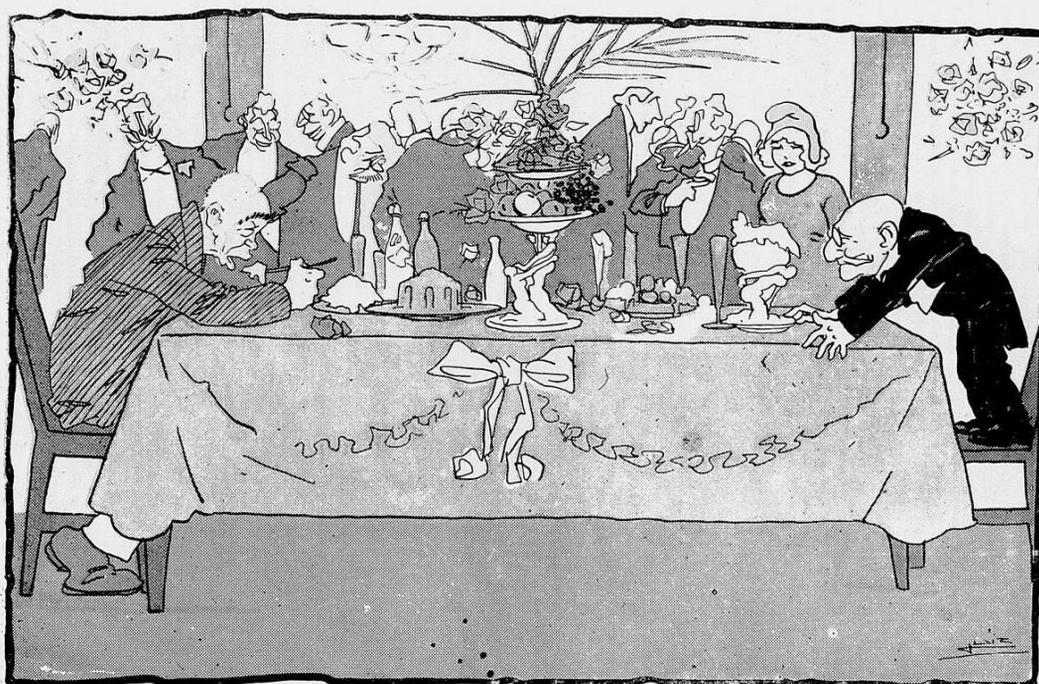
⁵⁷ REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 14 nov. 1925. Ver o número 76 desta Coleção.

REVISTA DA SEMANA

AVENIDA CENTRAL 110 E 112



ANNO XII RIO DE JANEIRO—SABBADO 18 DE NOVEMBRO DE 1911 N. 601



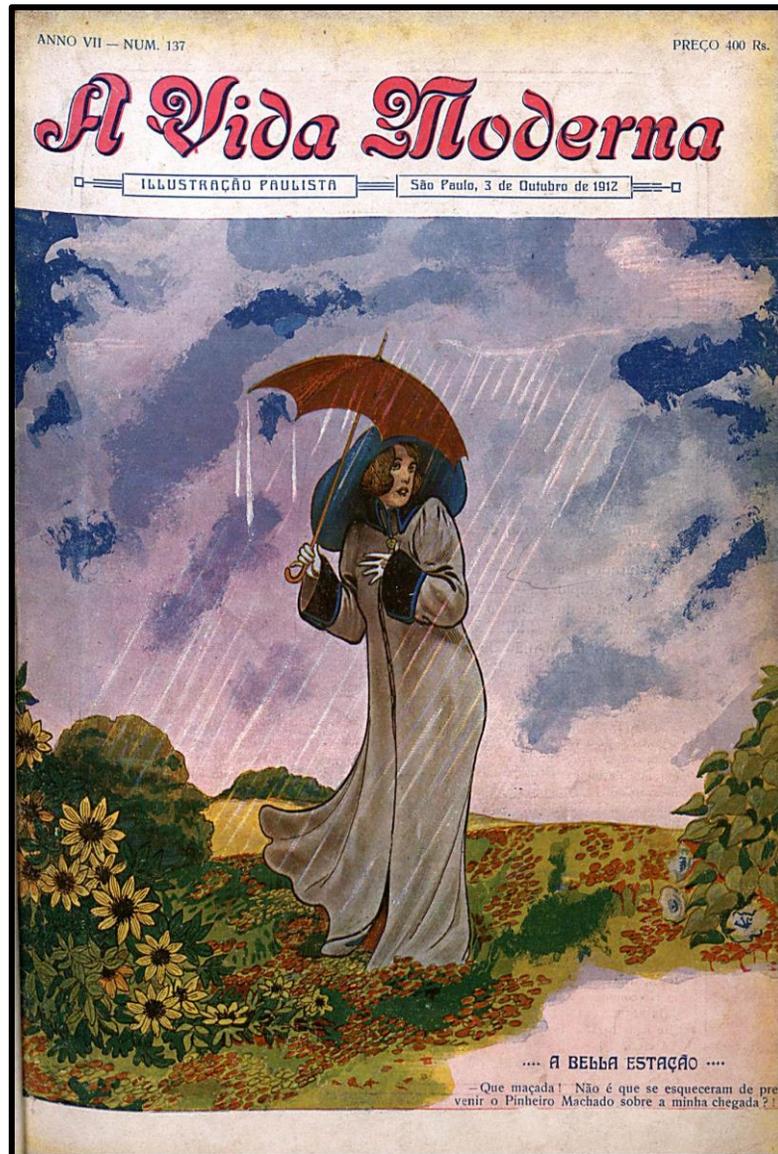
NO DIA 15 --- *MARECHAL* — Que tal está a lebre ?
ZE' POVO — Magnífica. Assim consegui matar dois coelhos : fazendo uma manifestação a V. Ex.
e... comendo, que a vida anda cara.

A revista *A Vida Moderna* foi editada em São Paulo entre 1906 e meados dos anos 1920⁵⁸, apresentando interrupções em sua circulação. Constituiu um periódico que trouxe em suas páginas inovações técnicas e recursos sofisticados, além de ter adotado um figurino com muitas imagens, modelos de arremedo da vanguarda internacional, rotogravuras e clichês⁵⁹. Ao completar mais um de seus aniversários, a magazine lembrava que “somente quem conhece a vida dos jornais e especialmente dos semanários” do seu gênero, poderia “avaliar da soma de trabalho e de atividade, de energia e tenaz resistência despendidas” para a manutenção de suas edições contínuas. Garantia que “o favor crescente do público” servia para compensar tais “esforços”, de modo que a redação envidava todo o “possível para corresponder à estima dos leitores, melhorando de número para número, quer na sua parte literária, quer na sua feição artística”. Dizia contar com colaboradores caracterizados como “primoroso colorista”, “penetrante psicólogo”, “humorista observador” e “espíritos caricaturistas”, que possuíam também “bom humor comunicativo”, “verve esfuziante do lápis”, “delicada ironia” e “fino senso estético”. Pretendia assim ser “uma publicação interessante e variada de informações sobre tudo que concerne à atividade intelectual do nosso meio e do estrangeiro”⁶⁰.

⁵⁸ PILAGALLO, Oscar. *História da imprensa paulista*. São Paulo: Três Estrelas, 2012. p. 324.

⁵⁹ MARTINS, 2008, p. 117 e 189.

⁶⁰ A VIDA MODERNA. São Paulo, 26 dez. 1912.

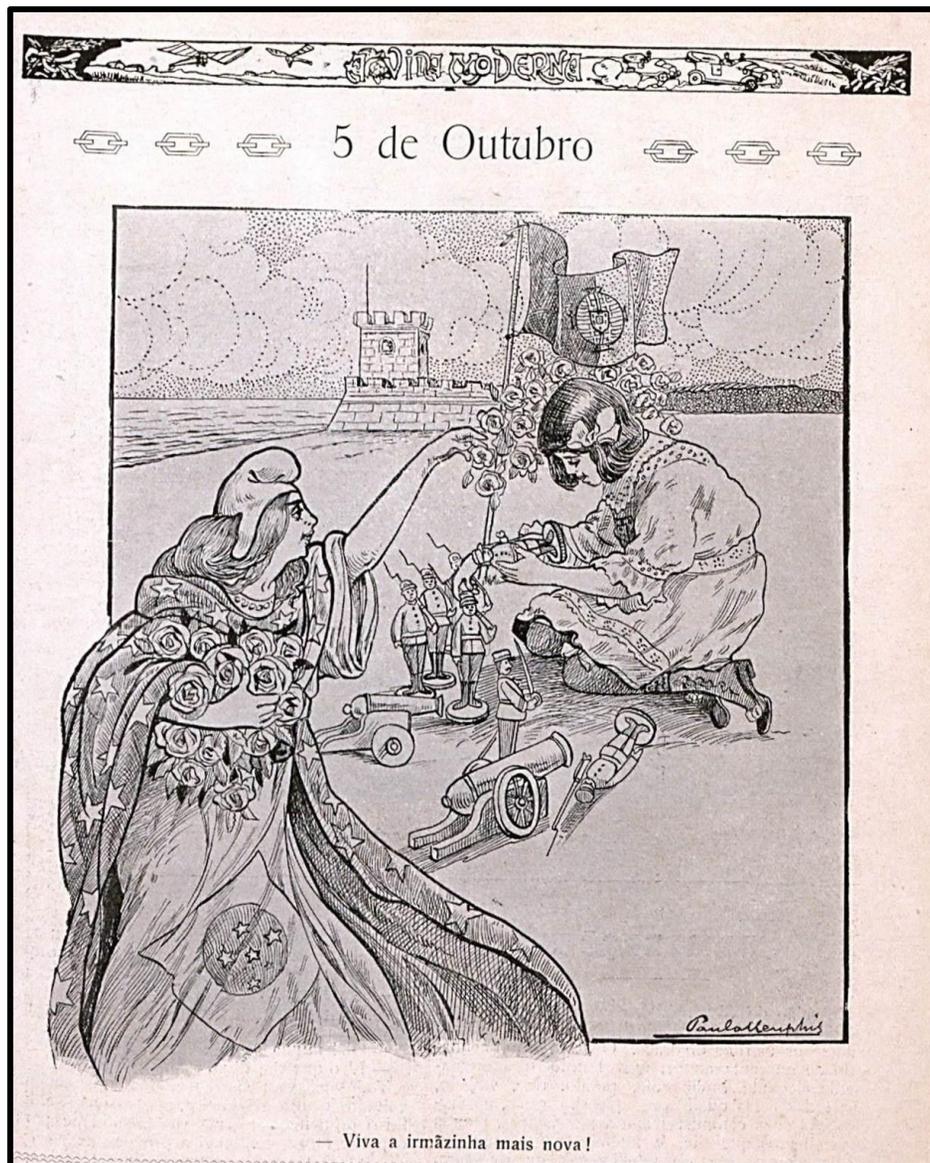


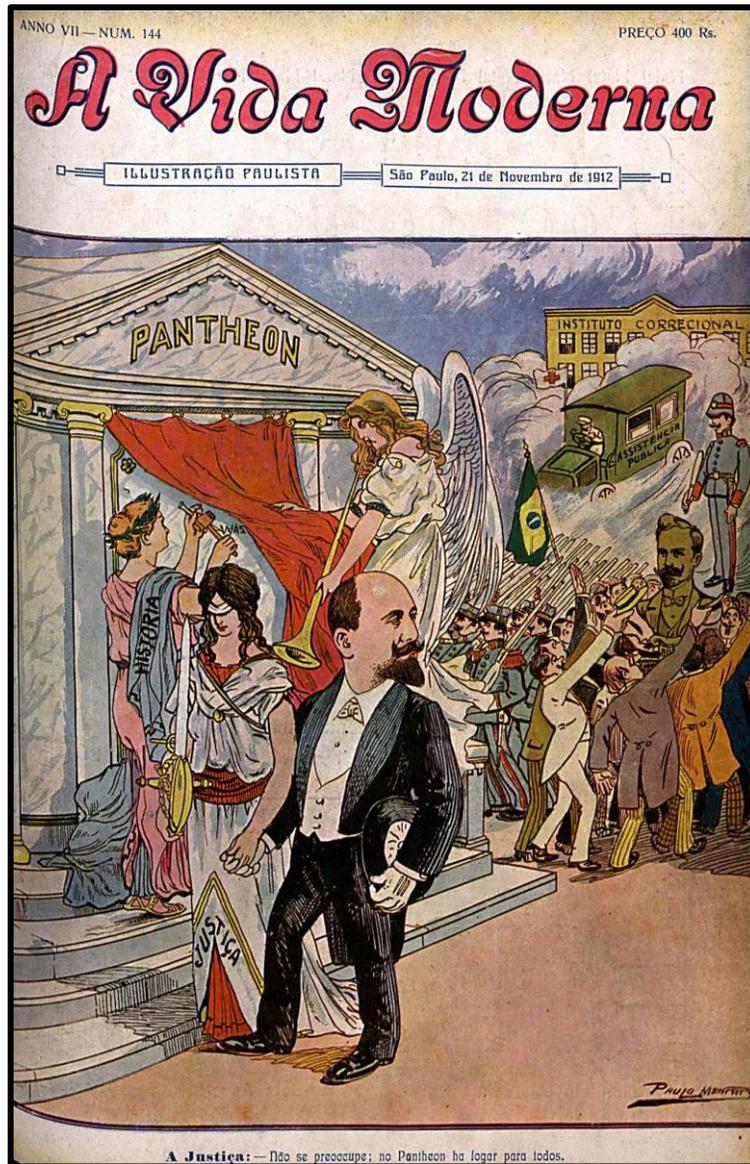
No conteúdo iconográfico de *A Vida Moderna* houve a presença da dama do barrete encarnado, como na ocasião de uma homenagem ao segundo aniversário da instauração da república em Portugal, a qual era representada por uma menina ainda se ocupando de seus brinquedos, enquanto a jovem-república, em referência ao Brasil, dedicava um buquê de flores e saudava a sua “irmãzinha mais nova”⁶¹. As alegorias femininas apareciam ainda em saudação a figuras políticas que estariam a contar com a aclamação popular, sendo recebidos no panteão da pátria pela justiça, pela História e pela república. As comemorações do centenário da independência também serviram como oportunidade para o surgimento da dama republicana, uma delas contribuindo com a construção histórica a respeito do período transcorrido entre 1822 e 1922⁶². A perspectiva da escritura de um livro a respeito da formação histórica brasileira pelo viés republicano foi retomada pela revista paulista em outra de suas capas, ainda à época do transcorrer dos cem anos do processo de emancipação política do país⁶³.

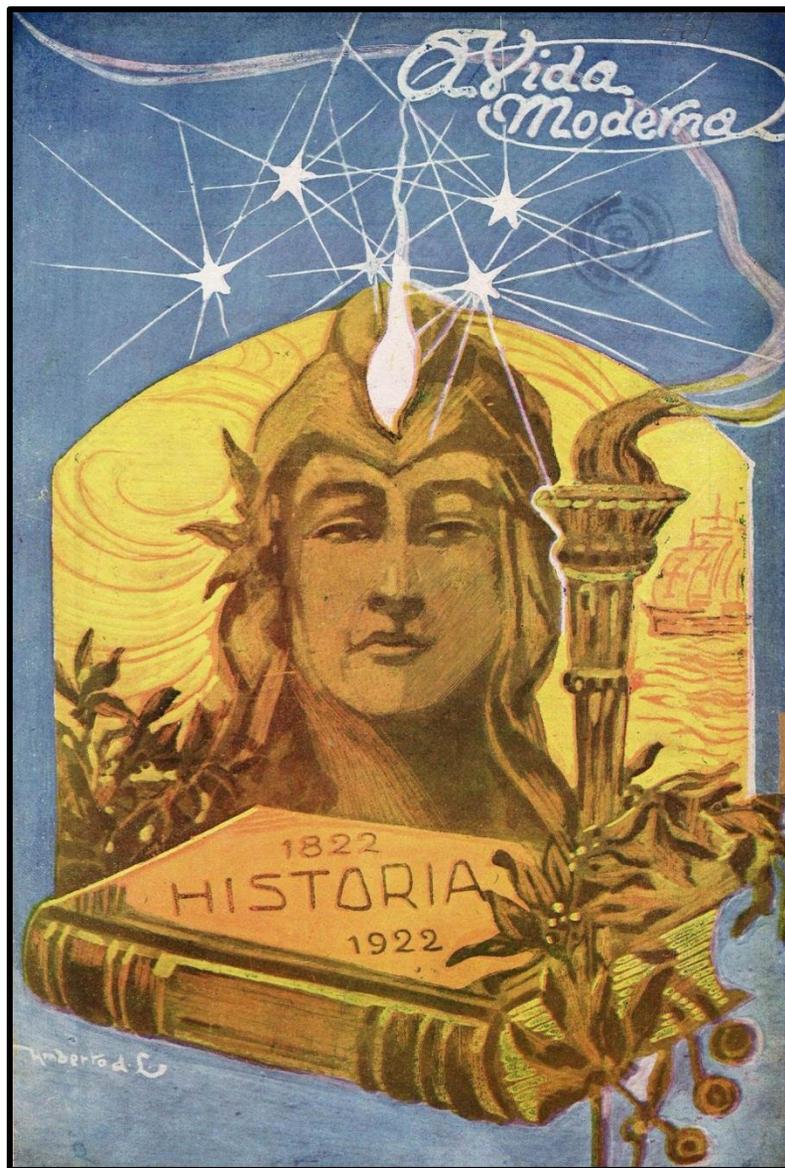
⁶¹ A VIDA MODERNA. São Paulo, 3 out. 1912.

⁶² A VIDA MODERNA. São Paulo, 22 set. 1922.

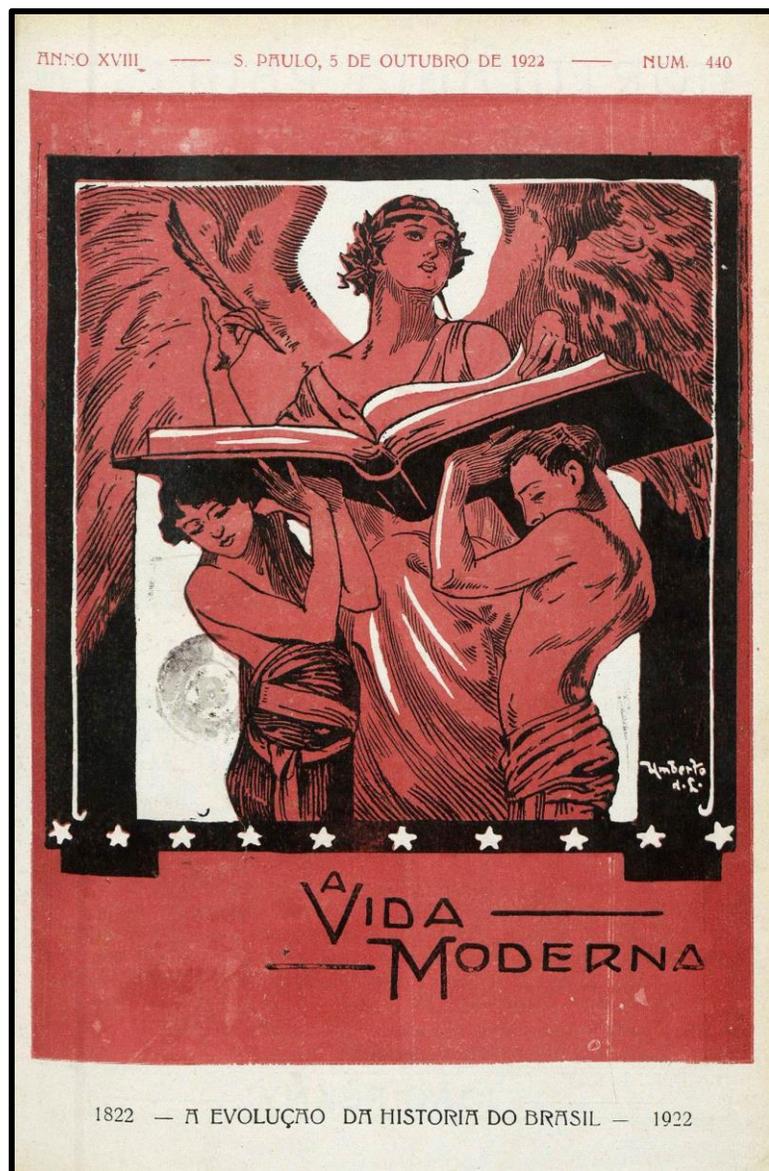
⁶³ A VIDA MODERNA. São Paulo, 5 out. 1922.







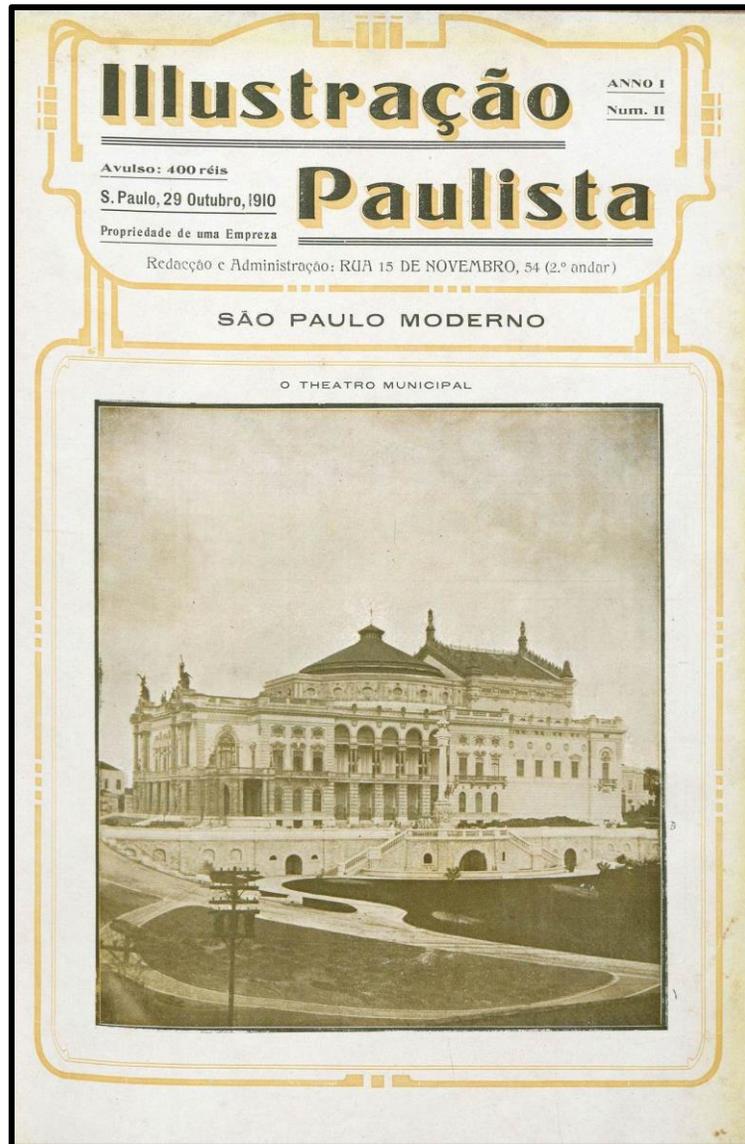
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Entre 1910 e 1912, circulou em São Paulo a revista *Ilustração Paulista*, que se identificava em seu frontispício como “semanário popular de atualidades”. Tal publicação trazia em si o envolvimento com o modelo ilustrado francês, de proposta “mundana”, com um tom mais leve e ligeiro, típico das revistas ilustradas e mesmo das magazines com forte apelo comercial⁶⁴. Ao apresentar-se, o periódico questionava como a cidade de São Paulo, com “uma vida intelectual bem definida” não tivesse “ainda uma única revista do meio”, que refletia “em todos os aspectos da sua fecunda, acelerada” e “irradiante atividade”. Argumentava que a imprensa paulistana possuía quantidade significativa de edições especializadas, mas sem “uma só revista – revista”, ou seja, “uma revista geral”, que tivesse como “único e grande objetivo indivisível a vida da cidade e do Estado”. Visava assim a constituir, “acima de quaisquer instituições, o espelho e o expoente da vida em São Paulo”, e “uma revista de informação e de comentário leve”, contando com “períodos leves e ilustrações copiosas”. Anunciava como conteúdos fundamentais, a “reportagem geral e fotográfica”, bem como a “colaboração artística, zelosamente escolhida e literária, em que alguns nomes mais caros ao público se revezarão para regalo dos leitores”⁶⁵.

⁶⁴ MARTINS, 2008, p. 92.

⁶⁵ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 22 out. 1910.



Partidária do civilismo, a revista fez oposição ao governo do marechal Hermes da Fonseca e, para tanto, lançou mão da imagem feminina da república. Nesse sentido, a liderança civilista, Rui Barbosa, admirado pela publicação paulista, aparecia em tamanho desmesurado, em alusão à sua suposta grandeza política, conversando com a dama republicana associada também à capital federal, que surgia fortemente armada, a qual, bastante indignada, justificava que tal postura bélica se devia às ações governamentais, que a obrigavam àquelas atitudes⁶⁶. Diante do avanço do movimento antimonárquico na China, a mulher-república brasileira recebia a chinesa, a qual acabava por cair em um buraco, diante da indicação da primeira sobre a existência de um partido republicano conservador⁶⁷. A dama republicana chegava a cobrar Hermes da Fonseca quanto às suas intenções no que dizia respeito à constituição e à autonomia dos Estados⁶⁸. Perante os olhos das potências internacionais, os governistas, travestidos em palhaços, maltratavam a república amarrada e montada em um burrico simbolizando o Brasil⁶⁹. A alegoria feminina, associada ao Estado de São Paulo, tinha nas figuras que representavam o comércio, a lavoura e a indústria, questionadores quanto à autonomia estadual e a possibilidade de uma intervenção federal no contexto paulista⁷⁰.

⁶⁶ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 29 abr. 1911.

⁶⁷ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 2 dez. 1911.

⁶⁸ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 9 dez. 1911.

⁶⁹ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 23 dez. 1911.

⁷⁰ ILUSTRAÇÃO PAULISTA. São Paulo, 30 dez. 1911.



29 - ABRIL - 1911

Por anno: 20\$000

Numero avulso: 400 réis

Ilustração Paulista

Semanario popular de actualidades

ANNO I - NUM. 17

Redacção e officinas

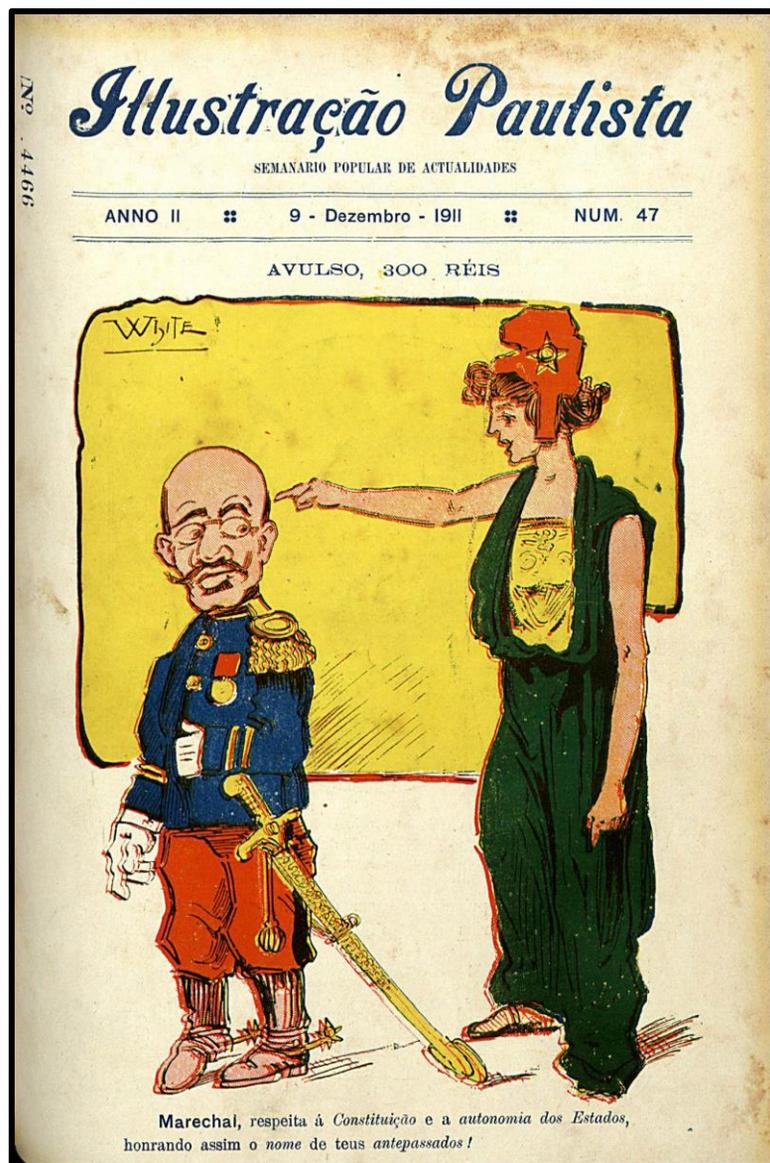
Rua da Boa Vista, 23-A



Republica na China

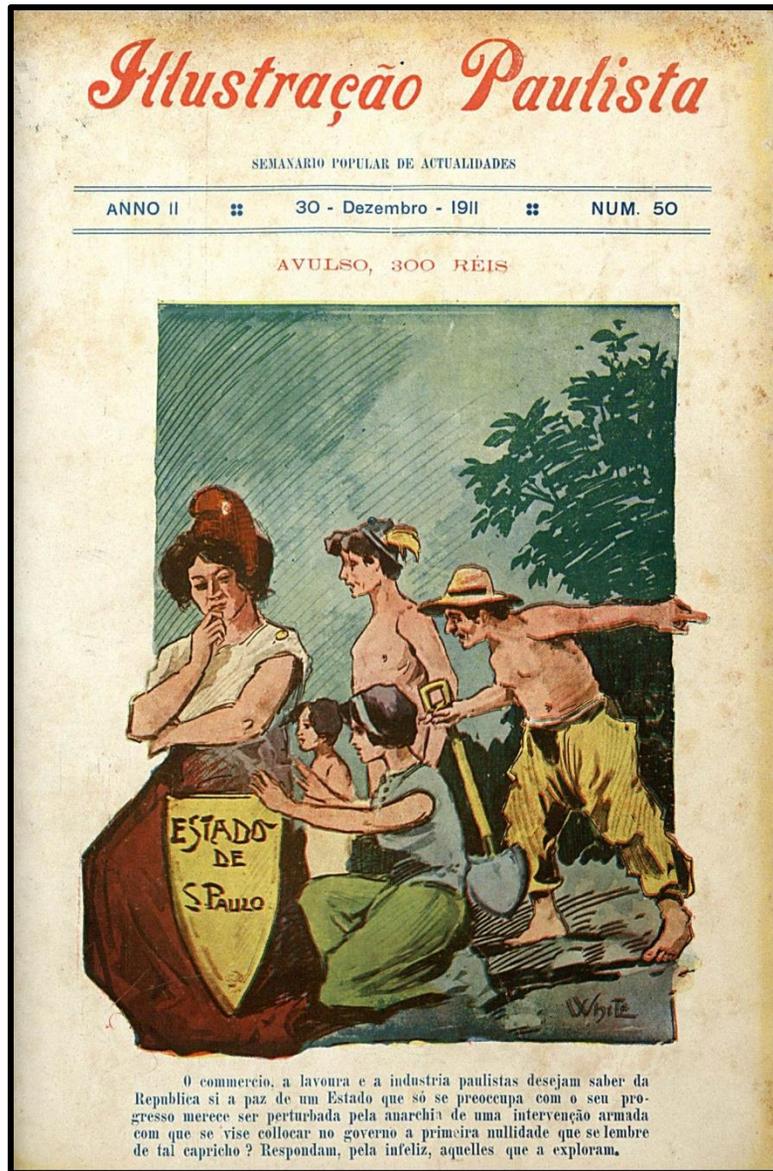


REP. BRASILEIRA — ... um partido repu-
blicano conservador?
'Tableau !



ILLUSTRAÇÃO PAULISTA





Dentre as revistas da época também esteve *O Pirralho*, editado na capital paulista entre 1911 e 1918, que se autodenominava no frontispício “semanário ilustrado de importância... evidente”. Era um humorístico, social e político, além de literário, que trazia em suas páginas forte espírito satírico, ao criar admiráveis bonecos caricaturais⁷¹. Fazia a linha da abordagem do artemundano e da política, iniciando como jornalismo panfletário e vindo a “literarizar-se”⁷². Como jornal satírico, teve relevância no cenário político ao manter o espírito da Campanha Civilista, opondo-se à Presidência de Hermes da Fonseca. Teve ainda uma vocação modernista, sendo dirigida por um dos próceres do movimento, Oswald de Andrade, e contando com colaborações de integrantes do mesmo⁷³. Seu perfil era o do jornalismo cultural, colocando em destaque a vida artística e cultural, tendo um espectro temático amplo, com seções sobre teatro, cinema e crítica literária. Também notabilizou-se pela crônica de costumes, trazendo ainda o humor com muita verve e revelando uma vertente crítica⁷⁴. Definiu-se como um “trocista”, que “pôs em polvorosa a *alta mediocridade* da Pauliceia”, atacando também críticos teatrais, políticos, juristas, médicos, jornalistas e acadêmicos, visando sempre ao riso, “ridiculizando”, e pondo “em atitudes de momo os magnatas da política”⁷⁵.

⁷¹ SODRÉ, 1999. p. 299 e 344.

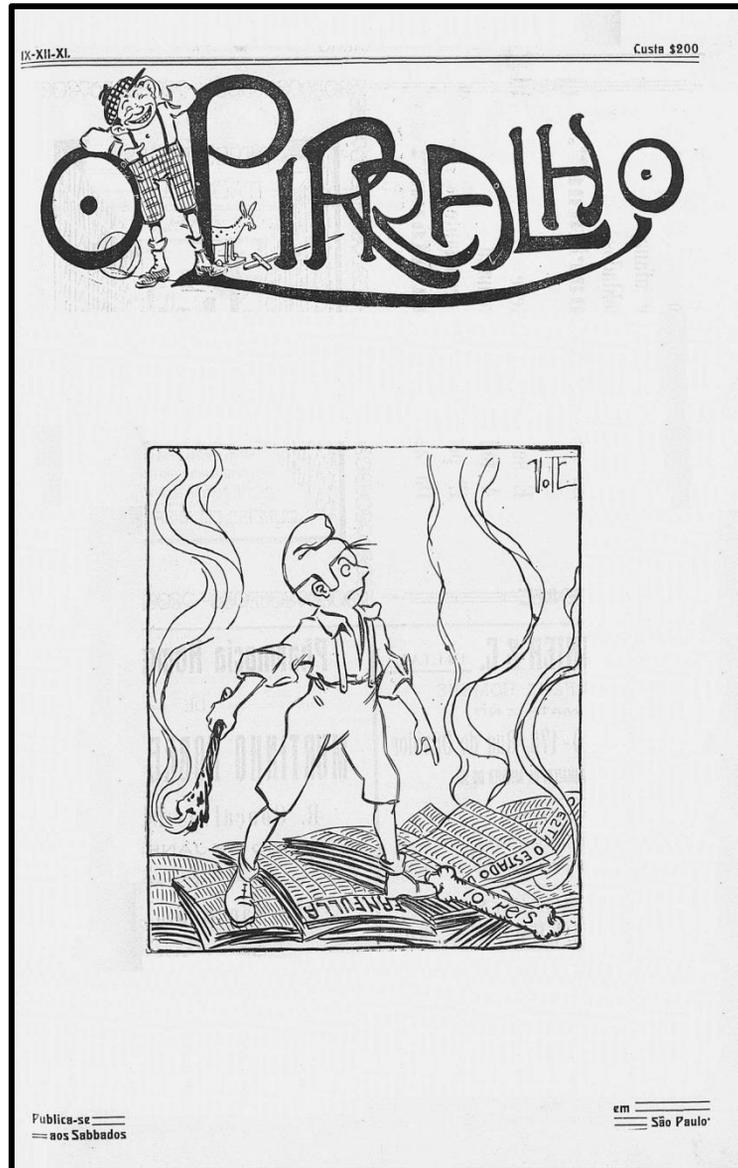
⁷² MARTINS, 2008, p. 156 e 453.

⁷³ PILAGALLO, 2012. p. 74.

⁷⁴ ELEUTÉRIO, 2008. p. 99.

⁷⁵ O PIRRALHO. São Paulo, a. 2, n. 52, 3 ago. 1912.

A REPÚBLICA BRASILEIRA EM PAUTA: ALEGORIAS E EFEMÉRIDES



Em sua ferrenha campanha de oposição ao governo de Hermes da Fonseca, o periódico manteve sua postura de apoio ao civilismo, durante tal gestão na esfera federal. Para tanto, não cansou de sugerir ou indicar diretamente aquilo que considerava como as incapacidades do governante para a execução da administração pública, bem como criticou severamente os avanços militaristas no Brasil da época. A imagem da dama republicana serviu muito a contento a tal escopo de buscar mostrar a inépcia governamental, principalmente no que tange à figura do marechal-presidente⁷⁶, como ao demonstrar o seu “cansaço”, prostrado em uma cadeira, entregue ao sono, enquanto a alegoria feminina, assumindo tanto o papel simbólico como o literal da própria mulher, dizia já ser sabedora da inaptidão do governante⁷⁷. Na mesma linha, uma jovem república lamentava a falta de capacidade do governante, que mais uma vez repousava em uma poltrona, enquanto ela, de camisola, confirmava as insuficiências do homem público⁷⁸.

⁷⁶ Sobre outras presenças da dama do barrete frígio nas páginas de *O Pirralho*, ver o número 74 desta Coleção.

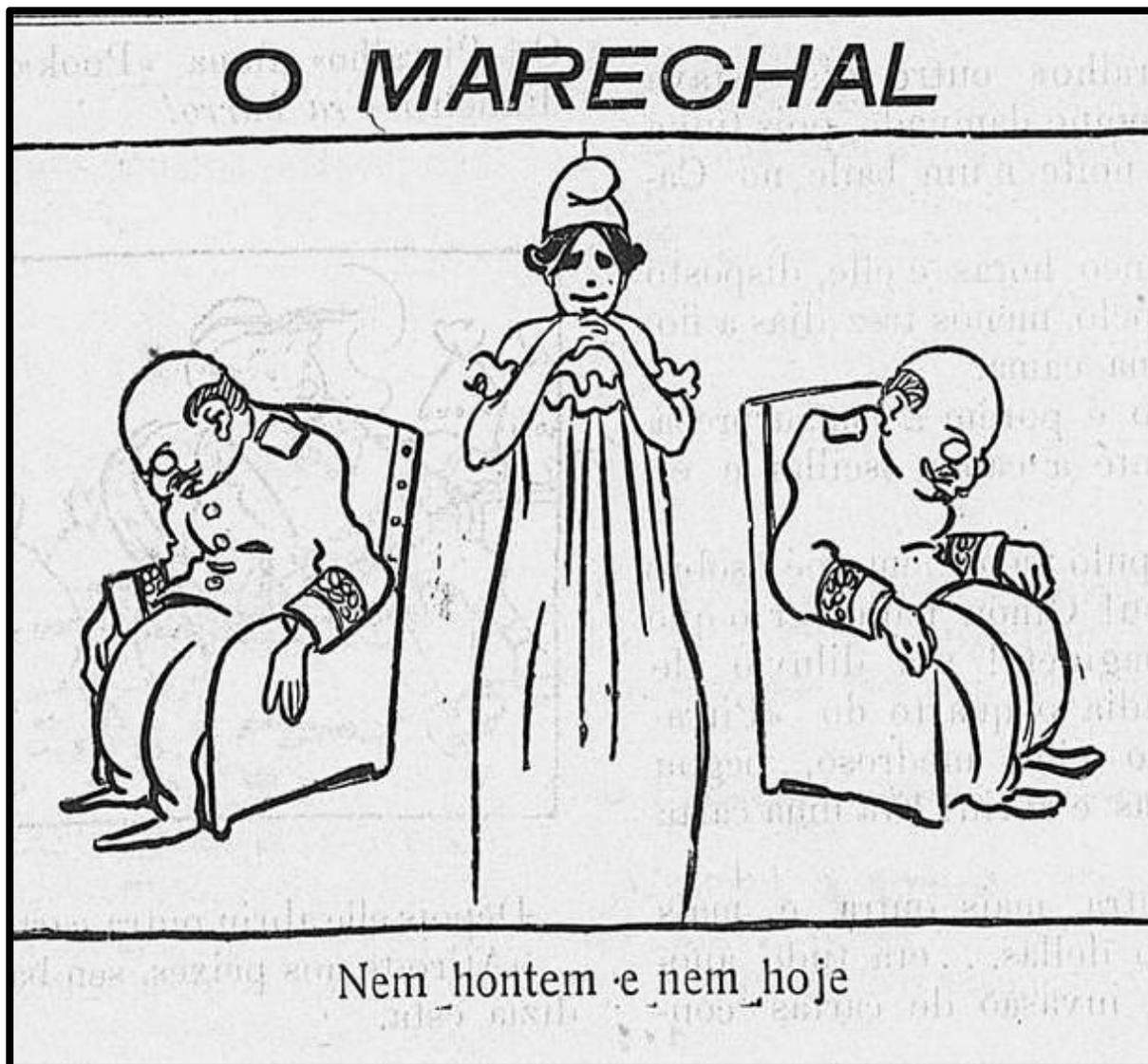
⁷⁷ O PIRRALHO. São Paulo, 2 dez. 1911.

⁷⁸ O PIRRALHO. São Paulo, 16 dez. 1911.

● cançasso do Marechal



A Republica : Eu bem sabia!...



No Rio de Janeiro, entre 1911 e 1913 foi editado o *Álbum de caricaturas*, cujo título foi modificado para *O Gato – Álbum de caricaturas*, ou simplesmente *O Gato*. Sua linha editorial transformou-o em uma influente revista ilustrada, vindo a constituir uma publicação extremamente cuidada e com uma diagramação inovadora para a época⁷⁹. Chegou a atingir certa popularidade, ao menos era aquilo que sustentava a sua redação ao noticiar a constante chegada de cartas “de cumprimentos e felicitações” pelo seu “inigualável sucesso”, fator que fazia com que fosse “a sua tiragem escandalosamente aumentada”⁸⁰. Conforme o próprio título da revista ilustrada, a sua estrutura editorial privilegiava o segmento iconográfico de expressão da arte caricatural, que superava amplamente em número de páginas o conteúdo textual.

⁷⁹ LAGO, Pedro Corrêa do. *Caricaturistas brasileiros (1836-2001)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 2001. p. 94.

⁸⁰ O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, 25 nov. 1911.

N. 14 Rio de Janeiro, Sabbado, 30 de Dezembro de 1914 Anno I

O GATO  **ALBUM de** **CARICATURAS**

Redacção: RUA DA QUITANDA, 26 CAIXA POSTAL 202
NUMERO AVULSO 400 REIS NUMERO ATRAZADO 500 REIS

ASSIGNATURA

INTERIOR:		EXTERIOR:	
Anno	208000	Anno	248000
Semestre	118000	Semestre	138000

Os numeros atrazados do ALBUM DE CARICATURAS acham-se á venda na Agencia de Revistas e Jornaes de Braz Lauria, RUA DO OUVIDOR, 181

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Hugo Leal - CAIXA POSTAL 202

O MONSTRO TEMIVEL

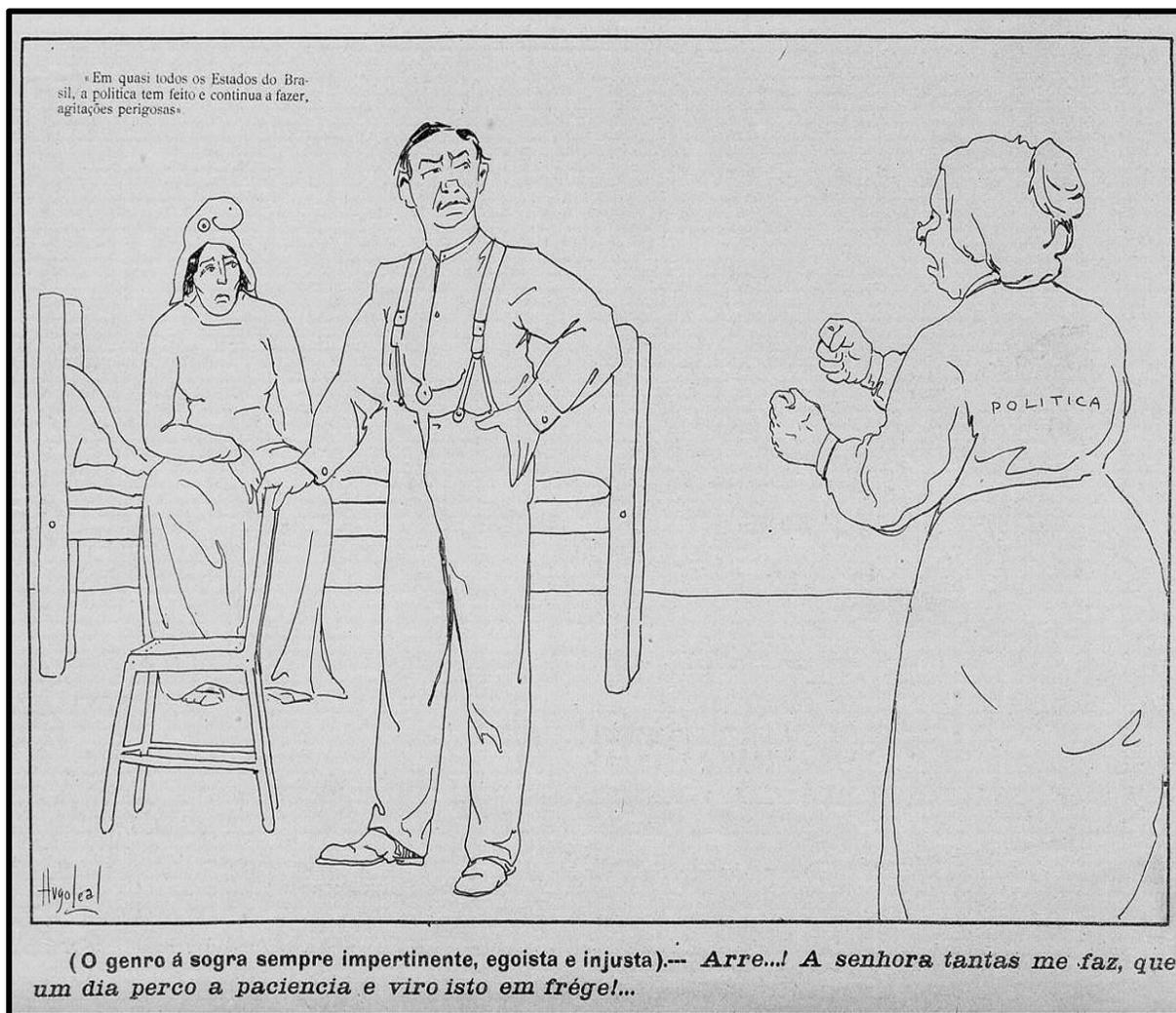


Caluda! É o Boato que passa

Na execução da crítica de natureza política, uma das preferências da publicação ilustrada, *O Gato – Álbum de caricaturas* não deixou de utilizar-se da alegórica figura feminina alusiva à forma de governo republicana. Por diversas vezes o periódico apresentou a dama republicana a padecer nas mãos dos homens públicos, sofrendo com mal-estares ou problemas de saúde mais sérios, em uma analogia entre a anunciada debilidade física e de saúde para com as mazelas socioeconômicas que afligiam a sociedade brasileira⁸¹. Em uma das manifestações caricaturais havia enunciado pelo qual a política vinha trazendo “agitações perigosas” em diferentes lugares do país, ao passo que a mulher-república era apresentada como uma personagem enfraquecida, extenuada e doente, sentada à cama, enquanto seu marido – designando o povo brasileiro – reclamava de sua sogra, uma anciã de punhos cerrados que aludia à política, qualificada como “impertinente, egoísta e injusta”, dizendo-lhe que ela vinha aprontando tantas, que um dia perderia a paciência, e partiria para a briga⁸².

⁸¹ Sobre tal presença, ver o número 73 desta Coleção.

⁸² O GATO – ÁLBUM DE CARICATURAS. Rio de Janeiro, 30 dez. 1911.



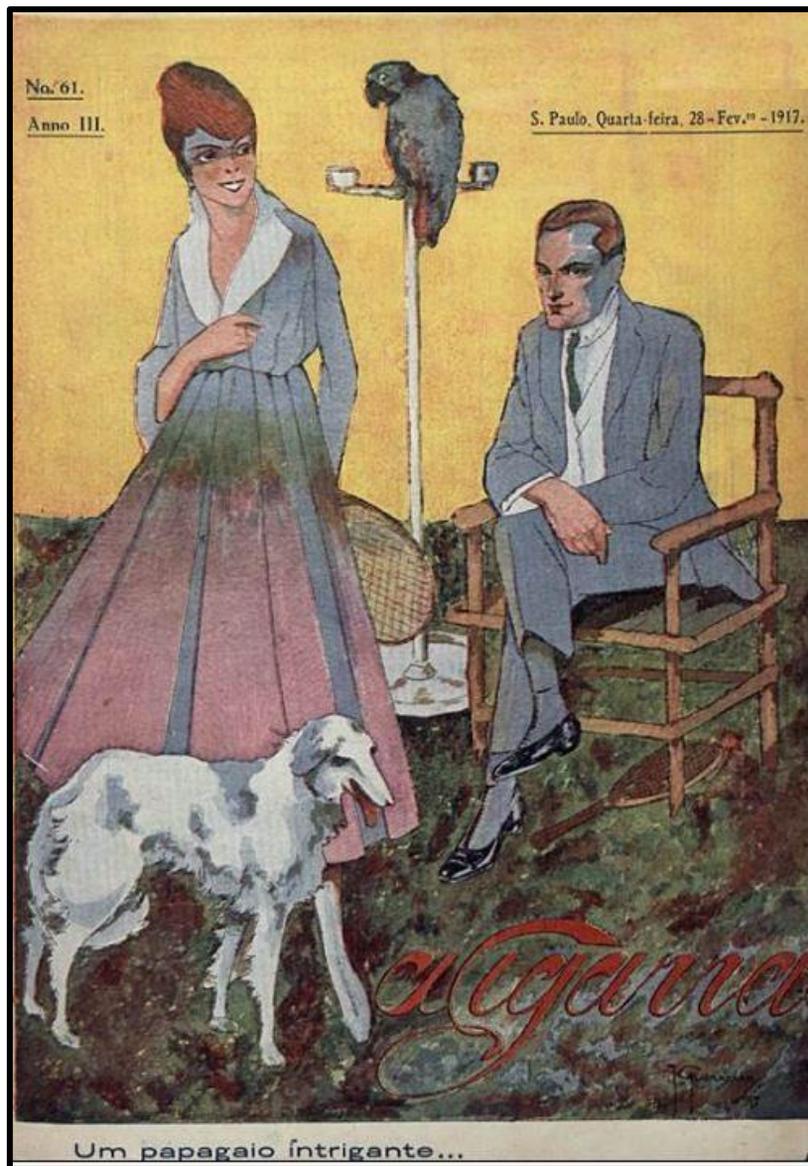
Criada em 1914 na cidade de São Paulo⁸³, a revista *A Cigarra* circulou até a década de 1970, vindo a constituir uma das mais importantes publicações de seu gênero no contexto brasileiro. Com uma abordagem mundana, além de literária, chegou a alcançar uma circulação nacional⁸⁴. Ainda que tivesse um caráter mundano, era também direcionada para uma sociedade embasada na ordem e tal circunstância contraditória coincidia com a diversidade estilística típica de uma época de transições. Assim como muitas das revistas paulistanas do período, apresentou uma crônica que não encontrou uma hierarquia temática rígida para defini-la, pois, acuada pela voracidade dos fatos e pressionada pelas práticas jornalísticas que se impunham, veio a oscilar entre o tratamento do efêmero, como um dia de verão ou o carnaval, e questões conjunturais de maior gravidade, como a guerra internacional e a vida política interna do Brasil. Em sua feitura ocorreu um tratamento gráfico de ponta com uma temática conservadora. A partir de seu padrão gráfico e de conteúdo viria a transformar-se em uma das mais competitivas revistas do mercado, com distribuição para todo o país⁸⁵ e, em seu cabeçalho, anunciava tratar-se da “revista quinzenal de maior circulação no Estado de São Paulo”.

⁸³ PILAGALLO, 2012. p. 141, 154, 195 e 533.

⁸⁴ SODRÉ, 1999. p. 299.

⁸⁵ MARTINS, 2008, p. 156 e 453.

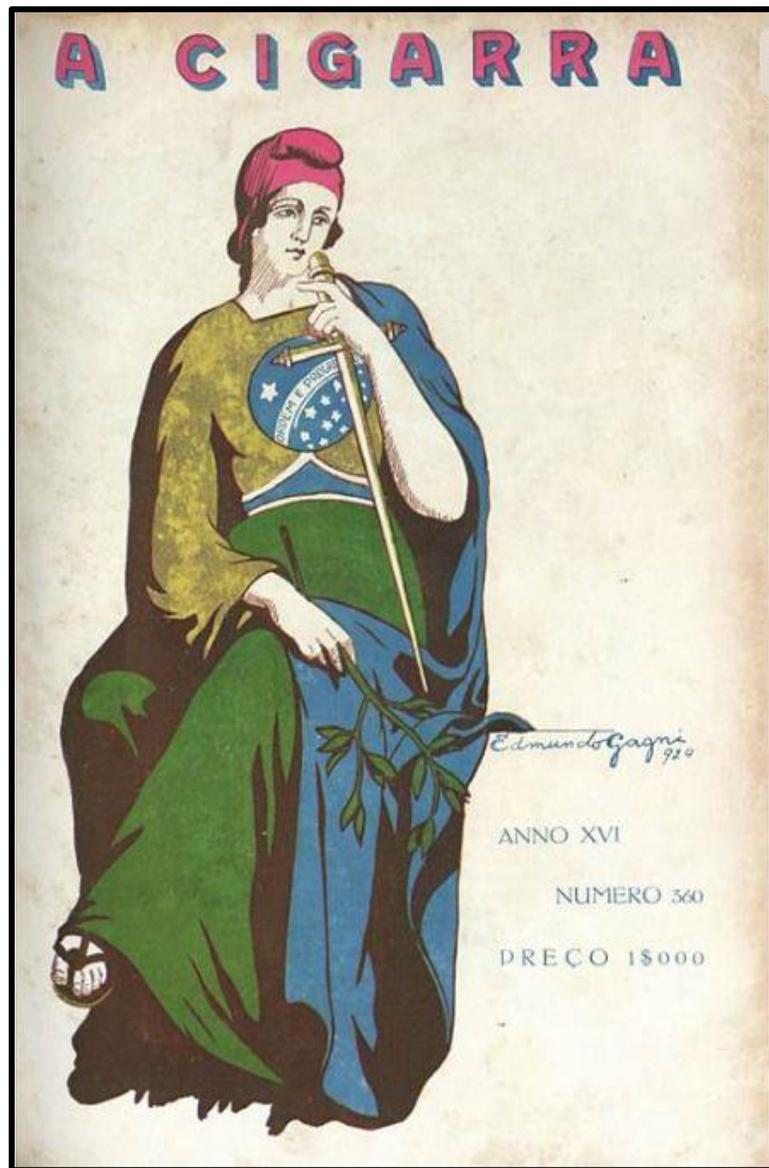
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

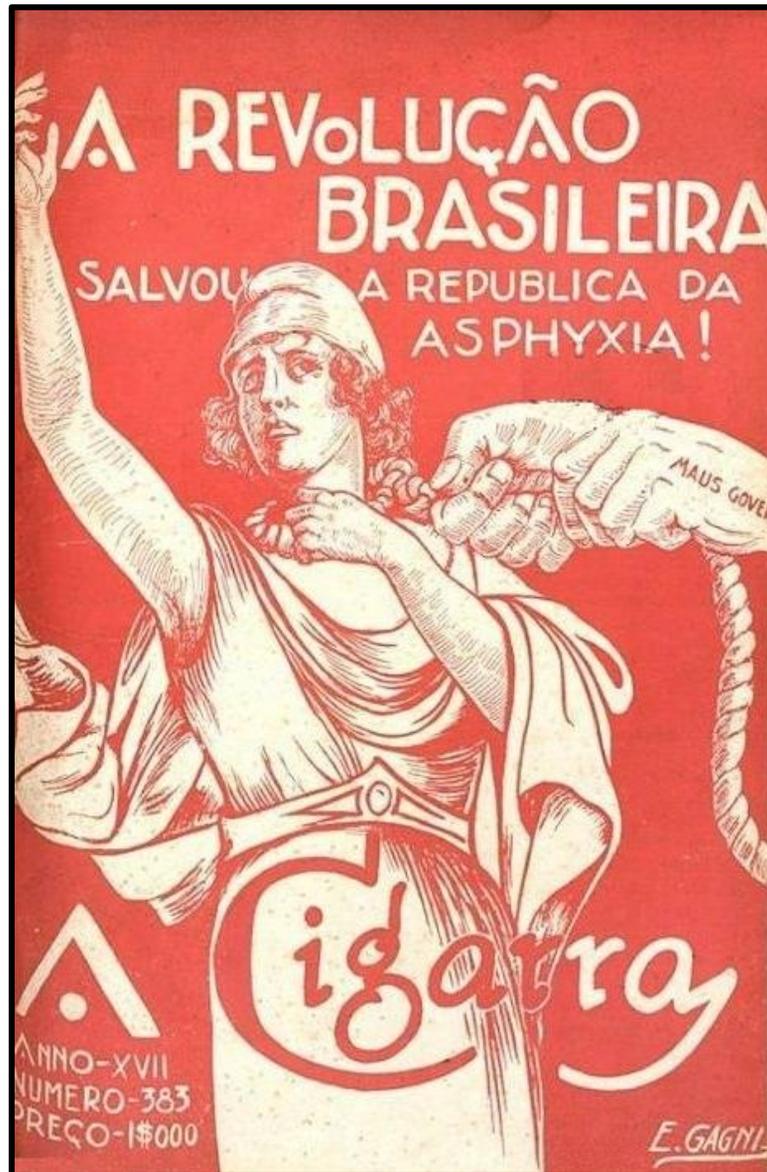


Em pelo menos duas das presenças da dama republicana nas edições de *A Cigarra*, ela assumiu feições que bem demarcariam as suas representações alegóricas, ou seja, por um lado, a expressão de uma perspectiva patriótica e cívica, em alusão à nacionalidade; enquanto, por outro, era associada à criação imagética do ideal revolucionário e de ruptura para com o status quo, enfoques presentes em dois desenhos assinados pelo pintor sacro Edmundo Gagni. No primeiro caso, em pleno espocar da crise econômica que se espalharia pelo mundo, com consequências até então sem precedentes para o capitalismo, bem como em meio à mais grave das dissidências intraoligárquicas pelas quais passou o Brasil, a revista apresentava uma mulher-república cujas vestes eram estilizadas a partir da bandeira nacional, enquanto o barrete ostentava o tradicional vermelho, além da espada e do ramo de oliveiras que a figura feminina tinha em mãos, em alusão ao período então vivenciado, caracterizado por um oscilar constante entre a guerra e a paz⁸⁶. Já o outro refletia o momento histórico de vitória da Revolução de 1930 e os primeiros passos de um rompimento com as tradicionais relações políticas da República Velha, de modo que a dama do barrete encarnado encontrava-se em busca de livrar-se da corda que a enforcava, a partir das mãos dos “maus governos”, revelando uma visão de apoio ao movimento desencadeado em outubro de 1930, expressa na concepção pela qual “a Revolução Brasileira salvou a república da asfixia”⁸⁷.

⁸⁶ A CIGARRA. São Paulo, nov. 1929.

⁸⁷ A CIGARRA. São Paulo, out. 1930.





Voltada em essência para um público feminino, com os subtítulos de “revista quinzenal ilustrada”, “revista feminina” e “revista semanal ilustrada”, foi editado no Rio de Janeiro entre 1914 e 1961 o *Jornal das Moças*, o qual anunciava que publicaria “com satisfação os retratos de suas amáveis leitoras”, bem como aceitaria “prazerosamente a colaboração das leitoras”. O programa do periódico demarcava que em geral as revistas voltadas ao público feminino abordavam conteúdos como a moda, a literatura, o mundanismo e o humor, ressaltando que tais edições não se preocupavam “com o cultivo” do espírito “de nossas gentis patrícias” e com “outros ramos dos conhecimentos humanos”, de modo que seria essa a “tarefa a que se impõe o *Jornal das Moças*”. Nessa linha, era destacado que “cultivar, ilustrando, e ao mesmo tempo deleitando o espírito encantador da mulher brasileira, a que é dedicada esta revista” seria “o seu, senão único escopo”, como também “a sua mais viva e ardente preocupação”. De acordo com tal perspectiva, a nova revista pretendia “levar ao lar das famílias patrícias”: a “graça e o bom humor que empolgam, a música e canto que embalam”; os “brincos e contos infantis que deleitam”; a “moda que agrada”; o “romance que desfaz as visões tristes da existência”; a “nota mundana que satisfaz a curiosidade insofrida”; e os “conhecimentos úteis que instruem”, trazendo em suas páginas “a mais bela feição da imprensa que procura viver do favor público”⁸⁸.

⁸⁸ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 21 maio 1914.

M^{lle} HELOISA ACCIOLI
DE BRITO
DISTINCTA PIANISTA

Nº 231 ANNO VII
JORNAL DAS MOÇAS
RIO 20 DE NOVEMBRO DE 1919

As referências à imagem feminina da república ocorreram no *Jornal das Moças* em várias edições, como no caso da capa que buscava exaltar o conagração luso-brasileiro, mostrando duas meninas portando o barrete frígio e vinculadas às respectivas bandeiras, irmanando Brasil e Portugal⁸⁹. A mulher-república também pedia socorro ao Presidente em nome do personagem que representava o Brasil, o qual fora esfaqueado e amordaçado pelos políticos no caminho da ordem e progresso⁹⁰. A partir de novembro de 1919, o *Jornal das Moças* passou a publicar um “suplemento humorístico” denominado *A Palmatória*, título alusivo à ação punitiva quanto aqueles que praticassem malfeitos e que dava amplo espaço para a publicação de caricaturas. As disputas no seio das oligarquias pelo poder foram representadas pelo debate entre os políticos, um deles associado à figura da dama republicana, que acenava com seu barrete encarnado para os demais personagens que compunham o cenário⁹¹. Em homenagem ao 15 de Novembro, a magazine trazia a alegoria feminina da república em sua capa, tendo a espada e a bandeia nacional às mãos, em criação imagética associada ao escudo nacional e à efígie do Presidente⁹².

⁸⁹ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 15 nov. 1917.

⁹⁰ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 18 set. 1919.

⁹¹ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 6 nov. 1919.

⁹² JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 13 nov. 1919.







O cheque da Aliança

O resultado das renhidas eleições no Districto Federal foi a estrondosa victoria da Aliança Republicana, partido chefiado pelo dr. Paulo de Frontin, e que, além dos dois deputados, fez a maioria do Conselho Municipal. (*Dos jornaes*).



Sá Freire — E agora? !...
Epitácio — Agora... contra factos não ha argumentos... Agora... é cuspir
na mão e botar fóra !...



No segmento voltado à arte caricatural, ainda alusivo ao Dia da República, o Presidente oferecia novas soluções cosméticas (e administrativas) para a figura feminina que, apesar de completar apenas trinta anos, encontrava-se “encanecida, andrajosa e exausta de tantos maridos”⁹³. Em outra ocasião, o encontro entre o Presidente da República e a alegoria que representava a forma de governo se dava em termos elogiosos, sendo sua ação política e administrativa considerada como “muito apreciada”, de maneira que ela imaginava que, sob aquele comando”, o país “iria longe por um bom caminho”⁹⁴. A perspectiva permaneceu sendo favorável à figura presidencial, sem deixar de denunciar, por meio de conjunto caricatural, os desmandos e mazelas que estariam a ocorrer no Brasil, como no caso da república sendo “explorada pelos politiqueros”⁹⁵. Mas os louvores não permaneceram constantes, pois as críticas atingiriam também a autoridade governamental, ao mostrar a entrega de bens nacionais aos Estados Unidos, sob os olhares da França e a gargalhada da Argentina, despertando também a indignação dos brasileiros e o desespero da dama republicana⁹⁶.

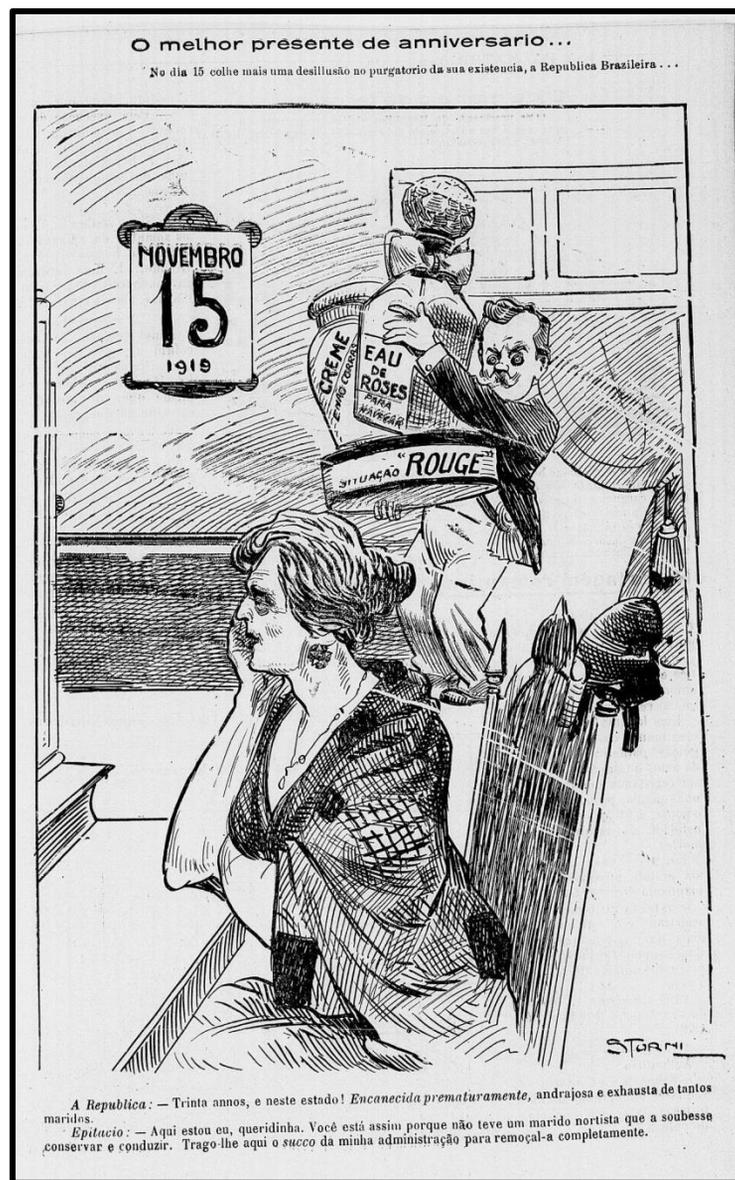
⁹³ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 13 nov. 1919.

⁹⁴ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 20 nov. 1919.

⁹⁵ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 1º jan. 1920.

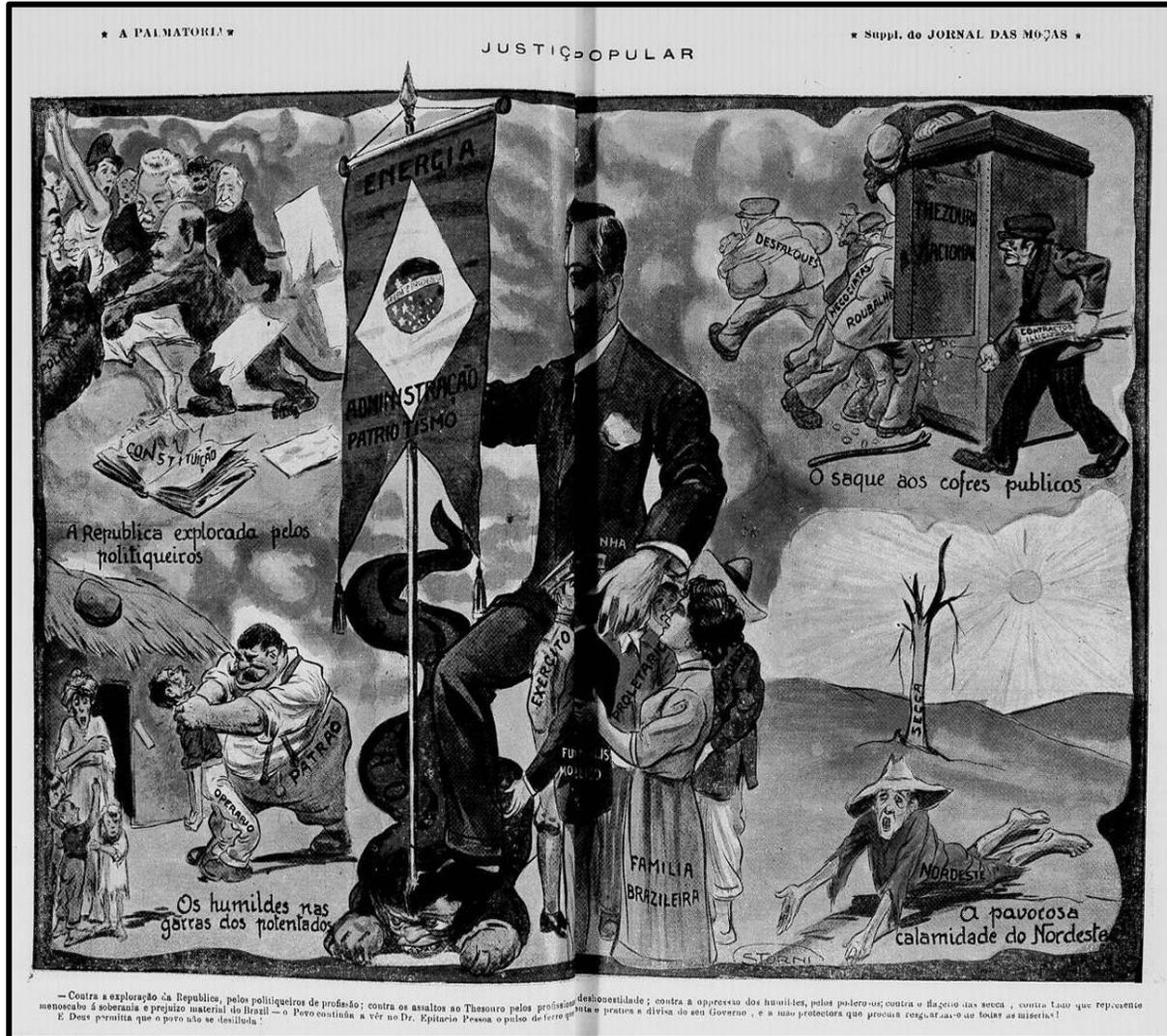
⁹⁶ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 29 jan. 1920.

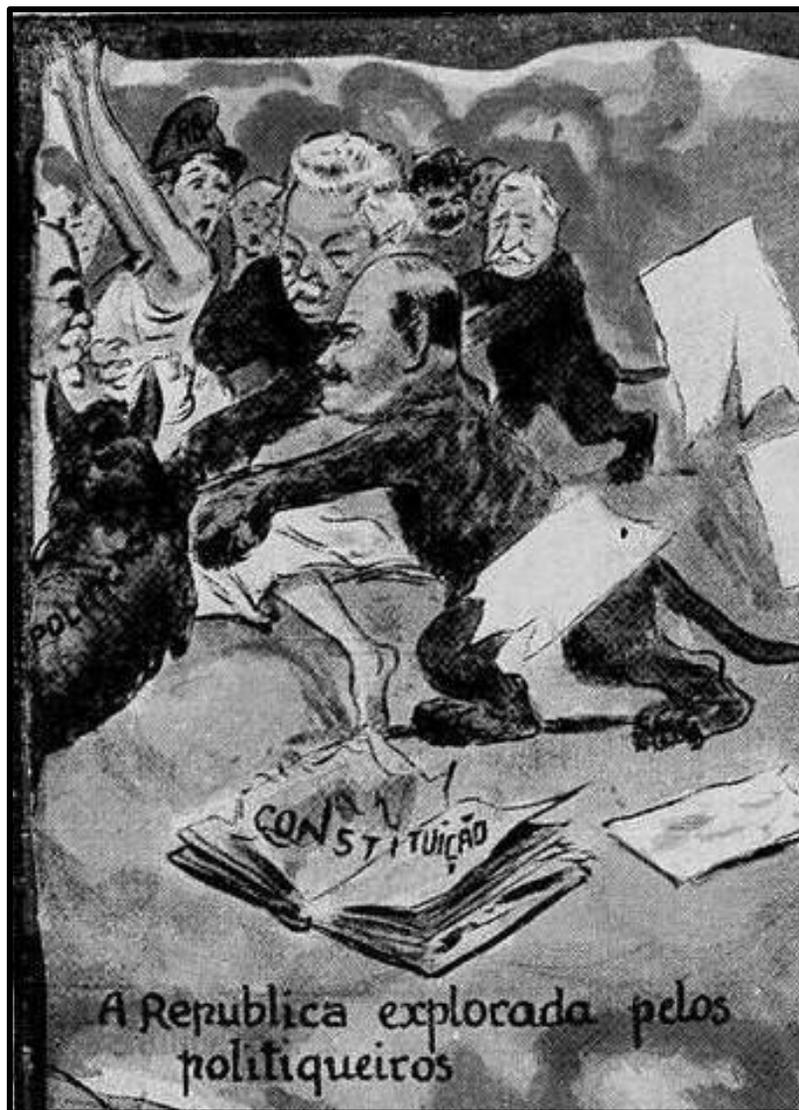
A REPÚBLICA BRASILEIRA EM PAUTA: ALEGÓRIAS E EFEMÉRIDES



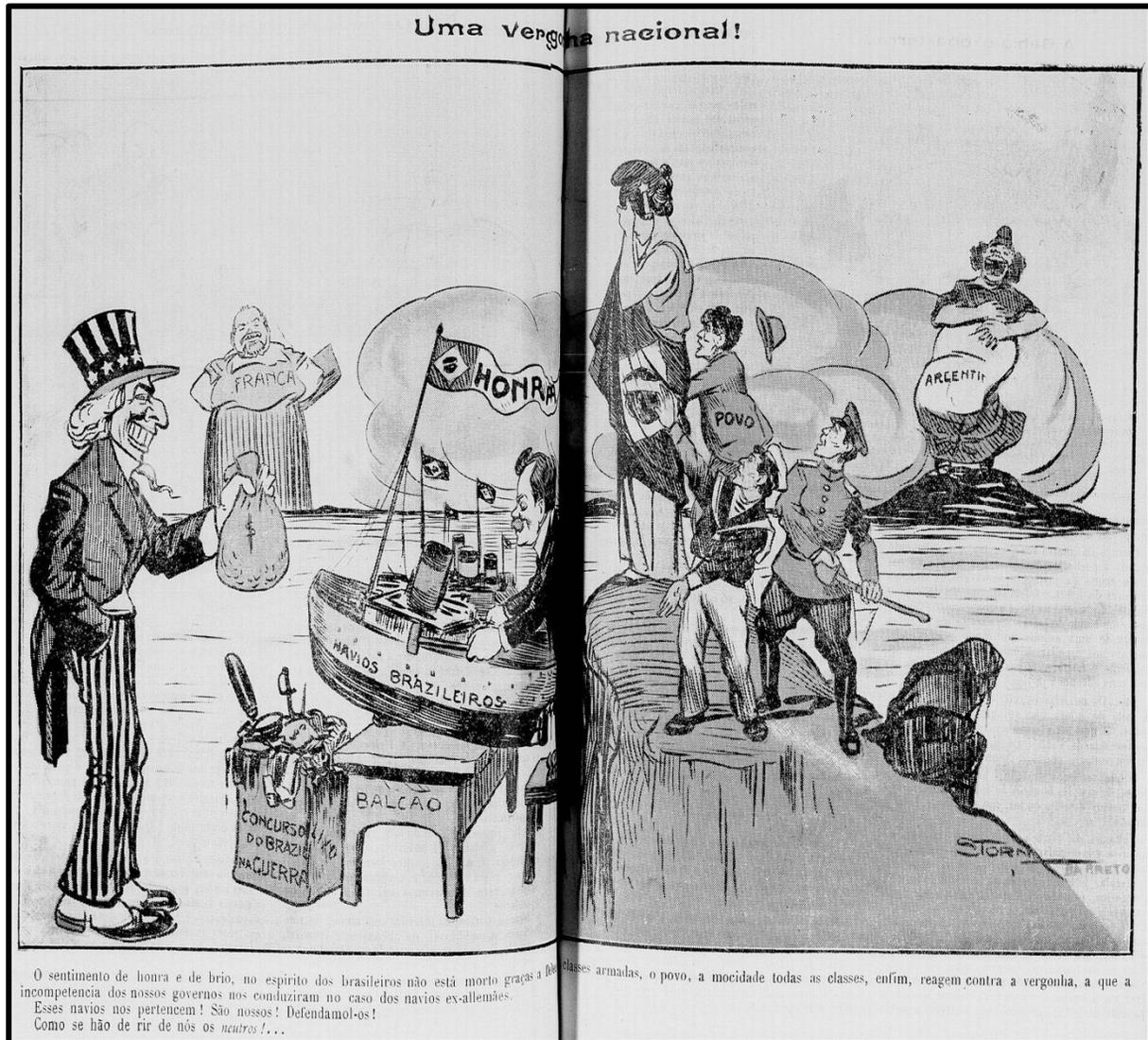


A REPÚBLICA BRASILEIRA EM PAUTA: ALEGORIAS E EFEMÉRIDES





- detalhe -



A mulher-república também se mostrava estupefata diante de uma intervenção federal em um dos Estados, tendo em sua volta os protestos desesperados da população e revelando-se uma idolatria pelas ações do ex-Presidente Floriano Peixoto⁹⁷. Tal imagem feminina aparecia ainda em desespero, acorrentada a um enorme tronco, associado à “árvore maldita da oligarquia”, a qual deveria ser derrubada pelo machado da “verdade constitucional”, estando contra tal situação, o político Rui Barbosa e a representação do povo brasileiro. As disputas entre oligarquias regionais eram observadas como “lutas entre irmãos”, para a amargura da dama republicana, perante o olhar das potências estrangeiras⁹⁸. Ainda a respeito do mesmo tema, ela mostrava-se enojada e envergonhada por causa dos acordos travados no seio das oligarquias⁹⁹. A república concedia um aumento ao funcionalismo público, o qual era considerado insuficiente tendo em vista os encargos do custo de vida¹⁰⁰. As críticas também se direcionavam às próprias imagens femininas da república e do Distrito Federal, por não estarem mobilizadas para as comemorações do centenário da independência que se anunciava no porvir¹⁰¹.

⁹⁷ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 4 mar. 1920.

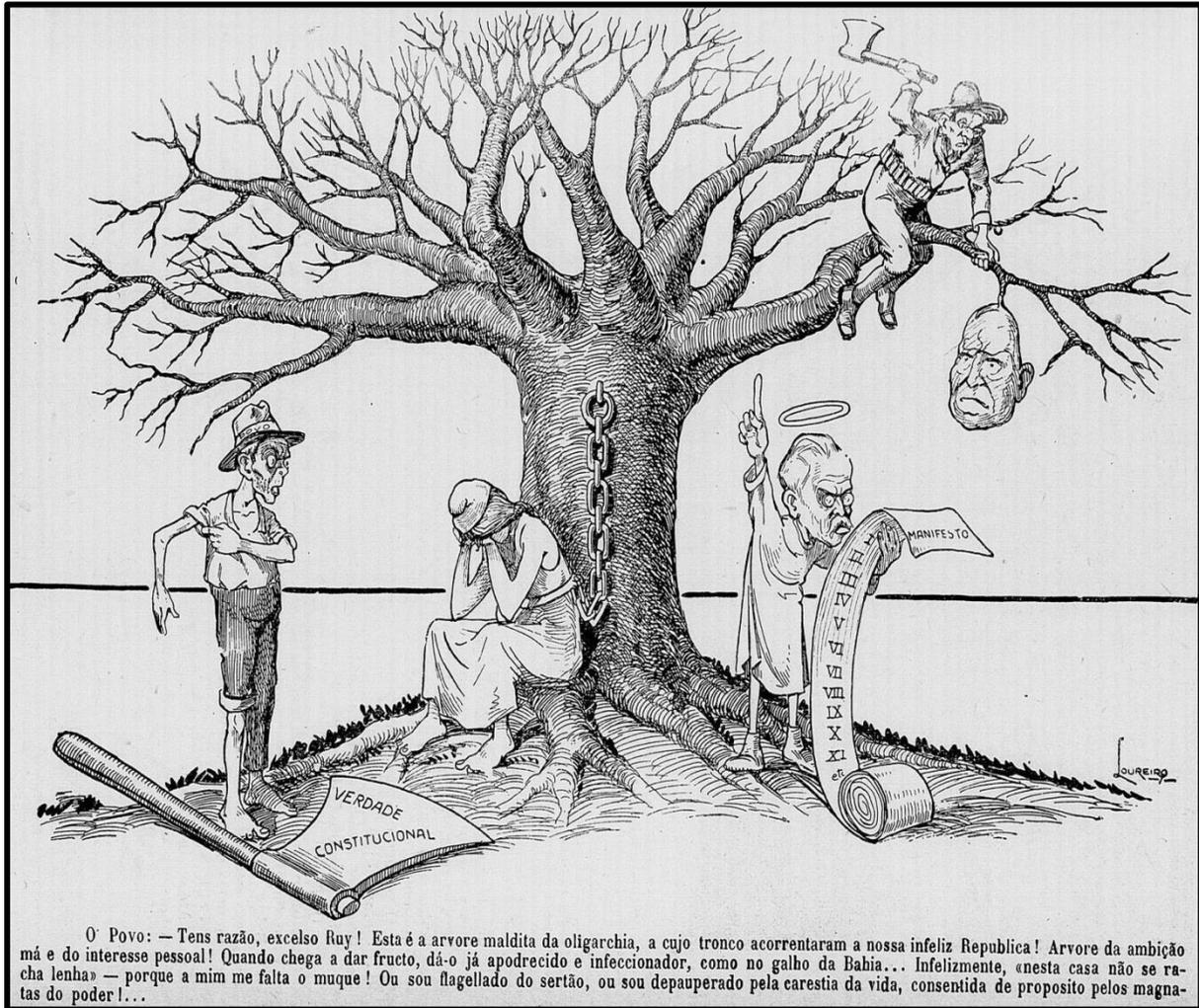
⁹⁸ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 11 mar. 1920.

⁹⁹ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 1º abr. 1920.

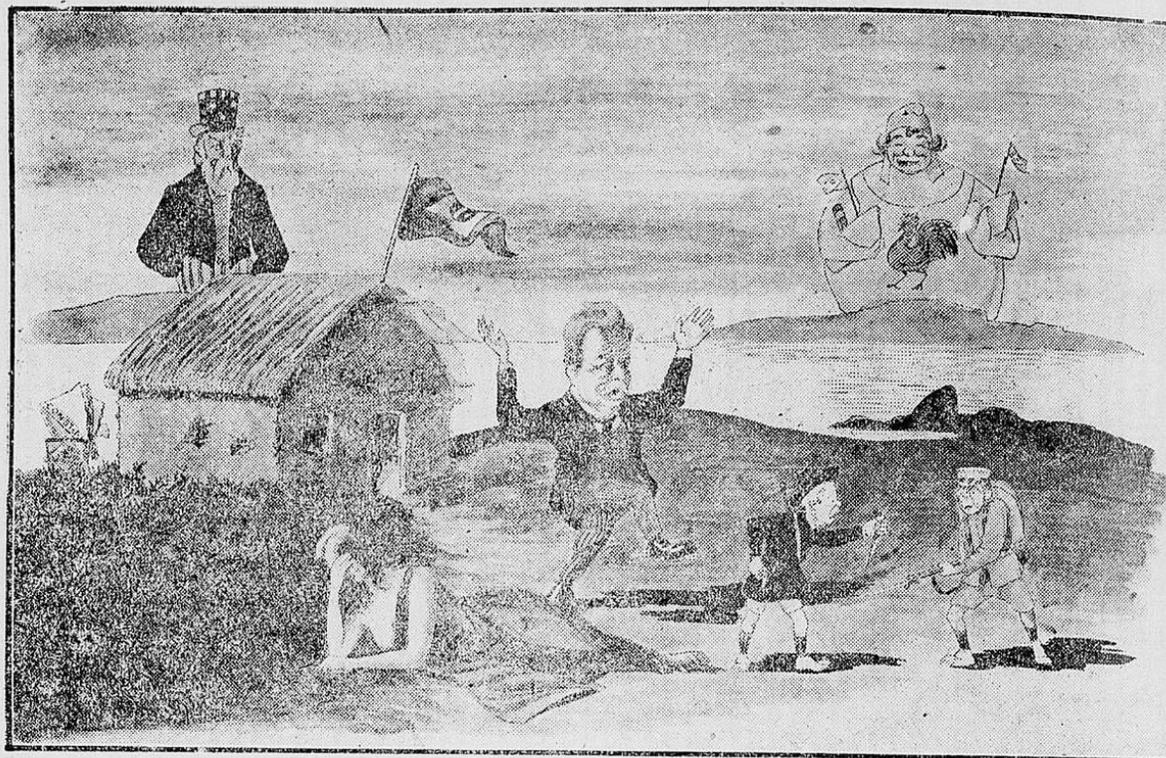
¹⁰⁰ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 15 abr. 1920.

¹⁰¹ JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro, 29 abr. 1920.





Desharmonia em família



O irmão que por suas próprias mãos, arma questões e luctas entre seus irmãos, para desespero e magoa da infeliz mãe, não é humano, e sim um degenerado.

Assim acontece agora, no «caso da Bahia».

O degenerado J. J. atirou irmãos contra irmãos, enquanto a infeliz mãe, a Republica, assiste sem poder intervir, a essa lucta inglória, a essa lucta fratricida, provocada pela politicagem sordida, pela ambição desmedida de um máo patriota, de um falso brasileiro, de um filho deshumano.



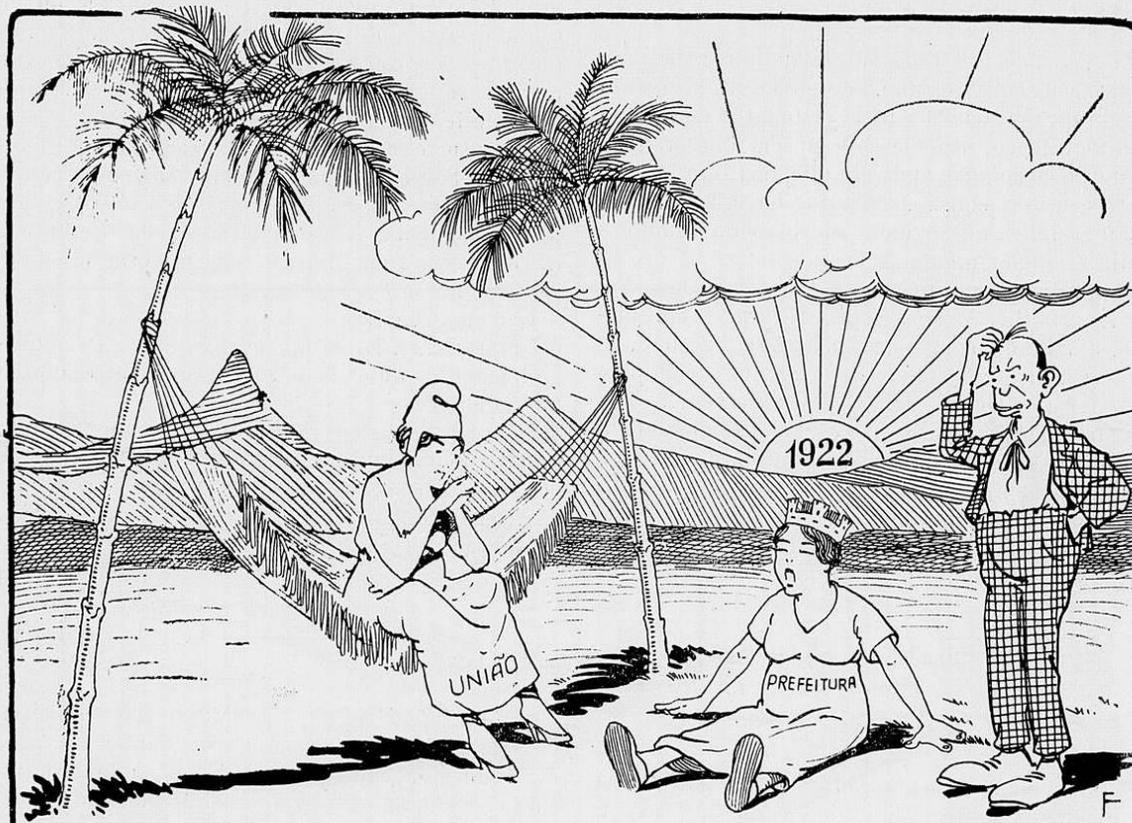
Augmenta de cá, aumenta de lá



Funcionario — Obrigado, patria amada, idolatrada! O que tu me aumentaste não chega para a cova de um dente... dos agiotas, e muito menos para o *mais* que esta gente me arranca!... Em todo o caso, agradeço, porque... podia ser peor...

Deus as fez...

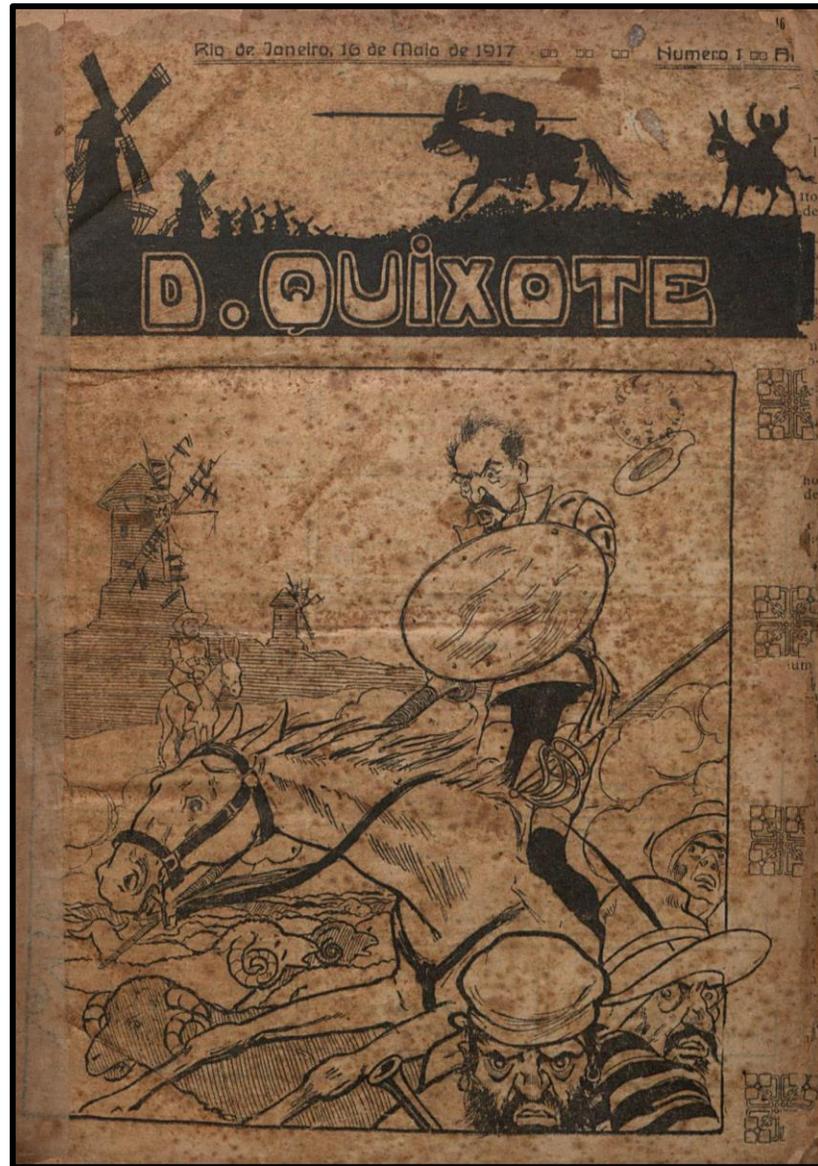
Todos os jornaes estranham e criticam a pasmaceira da União e da Prefeitura do Distrito Federal, as quaes até hoje ainda não decidiram cousa alguma sobre á commemoração do proximo centenario da Independencia. (*Nossas notas*).



Cidadão Zé — Oh! senhores! E estas duas «estafermas» que não se movem!... Querem ver que vão transferir a data do centenario para quando se annunciarem? para quando acabarem de bocejar e dormir?!...

Editado no Rio de Janeiro entre 1917 e 1926, o *D. Quixote* se anunciava como um “jornal moderníssimo por excelência”. Os personagens da obra de Cervantes, a qual lhe dava o título tornaram-se os principais articuladores da publicação com o seu público leitor e, ao apresentar-se, demarcava em versos: “Montando o Rocinante, a lança em riste/ Com Sancho Pança, no seu burro, à ilharga,/ Prepara D. Quixote a airosa carga/Contra tudo o que é mau, que é falso e é triste!”. Garantia que “nada no mundo” lhe embargaria o passo, tendo por seu ideal o riso, “pregando a troça, a graça, o humor, o chiste. Ainda assim, sustentava que “pobres, ricos, políticos, burgueses” não precisariam temer o “seu riso de ironia”, pois, na condição de “cavaleiro andante da alegria”, viria a colocar “guizos nos arneses” de “seu corcel”. A redação ainda declarava que o semanário seria “ecclético”, tendo “um pouco de tudo”, além do que, “a brincar” trataria “muito a sério os assuntos solenes”, tendo por divisa a expressão “toda a verdade dita a sorrir”. Desse modo esclarecia que, “em política, em literatura, em teatro, em todos os fatos da vida social”, teria “uma opinião clara, franca, impassível, insuspeita e impeitável”, sempre a dizer tudo “sorrindo”¹⁰².

¹⁰² D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, 16 maio 1917.



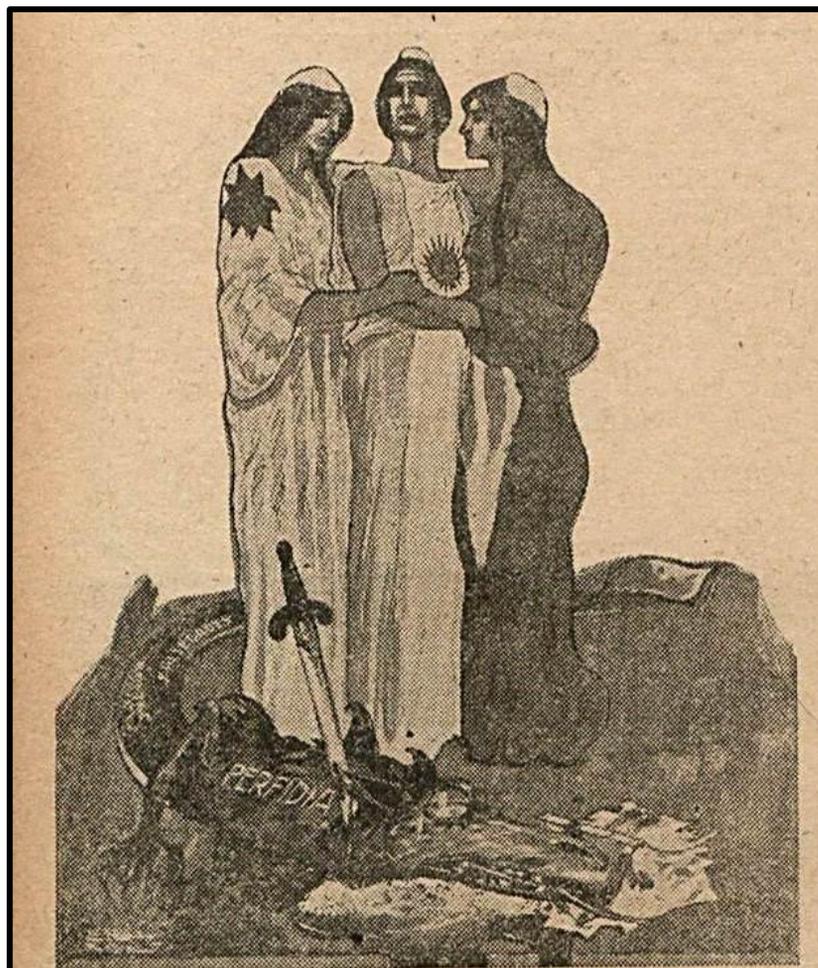
Não foram poucas as vezes que o *D. Quixote* lançou mão da estratégia imagética envolvendo a alegoria republicana¹⁰³. Foi o caso da representação que se inspirava em uma união pan-americana em torno do conflito bélico que se expandia no contexto mundial, perante o qual deveria haver a congregação dos países sul-americanos, mostrando “os aliados de ontem e de hoje”, com a reunião entre as mulheres-república que simbolizavam Brasil, Argentina e Uruguai, irmanadas para vencer o “dragão da perfídia”, ao passo que, no tempo presente, eram os soldados das três nações, que se reuniam para enfrentar o monstro do “prussianismo”, em referência ao imperialismo germânico¹⁰⁴. Perante os conchavos políticos traduzidos por meio de condecorações consideradas indevidas pelo periódico, uma caricatura mostrava os homens públicos confraternizando, enquanto a república, associada também à constituição, com os trajes em farrapos, escondia a face, corada e prenhe em vergonha¹⁰⁵. Em época do Dia da República e do Dia da Bandeira, o pavilhão nacional era destaque na propaganda de uma marca de produtos alimentícios, contornando o corpo da dama republicana, que substituía as vestes e o barrete tradicionais por vestimentas hodiernas¹⁰⁶.

¹⁰³ Ver o número 73 desta Coleção.

¹⁰⁴ D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, 14 nov. 1917.

¹⁰⁵ D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, 16 jul. 1919.

¹⁰⁶ D. QUIXOTE. Rio de Janeiro, 26 nov. 1919.



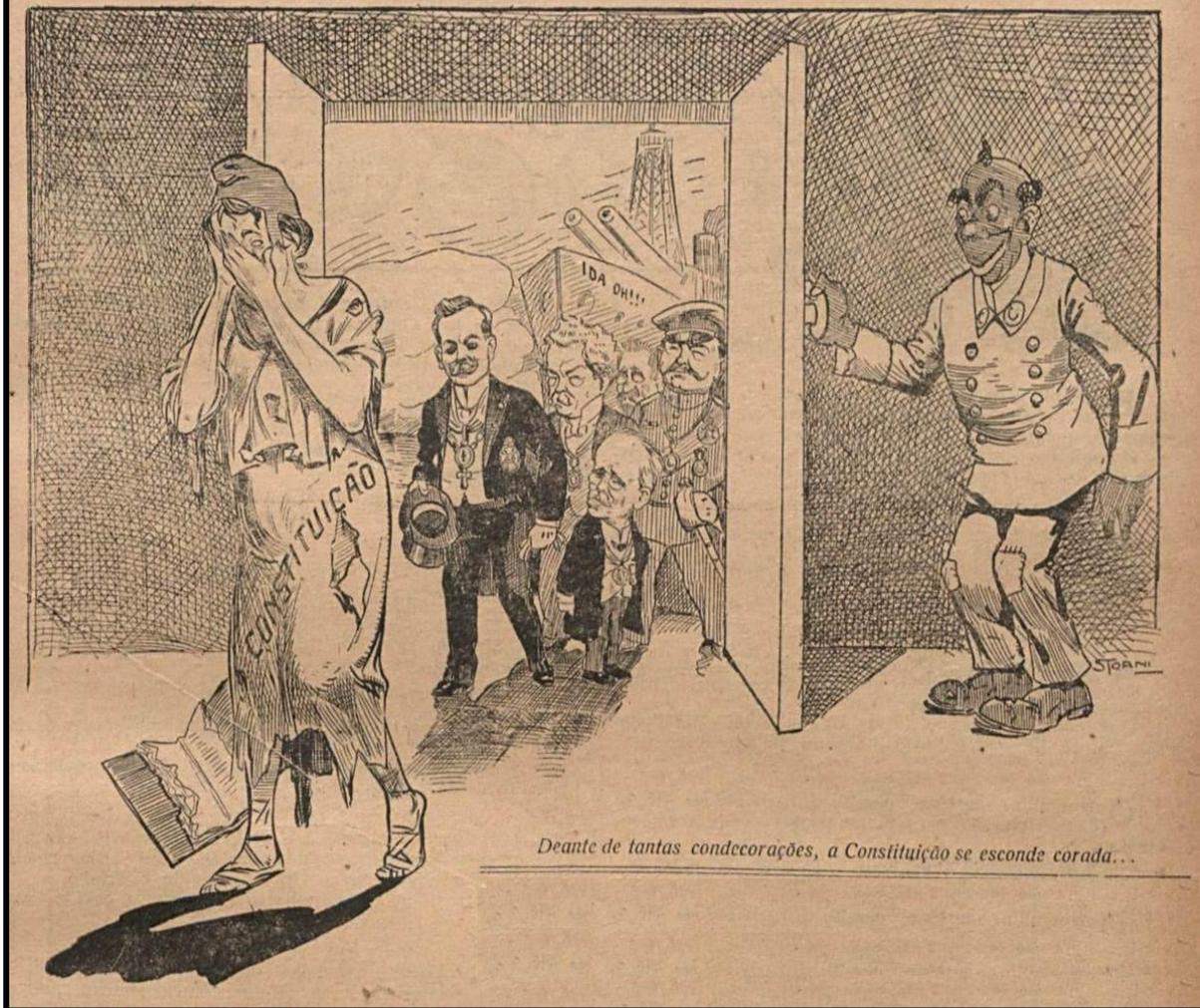
TUDO NOS UNE,

NADA NOS SEPARA

*El dragon de la perfidia
usó en vano su rencor ;
que lo que ha unido el amor
no lo separa la insidia.*



D. QUIXOTE



D. QUIXOTE



The illustration depicts a woman in a dark, sleeveless dress and a wide-brimmed hat, holding the Brazilian flag. The flag is shown in a dynamic, flowing manner. The word 'LACTA' is written in large, bold, serif capital letters across the top of the flag. The background is a textured, stippled pattern. The entire scene is framed by a double-line border.

Em qualquer parte que se desfralde, a bandeira nacional faz lembrar aos povos da terra que no Brasil se fabrica o LACTA, o melhor e mais saboroso dos chocolates.

Outra revista ilustrada que circulou no Rio de Janeiro entre 1924 e 1931 foi intitulada *Brasil social*. Segundo a redação do periódico, era devido “à imprensa, benefício providencial com que Deus dotou a sociedade, o progresso espantoso das artes, a correção e polidez dos costumes”, bem como a “civilização que nos permite assimilar o que há de aproveitável nos outros povos”. Ao jornalismo também cabia a difusão do “conhecimento da nossa própria história, o prazer de ouvir os rasgos de nossos heróis, a suavidade de nossos poetas, os surtos de nossos oradores, todo o cabedal de nossas letras” e “o tesouro da ciência pátria”. A folha ilustrada pretendia constituir uma publicação vinculada à “fé”, à “sã moral” e ao “bom senso da sociedade”, além de promover “o verdadeiro progresso e a grandeza do Brasil”. Observava a imprensa “pelo prisma do interesse patriótico, moral, religioso e literário”, concorrendo “para o lustre do Brasil” e para “sua prosperidade moral”, tendo em vista que “religião e língua são os mais poderosos laços que conservam as nações unidas”¹⁰⁷.

¹⁰⁷ BRASIL SOCIAL. Rio de Janeiro, 15 nov. 1924.

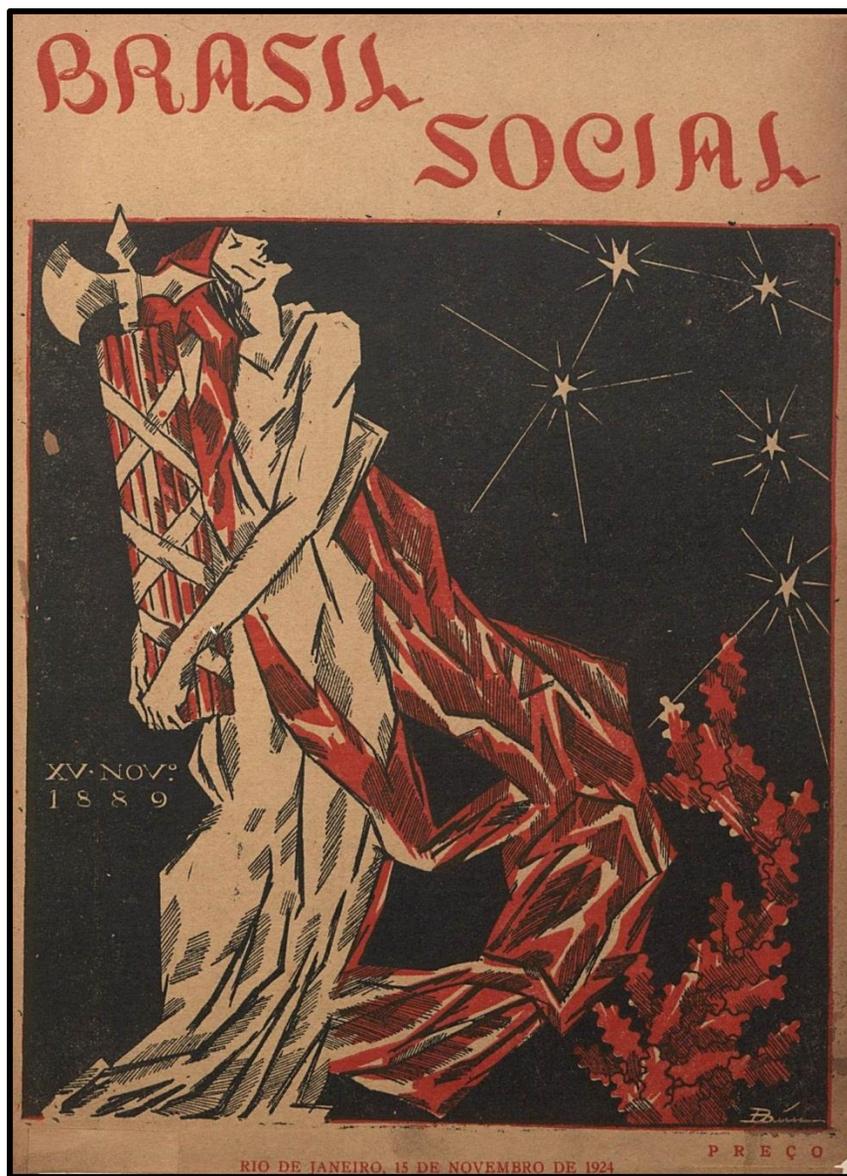


Brasil social definia a si mesma como uma “revista de orientação católica”¹⁰⁸ e se anunciava como “grande revista ilustrada, quinzenal, estética, moral e apologética”. Dizia ter “larga circulação em todos os municípios e paróquias do Brasil, particularmente no Rio de Janeiro e demais capitais do país”, trazendo “interessante noticiário e sugestivas seções sobre ciência e literatura; filologia e pedagogia; religião e arte; história e geografia; humorismo e mundanidades; modas e figurinos; indústria e comércio; esporte e higiene; palcos e telas”, apresentando “tudo em agradável estilo ao alcance de todas as inteligências”. Além disso, declarava ser “a revista de maior número de assinantes no Rio de Janeiro”, vindo também a anunciar a oferta à sociedade de “uma biblioteca para leitura e instrução das senhoras de nossa sociedade”. Como uma “revista genuinamente católica”, se negava a aceitar “correspondência ofensiva à religião ou à moral católica”¹⁰⁹. A presença da dama republicana já se dava na capa da primeira edição da magazine religiosa, em figura estilizada que homenageava o 15 de Novembro de 1889. Em uma noite estrelada, ainda que levasse a cabeça o símbolo libertário do barrete frígio, a figura feminina carregava o fasces, instrumental formado por varas e machado, destinado ao controle da sociedade, por meio da lei e da repressão, e associado ao princípio da autoridade, bem de acordo com o espírito conservador da publicação carioca¹¹⁰.

¹⁰⁸ BRASIL SOCIAL. Rio de Janeiro, 1º dez. 1924.

¹⁰⁹ BRASIL SOCIAL. Rio de Janeiro, 15 jun. 1925.

¹¹⁰ BRASIL SOCIAL. Rio de Janeiro, 15 nov. 1924.



A dama do barrete frígido foi uma constante recorrência em meio à imprensa brasileira, notadamente no que se refere às revistas ilustradas. Associado a uma informação predominantemente visual, ainda que não abrisse mão do conteúdo textual, em geral mais breve e conciso em relação ao periodismo tradicional, tal gênero jornalístico muitas vezes lançou mão de alegorias para representar instituições intangíveis e inobserváveis aos olhos, de modo a traduzir certos significados concernentes ao entendimento do público leitor. Para tanto a dama republicana teve um papel essencial, de maneira a simbolizar uma forma de governo que se consolidava durante a República Velha, trazendo-lhe uma face, um corpo e, normalmente, uma indumentária típica, que possibilitassem uma identificação imediata daquilo que estava sendo tratado. Assim, por meio de gravuras e caricaturas surgia nas magazines ilustradas uma mulher-república que poderia variar de uma gloriosa representante do regime instituído em novembro de 1889 até a mais decaída personalidade feminina, refletindo os desacertos cometidos durante a caminhada republicana.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

